



Instituto Politécnico de Beja

Escola Superior de Educação

Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor

TEATRO E INCLUSÃO

**A IMPORTÂNCIA DO TEATRO NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE
JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL E DE
DESENVOLVIMENTO**

Tânia Maria de Jesus Brito dos Santos

Beja

2023



Instituto Politécnico de Beja

Escola Superior de Educação

Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor

TEATRO E INCLUSÃO

**A IMPORTÂNCIA DO TEATRO NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE
JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL E DE
DESENVOLVIMENTO**

Orientação: Professora Doutora Sandra Lopes

Elaborado por: Tânia Maria de Jesus Brito dos Santos

Beja

2023

Por ti, Gaspar.

Por ti e pelos manos.

Por ti, pelos manos, e pelo pai.

E por todos aqueles que, precisam que lhe seja dada oportunidade de estabelecer

Empatia.

Agradecimentos

Agradeço à minha família pelo amor, pelo orgulho e pelo incentivo que me dão para seguir os sonhos e atingir os objetivos.

Retribuo aos meus colegas de Mestrado o companheirismo, o brilho nos olhos, por quereremos tanto transformar o mundo num lugar mais justo e mais digno para todos.

Agradeço às minhas amigas e aos meus amigos que sempre me encorajaram dando-me força e amparo.

Deixo um agradecimento muito especial à minha orientadora, Professora Doutora Sandra Lopes, que me trouxe a força, o encorajamento e a sabedoria que eu tanto precisava.

A todos os professores que fizeram parte deste Mestrado.

À Humanitas - Federação Portuguesa para a Deficiência Mental - pela bolsa que me foi atribuída e por se dedicarem a quem precisa que lhe seja dada voz e oportunidade.

Ao meu Teatro do Mar pela disponibilidade de abraçar projetos desafiadores e inclusivos. Por me dar e ser casa, ser lugar de estímulo e incentivo.

Agradeço à Cercisiago e às técnicas pelo acolhimento, pela recetividade e carinho com que fomos recebidos e acompanhados.

Um enorme e especial agradecimento aos jovens participantes deste estudo pela forma como se dedicaram, se relacionaram, se abraçaram e conquistaram o lugar que lhes pertence por direito, o espaço que devem ocupar, a visibilidade que devem ter. Ganharam um lugar muito especial no meu coração e no coração de todos aqueles que partilharam connosco os momentos de “Empatia”.

A todas e a todos muito obrigada!

Resumo

O Teatro foi, ao longo da evolução humana, um retrato das experiências sociais e do modo de pensar dos tempos. As práticas do teatro e da expressão dramática fomentam uma maior capacidade de escuta e conhecimento pessoal e do outro, podendo constituir uma importante fonte de socialização e de aprendizagem para as pessoas com e sem deficiência. O presente estudo pretende compreender se a prática teatral pode ser uma ferramenta de promoção de relações sociais entre jovens com e sem Deficiência Intelectual e de Desenvolvimento (DID).

Foram implicadas duas instituições: Teatro do Mar e Cercisiago. Juntou-se jovens sem deficiência intelectual, alunos do Serviço Educativo do Teatro do Mar, com jovens e adultos com deficiência intelectual, utentes da Cercisiago, para participar em sessões de Teatro e Expressão Dramática. Foi este o desafio lançado. Uma viagem e uma experiência que entendeu que a barreira da deficiência pode ser corrompida e os laços afetivos e sociais podem ser promovidos através da prática teatral.

Palavras-chave: Teatro. Inclusão. Deficiência Intelectual. Relações Sociais.

Abstract

Theater has been, throughout human evolution, a portrait of social experiences and the way of thinking of times. The practices of theater and dramatic expression encourage a greater ability to listen and know oneself and others, and can be an important source of socialization and learning for people with and without disabilities. The present study aims to understand whether theatrical practice can be a tool for promoting social relationships between young people with and without Intellectual and Developmental Disabilities (IDD).

Two institutions were involved: Teatro do Mar and Cercisiago. Young people without intellectual disabilities, students from the Teatro do Mar Educational Service, came together with young people and adults with intellectual disabilities, from Cercisiago, to participate in Theater and Dramatic Expression sessions. This was the challenge launched. A journey and an experience that understood that the barrier of disability can be corrupted, and affective and social bonds can be promoted through theatrical practice.

Keywords: Theatre, Inclusion. Intellectual Disability. Social Relationships.

Índice

Introdução	7
I. Enquadramento Teórico	9
1. Deficiência Intelectual e de Desenvolvimento (DID) – conceito e perspectivas	9
2. Modelo de Sociedade Inclusiva – a democratização da cultura ou a democracia cultural?	10
3. Educação Inclusiva	13
4. Educação e Arte: cruzamentos para a inclusão	16
5. O Teatro como estratégia inclusiva	19
6. Benefícios da Expressão Dramática na Educação	23
7. Expressão Dramática e Teatro – do processo ao produto	25
II. Estudo Empírico	27
1. Problemática e a sua Contextualização	27
2. Questão de partida, objetivos e hipóteses de investigação	28
3. Modelo de análise	29
4. Método de Investigação	30
5. População e Amostra	33
5.1 Caracterização dos participantes	34
5.2 Caracterização das Instituições	35
6. Técnicas de recolha e tratamento de informação	37
6.1 Técnicas de recolha de informação	37
6.2 Procedimentos de aplicação	40
6.3 Procedimentos no tratamento da informação	43
III. Projeto Laboratório de Teatro Inclusivo	45
1. Projeto - Laboratório de Teatro Inclusivo	45
2. Plano de ação	45
2.1 Estratégias	50
2.2 Descrição das atividades no guião do exercício Performance “Empatia”	51
3. Recursos humanos e materiais	53

4. Formas de avaliação	53
5. Análise, discussão de resultados e avaliação do projeto	54
6. Avaliação final	87
Conclusão	96
Referências bibliográficas	99
Apêndices	a
Apêndice 1 – Descrição das sessões	a
Apêndice 2 – Grelhas de observação	s
Apêndice 3- Diários de Bordo (exemplos)	u
Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo	m
Apêndice 5 – Guião de entrevista	ii
Apêndice 6 - Entrevistas	kk
Apêndice 7 – Folha de sala do espetáculo “Empatia”	tt

Índices de figuras

Figura 1: Modelo de Análise	29
Figura 2: <i>Representação de um Modelo de I-A, Espiral de ciclos</i>	31
Figura 3: <i>Tabela: “Como te sentiste hoje?”</i>	41
Figura 4 : <i>Painel final da tabela “Como te sentiste hoje?”</i>	44
Figura 5 : Foto de grupo tirada na 1ª sessão	55
Figura 6: <i>Jogo “O grande dragão”</i>	56
Figura 7: Exercício de aquecimento (a) e trabalho de grupo (b-c)	58
Figura 8: <i>Trabalho em grupo</i>	60
Figura 9: <i>Exercício a pares</i>	63
Figura 10: Exercício de improvisação	65
Figura 11: <i>Exercício a pares</i>	66
Figura 12: Momento de registar nos Diários de Bordo.....	68
Figura 13: <i>Exercício de aquecimento com balões</i>	70
Figura 14: <i>Exercício “Animais nas costas”</i>	72
Figura 15: <i>Fotografia do 1º ensaio do “Empatia”</i>	74
Figura 16: Momento do registo no Diário de Bordo	75
Figura 17: Chegada à Cercisiago	76
Figura 18: Ensaios “Empatia	78
Figura 19: <i>Ensaios “Empatia”</i>	79
Figura 20: Ensaios "Empatia"	81
Figura 21: Ensaios "Empatia"	83
Figura 22: Espetáculo "Empatia" apresentado na MAR.....	85
Figura 23: Espetáculo "Empatia" apresentado na MAR.....	85
Figura 24: Espetáculo "Empatia" apresentado na MAR.....	86
Figura 25: Espetáculo "Empatia" apresentado na MAR.....	86

Introdução

Sendo o teatro uma ferramenta que pode estimular e desenvolver competências sociais, cognitivas e motoras, ajuda a uma maior consciencialização do corpo, descobrindo a sua capacidade de expressão, do movimento e até mesmo de comunicação. A sua prática contribui para o desenvolvimento de competências criativas e de relação consigo mesmo, com o outro e o mundo. Neste sentido, coopera substancialmente em processos de inclusão. A arte e a educação devem ocupar um papel relevante e servir como instrumentos de socialização e afirmação do sujeito: a arte como um meio, um método, no que é intrínseco no seu processo, e não exatamente no produto final. A arte do teatro é uma ferramenta que nos aproxima, que ajuda a reconhecer o que temos de semelhante e o que nos diferencia. A sua prática colabora para valorizar a diferença ao invés de a identificar somente como dificuldade, derruba barreiras, ajustando e entendendo a diversidade como valor acrescido, como o todo que é a pluralidade humana, em toda a sua dimensão e complexidade. Assim, colocou-se a questão de partida: Em que medida o teatro é um instrumento promotor do processo de inclusão social de jovens e adultos com DID?

Propomo-nos promover relações sociais, com base na prática teatral, entre os jovens com e sem DID.

Para a investigação foi necessário criar o cenário correspondente e envolver os atores indicados. Foram implicadas duas instituições - a companhia Teatro do Mar e a Cercisiago - que contribuiram para o desenvolvimento prático do projeto de investigação: juntar jovens sem deficiência intelectual e jovens ou adultos com deficiência intelectual fazendo-os participar em sessões de Teatro e Expressão Dramática.

Este estudo investigativo assume uma natureza de cariz qualitativo assente numa metodologia de investigação ação. Esta metodologia adequa-se quando o objetivo é promover mudanças ou melhorias. É exatamente essa a motivação: promover mudança, encontrar lugar para todos e para cada um.

Numa primeira fase, foi efetuado um enquadramento teórico contendo uma revisão bibliográfica acerca do tema, tendo como base vários autores. Considerou-se fundamental abordar o modelo de sociedade inclusiva e a democratização da cultura, como espaço aberto e acessível a todos. Abordou-se também Educação e Arte e a

importância deste cruzamento e transversalidade. Usou-se o Teatro como ferramenta estratégica inclusiva, como estímulo artístico, e benefícios que lhe estão subjacentes para o desenvolvimento do indivíduo e do grupo. Na segunda fase, apresenta-se o estudo empírico e o modelo de investigação fazendo referência ao objeto em estudo, aos métodos e técnicas de recolha de dados, o seu tratamento e respetivos procedimentos, e especifica-se as instituições envolvidas e os participantes. Na terceira fase do estudo, identificou-se o projeto e o seu plano de ação, as estratégias escolhidas para o desenvolver, os recursos e materiais, as formas de avaliação e os respetivos resultados. Por fim a avaliação final, a conclusão onde se apresenta uma reflexão final sobre todo o processo de trabalho e os desafios colocados à investigadora.

Um trabalho de investigação teórico e prático desta natureza, revela-se de extrema importância para a especialização, porque para além de se enquadrar numa visão democrática da educação, focou-se em práticas educativas com alvo na investigação académica, mas também humana dos processos, nomeadamente no sentido de um entendimento mais amplo do papel das emoções, na área da educação inclusiva. As potencialidades, e também as limitações encontradas, permitem desenhar caminhos de ação futura para encontrar novas formas de trabalhar a inclusão, imprimindo nas suas práticas a construção de uma cultura de investigação, reflexiva, que permita a evolução do conhecimento e de novas metodologias de trabalho prático, que ampliem o campo de ação de qualquer profissional, diante do desafio e da singularidade de cada indivíduo ou grupo.

Acreditando no conceito de inclusão e que o investimento na educação poderá tornar este conceito num espaço real, considerando que há lugar para todos e que a diversidade pode ser uma mais valia, este estudo poderá comprovar que é possível haver práticas e metodologias inclusivas que dão espaço e oportunidades em equidade e que conduzam a resultados positivos. O mesmo servirá também, eventualmente, como contributo orientador para quem quiser recorrer às práticas do teatro e à expressão dramática como uma ferramenta importante a aplicar em processos cujo objetivo seja a inclusão.

I. Enquadramento Teórico

1. Deficiência Intelectual e de Desenvolvimento (DID) – conceito e perspectivas

Por deficiência intelectual entende-se a proposta de Fonseca (2001), construído a partir da definição adotada pela Associação Americana de Deficiência Mental¹ como:

Uma limitação no processo adaptativo psicossocial presente no indivíduo, sendo caracterizada por um funcionamento intelectual significativamente abaixo da média, e coexistindo simultaneamente com limitações em duas ou mais das seguintes áreas adaptativas: comunicação, auto-suficiência, sociabilização, independência em casa e na comunidade, saúde, segurança, aprendizagem escolar, lazer e trabalho, tendo ela que se manifestar antes dos 18 anos de idade. (p. 99).

As limitações presentes na definição acima, referem-se a três aspetos essenciais: o funcionamento cognitivo, o comportamento adaptativo e o período de desenvolvimento. Assim, a “Deficiência Intelectual refere-se a limitações substanciais no funcionamento global do indivíduo, sendo esta condição diretamente ligada à inteligência do mesmo.” (Omote, 2003, p. 2). Para que se garanta qualidade de vida é fundamental ter-se em conta os aspetos da saúde física e mental, bem como aspetos sociais e culturais. Complementarmente, o funcionamento cognitivo “pressupõe sempre um determinado conceito de inteligência que poderíamos definir como a capacidade de um indivíduo para se adaptar, realizar, resolver problemas, interpretar futuros estímulos para modificar comportamentos, acumular conhecimentos” (Vieira & Pereira, 2012, p. 44). E, acresce, que o comportamento adaptativo pode ser considerado como uma capacidade da pessoa em lidar com os requisitos do meio, pode ser definido como “a eficácia ou o grau com

¹ Associação Americana de Deficiência Intelectual e Desenvolvimento (AADID), localizada em Washington, nos Estados Unidos, fundada em 1876, cujo primeiro manual foi escrito em 1921. É reconhecida internacionalmente por ser o órgão mais antigo na linha de pesquisa sobre deficiência intelectual, estabelecendo conceituações, classificações, modelos teóricos e orientações de intervenções em diferentes áreas.

que o indivíduo encontra o padrão de independência pessoal ou responsabilidade social esperada para a sua idade e grupo cultural.” (Grossman, 1983, p. 157 citado por Vieira & Pereira, 2012, p. 45).

O período de desenvolvimento que decorre entre o nascimento e os 18 anos – período onde se observam os défices no comportamento adaptativo e no funcionamento cognitivo para que a pessoa possa ser classificada como deficiente intelectual. Já na vida adulta “os indivíduos são vistos como mentalmente deficientes, quando são incapazes ou apresentam grandes dificuldades em realizar atividades vocacionais e assumir responsabilidades sociais.” (Vieira & Pereira, 2012, p. 47).

Em 1992 a AADID deixou de classificar a pessoa de acordo com o seu nível de deficiência (ligeira, moderada, grave ou profunda) e passou a fazer sentido atribuir importância à forma como a pessoa se adapta às condições de vida e às exigências do seu meio social. Ao invés de se classificar o foco passou a ser a consistência e a identificação dos apoios necessários para as pessoas DID melhorarem o seu funcionamento. Esta perspectiva impõe que a pessoa com deficiência seja encarada muito mais pelo lado das capacidades do que das incapacidades, muito mais como parte ativa e integrante da sociedade.

2. Modelo de Sociedade Inclusiva – a democratização da cultura ou a democracia cultural?

“A cultura é o parlamento dos nossos sonhos. A capacidade de nos representarmos nesse fórum cultural é a forma como podemos defender os nossos valores, identidades, experiências – e direitos.” (Matarasso, 2019, p. 85.)

Durante séculos foram praticados modelos segregadores relativamente às pessoas com deficiência, que tinham unicamente como foco a sua assistência e a proteção. A mudança deste padrão surge nos anos 70 através de práticas educativas mais humanistas e inclusivas. (Rodrigues & Nogueira, 2010).

Em Portugal e no mundo a perspectiva da sociedade relativamente às pessoas com deficiência evoluiu, refletindo-se nos distintos contextos culturais e políticos de cada época. O indivíduo com deficiência passou a ser encarado como cidadão, com plenos

direitos. Neste sentido a escola e as ações pedagógicas começaram a ser entendidas e a fazer parte do conjunto de necessidades específicas com o principal objetivo de potencializar as habilidades do aluno com base em avaliações de competências, ao invés de diagnósticos clínicos.

O papel do meio envolvente, as vivências e estímulos sociais, foram considerados nas práticas pedagógicas e, tidos em conta, no processo de desenvolvimento da criança. Estas mudanças cingiram-se às várias dimensões sociais e ao ambiente circunscrito da educação dos alunos e alargaram-se à comunidade geral. Consequentemente alargou-se também a perspectiva social em relação ao aluno com deficiência. Surgiu assim, em 1994, a Declaração de Salamanca. Documento elaborado na Conferência Mundial sobre Educação Especial com o objetivo de produzir diretrizes para a reformulação de políticas e sistemas educacionais de acordo com o movimento de inclusão social. Este documento deixou bem claro que: “cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem independentemente das suas características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias.” (UNESCO, 1994). Promoveu-se, assim, a criação e o desenvolvimento de um modelo de sociedade inclusiva que se baseia no princípio de que as pessoas têm todas o mesmo valor e que a sociedade deve empenhar-se para responder às diferentes necessidades de cada cidadão.

Para se poder desenvolver este modelo de sociedade, a visão inclusiva deverá ser uma inquietação transversal aos vários setores sociais, nomeadamente deve estar sempre presente na política social e cultural onde se tornou necessário promover uma conceção de cidadania global e, onde a cultura, assumirá um papel fundamental na construção da mudança de mentalidades e no abandono de preconceitos que possam constituir-se como obstáculos à inclusão. Em 2021, a Carta do Porto Santo, documento resultante de um trabalho decorrente de uma conferência realizada no âmbito da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, propõe um mapa orientador de princípios e de recomendações para aplicar e desenvolver um paradigma de democracia cultural em Portugal e na Europa. Nesse mesmo documento consta que “é necessário promover uma conceção de cidadania cultural baseada no pluralismo, no reconhecimento da multiplicidade de vozes e na valorização das diferenças.” (Conferência de Porto Santo, 2021, p. 4). A participação e o envolvimento de cada cidadão nas atividades culturais só

irá enriquecer a comunidade, valorizar cada um e ser espaço de manifestação das capacidades e potenciais individuais.

A participação de cada um em prol da cultura de todos, não pode deixar de ser, também, a valorização do indivíduo, da sua capacidade pessoal de intervenção no mundo, do seu potencial criativo e deliberativo individual, da sua liberdade de expressão. (Conferência de Porto Santo, 2021, p. 8).

O maior e o mais desafiante objetivo para a construção de uma sociedade inclusiva passa pelo desenvolvimento de uma sociedade capaz, onde todos têm acesso às mesmas oportunidades, nas várias dimensões: nas artes, na educação, no direito ao trabalho, no desporto, na política, nas relações sociais. No caso das pessoas com deficiência intelectual, potenciar o acesso às artes é essencial e é também fundamental que lhes seja facilitado. Como refere Matarasso (2019), sem esse acesso facilitado, é impossível trabalhar no sentido de gerar mudança social ou desenvolver a democracia cultural. Desse modo, o conceito de democratização de cultura, que parte da ideia de que as grandes obras de arte da humanidade se tornam acessíveis a um grande número de pessoas, deve ser reequacionado. Não basta tornar acessível é preciso criar condições para uma igualdade na acessibilidade. Deste modo, o conceito de democracia cultural é um conceito mais inclusivo, pois propõe uma horizontalidade de relações, e reconhece o indivíduo como sujeito cultural ativo e tem na sua conceção a noção da existência da diversidade cultural.

Tal como existiu uma mudança no padrão segregador do indivíduo com deficiência, na mesma década surgiu o conceito de democracia cultural, que coloca em discussão o valor e o efeito de ampliar o acesso às artes como formas facilitadoras de uma maior inclusão social. Matarasso (2019) refere que:

A democratização cultural, como era mais formalmente denominada, tinha sido a pedra basilar da política cultural da Europa Ocidental durante 30 anos, mas o seu sucesso relativamente à diversificação de públicos para a arte erudita tinha-se revelado limitado. Pior ainda, abrir a cultura às massas começava a afigurar-se

como uma ideia paternalista dos radicais desenvolvimentos políticos e artísticos da década de 1960. (Matarasso, 2019, p. 81).

Os artistas questionavam nas suas práticas os valores democráticos das artes, da cultura e da educação e evocavam, nesse questionamento, uma sociedade socialmente mais justa. Através da arte as pessoas, concluem, podem afirmar, questionar e promover, num diálogo amplo, espaços de encontro onde se expressam identidades, crenças e experiências num contexto de diversidade social. Através da arte conhecemos a realidade complexa de todas as vidas, incluindo a nossa própria. Uma sociedade democrática tem inerente a existência de uma vida artística em que todos possam participar de forma livre e em equidade, oferecendo condições que permitam “às pessoas escolher ser participantes ativos ao invés de meros recetores passivos de cultura.” (Matarasso, 2019, p. 82).

3. Educação Inclusiva

No acompanhamento da mudança de mentalidades nos vários campos da sociedade, a escola abre portas e espaço para um novo modelo educacional que pretende garantir o acesso e a participação de todos os alunos, independentemente das suas características, necessidades, habilidades, origem, género ou qualquer outra forma de diversidade: defesa de um modelo de Educação Inclusiva. Ainscow (1991) citado por Sanches & Teodoro (2007) “A escola inclusiva, a escola de qualidade para todos os alunos faz-se por aqueles que se encontram em situações problemáticas e por todos os que no momento não vivenciam essas situações.” (p. 108)

Este modelo reconhece e valoriza a igualdade de oportunidades quer na educação quer na vida ativa. No que diz respeito às atividades escolares regulares, a Educação Inclusiva vai muito além da mera integração. Ela pressupõe corresponder às necessidades individuais de cada aluno eliminando barreiras sejam estas físicas, pedagógicas e/ ou de procedimento.

A criação de escolas inclusivas implica considerar as três dimensões que a mesma incorpora: a dimensão ética, referente aos princípios e valores que se encontram na sua génese; a dimensão relativa à implementação de medidas de política educativa que promovam e enquadrem a ação das escolas e das suas comunidades

educativas e a dimensão respeitante às práticas educativas, não podendo nenhuma delas ser negligenciada. (Ministério da Educação, sem data).

Segundo Rodrigues (2020), Inclusão é um processo de uma reforma educacional que se desenvolve nas escolas e que busca suprimir as barreiras à aprendizagem. Este processo implica ver a escola como um espaço onde TODOS têm lugar para aprender. A construção de uma *Escola para Todos* deverá assumir um estatuto pedagógico e organizacional.

A promoção de uma igualdade de oportunidades de acesso e de sucesso, com a participação de todos e o respeito pela diversidade individual e cultural dos alunos, através da inclusão na escola, bem como da inclusão da escola no meio local, permitirá uma intervenção integrada, no sentido da elevação do nível educativo da população. (Sil & Lopes, 2005, p. 2989).

Esta abordagem reconhece que todos os alunos têm direito a uma educação de qualidade e que a diversidade contribui para um ambiente de aprendizagem. Como referem os autores Vieira & Pereira (2012).

À uniformidade temos de opor a diversidade; à exclusão temos que opor a participação; ao antagonismo temos que opor a complementaridade; aos conflitos étnicos, o interculturalismo; à segregação, a integração; à lógica do lucro, a lógica da realização do homem; à exploração, a cooperação; à intolerância, a tolerância; à xenofobia, o respeito pela diferença; à lógica do eu o outro, a lógica do eu e o outro, ou melhor, do eu com o outro. (p.19).

A educação inclusiva enriquece e beneficia os alunos com necessidades especiais, mas também os demais alunos que com eles interagem, promovendo uma educação mais equitativa, empática e solidária. Mead (1970) citado Vieira & Pereira (2012, p. 20) diz que:

Perante a iminência de uma catástrofe planetária, fruto envenenado de um certo sentido perverso do progresso humano, temos que preservar o “mosaico” biológico e humano na sua diversidade e complementaridade. Os deficientes, as minorias, os diferentes são uma peça imprescindível desse “mosaico”. Sem eles, continuaríamos uma humanidade incompleta. Empobrecida. Ameaçada.

Na conquista desta mudança de perspectiva relativamente às pessoas com deficiência, valorizando a diversidade e o direito à diferença, também se fez sentir na sociedade ações comprometedoras de prisms inclusivos. Em Portugal, implementou-se este compromisso processual de Educação Inclusiva, a partir do decreto lei nº 54/2018, de 6 de julho, que:

Estabelece os princípios e as normas que garantem a inclusão enquanto processo que visa responder à diversidade das necessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos, através do aumento da participação dos processos de aprendizagem e na vida da comunidade educativa (nº 1 do artigo 1º. Decreto Lei nº 54/2018, de 6 julho).

O impacto que a Educação Inclusiva tem na sociedade é considerável nas diversas áreas e extensões, nomeadamente; na igualdade de oportunidades, na valorização da diversidade, no combate ao preconceito, no desenvolvimento de habilidades sociais, na preparação para a vida em comunidade e no avanço da educação como um todo. As transformações políticas e sociais que daí advêm geram mudança nas práticas e nas estruturas educacionais e vice-versa sempre numa perspectiva de participação plena e ativa na sociedade.

A inclusão desempenha um papel importante nos contextos educativos, e sociais, porque oferece aos alunos oportunidades iguais, sem distinção ou discriminação. Aos alunos com deficiência dá-lhes a possibilidade de estímulo, de desenvolvimento de todas as suas potencialidades. A inclusão promove coesão social. As sinergias das relações sociais estabelecem a possibilidade de promover e desenvolver relacionamentos, construir amizades, por em execução o respeito, a empatia e a entre ajuda.

4. Educação e Arte: cruzamentos para a inclusão

“O Sonho da igualdade só cresce no terreno do respeito pelas diferenças.”

Augusto Cury (Poetris, 2023).

A arte e a educação são indissociáveis e devem ocupar um papel importante no processo de inclusão e servir como ferramentas/contextos de sociabilização à afirmação do sujeito. Pensar na arte como um meio e não como produto final acreditando no seu poder incitador de integração e construção de uma verdadeira cidadania partilhada.

A educação deve ser um processo não apenas de individualização, mas também de integração que é a reconciliação da singularidade individual com a unidade social. (...)Sob este ponto de vista, o individuo será “bom” na medida em que a sua individualidade se realiza dentro da totalidade orgânica da comunidade. (Read, 2007, p.18).

Ver a arte e a sua importância enquanto prática de inclusão, assim como a educação visa com a capacidade de promover o desenvolvimento individual na conquista da unidade social. A Arte oferece a possibilidade de entender e estimular os sentidos, os pensamentos, a imaginação sendo que o retorno é a compreensão da sua existência, do meio e do outro, numa perspectiva individual e/ou social. A Arte é uma excelente ferramenta para desenvolver e estimular as habilidades cognitivas do sujeito permitindo-lhe identificar-se como ser capacitado em manter conexões e em intervir nos contextos socioeducativos.

As artes podem ser uma ferramenta para reforçar uma ampla gama de habilidades interpessoais e sociais, como colaboração, empatia e trabalho em equipe. Como seres sociais, faz parte da experiência humana trabalhar de forma coletiva; a educação artística é adequada e tem condições para atender a essa necessidade. (UNESCO, 2020, p. 2).

Vygotsky, na sua reflexão sobre o desenvolvimento humano, defende exatamente a mesma perspectiva, a de que o meio envolvente influencia o desenvolvimento global do indivíduo. Vygotsky foi um dos primeiros psicólogos a destacar o papel da cultura, estimulada pela interação entre parceiros sociais e mediada pela linguagem, no processo de cognição. Como referiu este autor “A complexa estrutura humana é produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social.” (Vygotsky, 1989, p.33). Neste sentido, será através do modo como o ser humano se sociabiliza, através dos seus costumes, cultura, meio e conhecimento, que começa a interiorizar valores e a criar a sua identidade.

Na mesma linha de pensamento, Read (2007), um dos principais representantes do movimento da educação pela arte, acredita que aquilo que influencia o ser humano está associado às suas histórias e experiências, bem como, à sua capacidade de ajustamento ao lugar em que está inserido. Nesta perspectiva, a arte aparece exatamente como forma de expressar sentimentos, entender o mundo e sentir-se parte dele. A sua tese é a de que a arte deve ser a base da educação. Sendo que a educação, na perspectiva da psicologia moderna, “deve ser um processo, não apenas de individualização, mas também de integração, que é a reconciliação da singularidade individual com a unidade social”. (Read, 2007, p. 18).

Oliveira (2020, p. 119) cita Gardner onde este afirma que “A educação precisa justificar-se realçando o entendimento humano de que todos os indivíduos têm potencial para ser criativos, mas só serão se quiserem.” Ou seja, todas as pessoas são capazes de desenvolver suas inteligências de acordo com suas singularidades, até mesmo aquelas com deficiência, visto que cada uma detém um potencial. Nesta perspectiva não se deve estrangular as capacidades dos indivíduos, pelo contrário, precisa-se é de orientar as capacidades de cada um e reajustá-las ao processo tendo em conta as suas características e potencialidades. O papel da Arte na Educação Inclusiva atua ao facultar um envolvente multiplicador de aprendizagens, um despertar de vontade de aprender através daquilo que gera prazer. Desenvolver potencialidades em alunos com necessidades especiais requer compreender as necessidades específicas de cada aluno, criar e difundir os meios e os mecanismos que respondam ao perfil de cada necessidade. A arte, nas suas inúmeras abordagens, é caminho e linguagem expressiva, seja na perspectiva de quem cria, como de quem dela usufrui.

A criatividade e a arte são canais de comunicação que promovem uma articulação entre a comunidade, a escola e as instituições culturais num diálogo enriquecedor capaz

de motivar e mobilizar eficazmente todos e cada um. Utilizar a arte como instrumento de inclusão social é poder desenvolver um diálogo entre todos.

Referindo Paulo Freire, e o seu conceito de Cidade Educadora “Enquanto educadora, a Cidade é também educanda.” (Freire, 2001, p.13) que introduz na pedagogia, com a ideia de que a escola não pode conter tudo, que há uma comunidade, um espaço público que pode e deve participar – famílias, espaços, culturais, associações - abrindo a escola para uma coresponsabilização, porque a educação deve ser para todos e por todos. Quando se refere às Cidades Educadoras o autor refere:

Um outro sonho fundamental que se deveria incorporar aos ensinamentos das Cidades educativas é o do direito que temos, numa verdadeira democracia, de ser diferentes e, por isso mesmo que um direito, o seu alongamento ao direito de ser respeitados na diferença. (Freire, 2001, p. 14).

Neste sentido, a arte pode contribuir de forma ativa para a formação e o desenvolvimento das pessoas e das comunidades, atuando num plano emocional e possibilitando a abertura à expressão de sentimentos e compreensão do mundo que nos rodeia. A arte deve ser capaz de nos provocar inquietação, confronto, questionamento, descoberta. Pensando a arte como linguagem expressiva, facilitadora da comunicação, podemos atribuir-lhe um papel simultaneamente formativo e transformador. O usufruto da arte contribui para o desenvolvimento integrado de diferentes competências, na medida em que influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpreta a vida. Através da arte o indivíduo é confrontado com diversas realidades, desenvolvendo a sua forma de sentir o mundo que o rodeia. O Homem (o Ser) contemporâneo é aquele que consegue duvidar das suas anteriores certezas, reformular hipóteses e construir novas soluções, agindo predominantemente como um ser criativo. A arte tem um papel fundamental na construção desta atitude criadora. O importante hoje, não é a acumulação de conhecimento, mas a utilização dos mesmos e a capacidade de adaptação a um mundo em rápida e constante transformação. Citado por D’Angelo (2016, p.12) o filósofo Jean

Jacques Rousseau²: "Ousarei expor aqui a mais importante, a maior, a mais útil regra de toda a educação? É não ganhar tempo, mas perdê-lo." Esta abordagem da arte enquanto algo transversal na nossa vida, torna-se essencial na abordagem do mundo na sala de aula, em educação, para ganhar tempo, é preciso perdê-lo. O interesse em investir tempo em vez de o poupar é especialmente relevante quando se considera a integração da arte na educação e a sua prática fundamental. Investir recursos significativos na exploração da arte permite que os alunos experimentem, questionem e construam significado de uma forma mais ampla.

5. O Teatro como estratégia inclusiva

A representação foi uma das primeiras formas de expressão encontradas pelo homem. O Teatro foi, ao longo da evolução humana, um retrato das experiências sociais e do modo de pensar dos tempos. O teatro foi a primeira invenção humana, acontecendo, sobretudo, quando o ser humano descobriu que “pode observar-se a si mesmo e assim percebe o que é, descobre o que não é, e imagina o que pode vir a ser” (Boal, 2002, p.27).

Qualquer estimulação artística desenvolve, nos implicados nesse processo, competências sociais, cognitivas e motoras, mas no teatro especificamente, o indivíduo está envolvido em todo o processo de criação e conceção. “É uma expressão artística que trabalha o indivíduo como um todo. É através da encenação, contemplação e jogos teatrais que o teatro promove vivências quotidianas individuais e grupais.” (Cordeiro et al., 2007, citado em Rocha, 2020, p. 34). Acresce ao pressuposto anterior, que o envolvimento:

na dinâmica do teatro é tomar consciência do próprio corpo, descobrindo a sua capacidade de expressão, movimentá-lo, falar, dominar a linguagem gestual, utilizando os seus recursos, torná-lo significante de uma mensagem. Colocar o corpo no palco significa sentir-bem, aperfeiçoar a motricidade, tudo condições que favorecem a aprendizagens. (Mégrier, 2005, p. 7).

² Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) é um dos pensadores que mais influenciaram a educação em todos os tempos. Tanto que diversos estudiosos classificam suas reflexões como um marco divisório entre a velha e a nova escola. (Paiva, 2011, p.1)

Muitos teóricos destacam a relevância do jogo no decurso de desenvolvimento das crianças. “Teóricos enfatizam a importância do jogo no processo de aprendizagem na infância, desde Rousseau e Dewey a Piaget e Vygotsky. Mais que uma atividade lúdica, o jogo constitui-se como o cerne da manifestação da inteligência no ser humano.” (Spolin, 1986, p.22).

A arte pode ser uma forma de estimular e demonstrar que todas as pessoas possuem habilidades, que todos têm competências, potencialidades e capacidades e o teatro poderá ser uma excelente ferramenta estratégica, um veículo potenciador de práticas lúdico-pedagógicas visto que poderá refletir a realidade natural.

Através do jogo teatralizado, o indivíduo obtém o reconhecimento de si, o hábito de se familiarizar com o outro, confiança porque descobre como valorizar-se para além das competências tradicionais exigidas pela escola e face às quais, ela se encontra por vezes votada ao fracasso, sobretudo se for proveniente de zonas ou grupos desfavorecidos. (Mégrier, 2005, p. 7).

Pode-se considerar que o teatro proporciona aprendizagens mútuas entre pessoas com e sem deficiência permitindo na sua prática reflexões sobre a vida e o quotidiano. Ribeiro (2015, p. 129) menciona o autor Brian Way como um dos pedagogos de maior destaque na área do drama na educação. Refere que o mesmo autor expressa que a dramatização é um dos indutivos mais singulares do desenvolvimento emocional e social das crianças.

A dramatização é apresentada por Way (1967, p.3) como um processo que apela “à individualidade dos indivíduos”, à “singularidade de cada essência humana”; revelando-se uma espécie de instigador do desenvolvimento psicológico que conduz ao crescimento emocional e ao autoconhecimento. (Ribeiro, 2015, p. 129)

A partir de exercícios de concentração e estímulo aos sentidos as crianças, ao longo do seu desenvolvimento, vão evoluindo emocional e intelectualmente com as dramatizações. No início as dramatizações são mantidas no espaço interno referente ao

mundo das crianças, posteriormente e à medida do seu desenvolvimento vão tomando consciência do mundo que as rodeia, tomando inclusivamente consciência do outro, aí as personagens passam a ser concebidas tendo em conta as características singulares do universo íntimo de quem é dramatizado.

Este processo de criação e representação de personagens, como resultado da projeção imaginária da própria pessoa - quer nas circunstâncias que dizem respeito à vida dos outros quer procurando “ser” os outros nas suas próprias circunstâncias - permite aprofundar a experiência da singularidade pessoal e da singularidade do outro. (Ribeiro, 2015, p. 129)

É esta dinâmica diversa do jogo de poder ser várias personagens que vai desenvolvendo no indivíduo recursos pessoais de crescimento emocional e intelectual. Estas dinâmicas permitem um desenvolvimento e conhecimento de si-próprias, permitem a apreensão de valores como a empatia e a compaixão. Segundo Courtney (1990, p.21) a representação do outro ajuda a ultrapassar a intolerância e o estereótipo, “permitindo ultrapassar ideias fixas e pré-concebidas”.

Assim, após análise aos vários autores podemos depreender que:

O jogo dramático contribui para:

- Desenvolvimento físico, para uma melhoria do desenvolvimento motor e conhecimento corporal;
- Desenvolvimento intelectual e cultural;
- Desenvolvimento social, as relações interindividuais, a sociabilidade, a partilha;
- Desenvolvimento afetivo, a formação e a afirmação de si.

O jogo dramático ensina a:

- Conhecer o seu espaço e o espaço do outro;
- Conhecer o próprio corpo;
- Trabalhar o imaginário;
- Escutar;

- Saber respeitar regras;
- Desenvolver a sensibilidade;
- Aceitar e partilhar emoções;
- Aceitar que no grupo cada indivíduo possa exprimir-se tal qual é;

Como evidencia Courtney (1990, citado por Omar, 2022):

É na interação entre pares que o indivíduo percebe seus próprios pensamentos e os compara aos pensamentos dos outros, coloca-se no lugar do outro. Contribuindo para reflexão sobre o outro e sobre si e auxilia o processo de inclusão. Sob esta ótica se criam possibilidades de trabalhar e compreender a diversidade, as diferenças e semelhanças entre cada sujeito, permitindo a percepção e o autoconhecimento. (p.4).

Neste enquadramento, o teatro afigura-se como uma das principais e melhores ferramentas de desenvolvimento de capacidades promovendo a sociabilização entre os participantes num ambiente cooperativo, de comunhão e de criação. É um espaço privilegiado para a socialização porque o seu sustento são as relações humanas. Há em si uma necessidade intrínseca de comunicação e cooperação que fomentam a sociabilização. Ao influenciar positivamente os níveis de interação, pode-se considerar que dá um forte contributo para uma educação inclusiva ao promover todos estes aspetos indicadores de maior sociabilização.

Cooperando para uma reflexão sobre o outro e sobre si colabora naturalmente no processo de inclusão.

6. Benefícios da Expressão Dramática na Educação

Segundo Sousa (2003) a amplitude de ação da expressão dramática abrange as dimensões mais importantes do desenvolvimento psico socio e emocional da criança ou do jovem. Há uma grande variação nas formas que a prática pode tomar conforme os objetivos, a caracterização do grupo, a idade e os meios que se dispõe. É por excelência a principal forma e meio para expressar livremente sentimentos e emoções. O autor refere também que:

A expressão dramática é um dos meios mais valiosos e completos da educação. A amplitude da sua ação, abrangendo quase todos os aspetos importantes do desenvolvimento da criança e a grande diversificação de formas que pode tomar, podendo ser regulada conforme os objetivos, as idades e os meios de que se dispõe, tornam-na por excelência a principal forma de atividade educativa. (Sousa, 2003, p. 33).

As dinâmicas de exploração do corpo, da voz e do espaço são ocasiões de engrandecimento das experiências que as crianças, naturalmente, fazem nos seus jogos.

“O objetivo principal desta forma de educação é a expressão, ou seja, o estimular da criança para que expresse livremente todos os seus sentimentos, desejos e tensões interiores.” (Sousa, 2003, p. 33). Nesta prática a imaginação e os sentimentos são representados através do movimento e da ação. A exploração de situações imaginárias, vivenciando várias personagens com diferentes papéis, dará a chance da criança se conhecer e conhecer melhor o outro. “Os jogos dramáticos permitirão que os alunos desenvolvam progressivamente as possibilidades expressivas do corpo — unindo a intencionalidade do gesto e/ou a palavra, à expressão, de um sentimento, ideia ou emoção.” (Ministério da Educação, 2004, p. 77). A expressão dramática constitui um instrumento pedagógico de grande eficácia em toda a espécie de aprendizagem. As técnicas dramáticas têm sido amplamente implementadas em diversas áreas da

educação. Segundo Sousa (2003) Gisèle Barret³ aceita a importância da expressão dramática como técnica de ensino e sugere que pode ser inclusivamente utilizada pelos diferentes professores independentemente da sua disciplina, numa abordagem aberta num processo de ensino pela ação. Dada a sua riqueza pedagógica a expressão dramática favorece o desenvolvimento de forma global nas várias áreas do saber. Como refere Kowalski (2005) “também são utilizados na formação noutras áreas curriculares e noutros campos educativos, da matemática à animação e à educação para o desenvolvimento.” (p. 28)

Conhecer a linguagem dramática e teatral capacita os alunos a conceber formas que tornam mais precisas as suas ideias e sentimentos, solidificando assim o conhecimento de si, dos outros e do mundo. Sendo que neste processo dramático o aluno ocupa vários papéis, ora é o interprete ora é espetador. Este processo oferece possibilidades de entendimento e de reflexão sobre o seu papel no mundo e o papel do outro. É este procedimento de escuta e diálogo que faculta o fundamental do trabalho teatral.

É uma prática que põe em ação a totalidade da pessoa da criança no espaço-tempo e no grupo, uma prática em atelier que tanto solicita o físico como a afetividade ou o intelecto, que recorre a todas as formas de expressão alternadas, cruzadas ou integradas. (Landier & Barret, 1999, p. 12).

No trabalho desenvolvido em grupo o participante é ator e espetador simultaneamente e essa atuação conduz a uma autoconfiança contribuindo para tomada de consciência das suas capacidades e das capacidades dos outros.

A Expressão Dramática utiliza situações predeterminadas ou completamente deixadas ao acaso do momento (improvisação), que colocam o participante na possibilidade imediata de se exprimir, comunicar, sentir e experimentar. E, assim,

³ essência do pensamento pedagógico de Gisèle Barret e contribuiu para a visibilidade do termo “Expressão Dramática”, de sua autoria. (Rolla, 2012, p. 40)

através do jogo, aprender. Conhecer mais e melhor o mundo em que se vive.
(Solmer et al., 2003, p. 356).

A proposta de jogo, ao participante numa sessão de Expressão Dramática, contribuirá para o seu desenvolvimento pessoal dando-lhe a possibilidade de comunicar, de experimentar, de sociabilizar, de se libertar conquistando a sua autonomia experienciando vivências capazes de o realizar, engrandecer e potenciar as suas habilidades e capacidades.

7. Expressão Dramática e Teatro – do processo ao produto

Bento (2003) refere que “a relação com estes conceitos e componentes do teatro está assente em duas dimensões: a da Educação e a da Cultura.” (p.77). Definir o espaço e o tempo da intervenção destas abordagens, destas formas de expressão ajuda a entender a área de intervenção e a importância de cada etapa, sem que uma implique a outra, mas verificando que uma sem a outra não traz o mesmo resultado.

No fundo pretendemos problematizar duas das abordagens e/ou formas de expressão do teatro que, do nosso ponto de vista, sistematizam a sua função essencial, a criação e a fruição.” (Bento, 2003, p.77).

Embora se possa dizer que a Expressão Dramática e o Teatro têm duas abordagens distintas, estão intrinsecamente ligadas entre si nos valores essenciais, no entanto, têm focos diferenciados: a expressão dramática tem como foco o processo e o teatro tem como foco o produto. “Associando, em traços gerais, o produto ao teatro e a expressão dramática ao processo, considera a primeira oposição (expressão/arte), como sendo o resultado de uma ambiguidade estratégica, enquanto o par dicotómico processo/produto.” (Rolla, 2012, p. 3).

A Expressão Dramática destina-se à prática educativa que contribui para o desenvolvimento integral do indivíduo. Referindo Leenhardt (1997) “ O jogo dramático toma o seu verdadeiro lugar de técnica educativa em benefício exclusivo da criança e longe do veredito do público.” (p.24). O Teatro, é a arte cénica em si cujo principal objetivo é a construção de um espetáculo para apresentar a um público. “A arte dramática tem como objetivo fundamental a produção artística e concentra toda a sua energia, jogo e estética, num produto final, num espetáculo, a apetência de agradar a um destinatário: o público.” (Bento, 2003, p. 91). O material do teatro como os gestos e as atitudes são “experimentado concretamente no jogo, sendo que a conquista gradativa de expressão física nasce da relação que deve ser estabelecida com a sensorialidade.” (Spolin, 1986, p. 23).

“Para obter resultados positivos de uma atividade dramática com jovens, devemos, portanto, esforçar-nos por encontrar o processo de criação dramática (...) Será necessário (...) eliminar o texto em benefício da ação que se pretende mostrar.” (Leenhardt, 1997, p. 24). A diferença estabelecida por Spolin (1986, p. 22) entre jogo dramático e jogo teatral é que “o jogo teatral não pode ser confundido com o jogo dramático, na medida em que o jogo teatral pressupõe um conjunto de princípios pedagógicos que constituem o sistema educacional específico.” Já a expressão dramática é entendida como um processo de criação através do corpo e da voz que antecede o Teatro. “Este processo, embora utilizando técnicas e elementos da linguagem teatral, resulta da interação das respostas espontâneas a diversas situações, pelo facto de não ser a obra literária, ou o texto, o ponto fundamental, mas sim o indivíduo.” (Pereira, 2013, p. 42).

Para Bento (2003) A expressão dramática é:

Uma atividade pré-teatral. Sobretudo, porque não tem o fim de apresentar um espetáculo, ou seja, não está nos seus objetivos, nem na sua filosofia, contribuir para a produção artística. Tem como objetivo somente fomentar o espírito artístico e o prazer da descoberta. (p. 91).

O ponto comum entre estas duas abordagens está no objeto que se produz, é certo que estas atividades têm em comum o Teatro, mas são efetivamente duas abordagens diferentes uma à criatividade e à expressão e outra à criação e apresentação.

II. Estudo Empírico

O Teatro e a Educação são elementos integrantes da minha formação e prática e, neste sentido, a escolha do tema para o estudo alia precisamente estas duas áreas. Com base neste pressuposto, presente estudo investigativo assume uma natureza de cariz qualitativo assente num projeto que visou a ação, tendo como desafio entender como através de contextos formativos com recurso à prática teatral se poderão construir contextos mais inclusivos, como se explicará com maior detalhe neste capítulo do trabalho.

1. Problemática e a sua Contextualização

Segundo Quivy & Campenhoutd (2008) a problemática é a abordagem ou a perspetiva teórica que se decide adotar para tratar o problema colocado pela pergunta de partida.

Pensar uma problemática é também justificar o panorama conceptual da sua pesquisa, “descrever o quadro teórico em que se inscreve a metodologia pessoal do investigador, precisar os conceitos fundamentais e as relações que eles têm entre si, construir um sistema conceptual adaptado ao objeto da investigação.” (Quivy & Campenhoutd, 2008, p. 101). No caso concreto desta investigação, a questão de partida é: Em que medida o teatro é um instrumento promotor do processo de inclusão social de jovens e adultos com DID?

O objetivo geral do estudo foi: promover inclusão social, com base na prática teatral, entre os jovens com e sem DID.

Aliar a influência que a prática teatral promove nas relações sociais entre os jovens durante o processo de investigação, compreender o modo como pela prática da Expressão Dramática se podem capacitar os jovens (com e sem DID) na representação de si e na construção da sua relação com o outro; construir estratégias inclusivas na/ e com a prática teatral para serem aplicadas em contextos educativos. Para certificar estas hipóteses procurou-se desenvolver este projeto numa perspetiva de investigação ação que se configure como uma prática que aporte mudança, tal como defendido por Moreira et al. (2014).

Dado o seu caráter transformador, reflexivo e participativo, explorando o individual e o social, este método pode contribuir para a melhoria dos espaços educativos e também para a mudança do status quo. A investigação ação é a metodologia mais apta para favorecer as mudanças (...). (p. 39).

2. Questão de partida, objetivos e hipóteses de investigação

Questão de partida

Em que medida o teatro é um instrumento promotor do processo de inclusão social de jovens e adultos com DID?

Objetivo geral

Promover inclusão social, com base na prática teatral, entre os jovens com e sem DID.

Objetivos específicos

- Promover relações sociais com base na prática teatral, entre os jovens com e sem DID;
- Aliar a influência que a prática teatral promove nas relações sociais entre os jovens durante o processo de investigação;
- Compreender o modo como a prática da Expressão Dramática pode capacitar os jovens (com e sem DID) na representação de si e na construção da sua relação com o outro.;
- Construir estratégias inclusivas na/ e com a prática teatral para serem aplicadas em contextos educativos;
- Descrever e refletir, sobre o lugar do mediador (educativo) no processo de trabalho de promoção da inclusão.

De acordo com Quivy & Campenhoutd: “Não há observação ou experimentação que não assente em hipóteses. Quando não são explícitas, são implícitas ou, pior ainda,

inconscientes. E, quando não são explicitamente construídas, conduzem a becos sem saída” (2008, p. 135). Nesse sentido, tendo em conta o modelo de análise, definem-se como hipóteses orientadoras deste estudo as seguintes:

1. os contextos lúdicos/artísticos promovem a participação de jovens/adultos com DID.

2. os contextos inclusivos geram ou favorecem uma maior interação entre jovens com e sem DID.

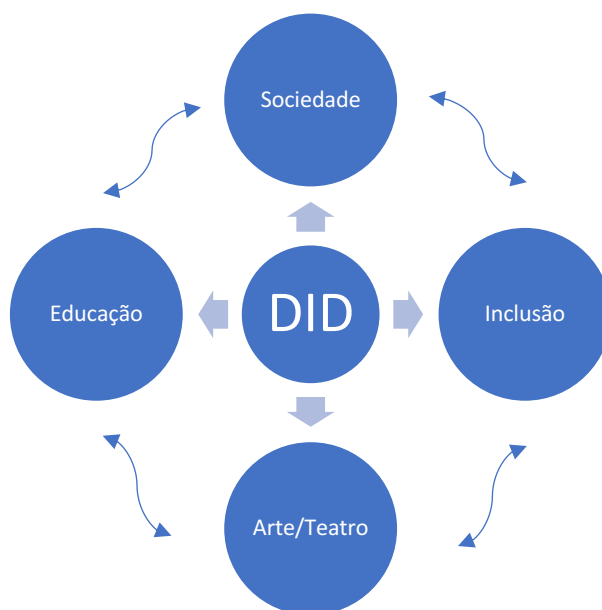
3. os contextos inclusivos associados à prática teatral quebram a barreira do preconceito e promovem inclusão.

3. Modelo de análise

Face ao problema e aos objetivos de investigação, reforçado o seu alcance na problemática, o trabalho de investigação segue o modelo de análise onde se coloca no centro os indivíduos com DID - o nosso foco no estudo - e as várias dimensões que poderão sofrer transformações com as ações desenvolvidas nesta investigação/ação (Figura 1).

Figura 1

Modelo de Análise



Elaboração própria.

A promoção de relações sociais, em contexto formativo com base na prática teatral, entre os jovens com e sem DID tem como consequência espelhar essa transformação na sociedade. O esquema de investigação espelha a procura da mudança, da transformação e da resolução de um problema, de forma colaborativa e participativa procurando fazer uma sumula entre a componente teórica e o desafio metodológico desta investigação.

4. Método de Investigação

A Investigação Ação (I-A) é o método de investigação adequado para o estudo proposto. Como referido acima, procurou-se compreender como se podem promover relações sociais, com base na prática teatral, entre os jovens com e sem DID. Este modelo de investigação determina-se na procura da mudança, da transformação e da resolução de um problema, de forma colaborativa e participativa tal como se procurou criar, em formato experiencial, ao longo das sessões de teatro.

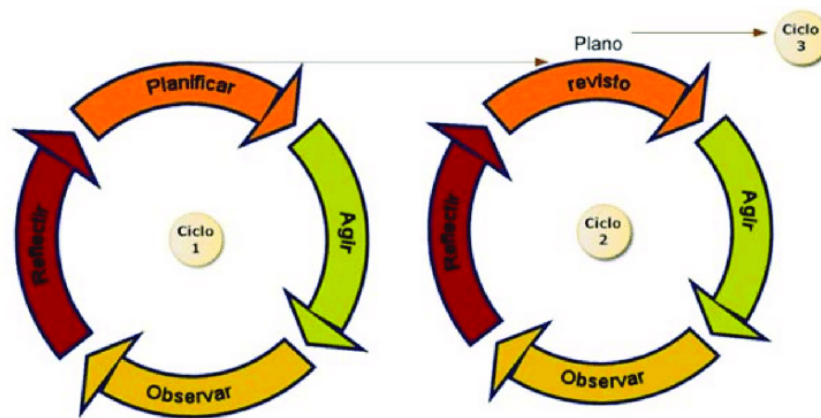
A Investigação-Ação pode ser fundamentada como uma das “metodologias de investigação que incluem ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão) ao mesmo tempo, utilizando um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre a ação e a reflexão crítica.” (Moreira et al., 2014, p. 38). A I-A contém algumas etapas que se desenvolvem continuamente são elas: planificação, ação, observação e reflexão.

A figura 2 representa este ciclo de ações onde se pode verificar que a I-A tem “procedimentos constantes, realizados de forma circular, o que permite dar início a um novo ciclo que, por sua vez, desencadeia novas espirais de experiências de ação reflexiva.” (Coutinho et al., 2009, citado em Moreira et al., 2014, p. 38).

“A investigação ação mostra-se particularmente apropriada sempre que um conhecimento específico é requerido por um problema específico, numa situação concreta ou quando uma nova aproximação poderá ser ligada a um sistema existente.” (Sousa, 2009, p. 96). Esta metodologia foi utilizada durante um percurso pedagógico in loco. “Trata-se de um procedimento in loco, visando lidar com um problema concreto localizado num contexto imediato.” (Sousa, 2009, p. 95).

Figura 2

Representação de um Modelo de I-A, Espiral de ciclos



Fonte Moreira et al. (2014, p. 38).

No design investigativo procurou-se valorizar e promover a participação ativa de todos os envolvidos, garantindo que todos têm o mesmo espaço de forma equitativa em todas as suas ações, o mesmo espaço de voz e escuta durante o processo, promovendo a equidade e a inclusão na produção do conhecimento. Nesta perspectiva visou-se uma metodologia em que todos os seus participantes tiveram a mesma premissa e o mesmo ponto de partida, podendo ser eles mesmos, independentemente das suas capacidades ou limitações.

As atividades e as dinâmicas de Teatro possibilitam o fortalecimento, as habilidades de comunicação e promovem uma maior interação entre os pares. Como as dinâmicas são lúdicas e partem de um conceito de jogo valorizam a espontaneidade expondo a sinceridade e as emoções. “Os objetivos dos jogos e de suas práticas são realizados simplesmente no prazer de jogar, sem a espera de recompensas, a não ser a realização da vivencia coletiva.” (Ramaldes & Camargo, 2017, p. 30).

A competição usada como incentivo funciona para poucos e condiciona a produtividade e a participação de todos. Portanto o aspeto social dos jogos tem uma envolvência orgânica como processo de troca e aprendizagem. Tornando assim, esta metodologia numa pesquisa participativa, pois envolve a participação ativa do grupo de jovens, numa parceria igualitária entre todos, inclusivamente a investigadora, valorizando o conhecimento e a experiência dos participantes. Esta abordagem possibilita modos de expressão sobre problemas e sentimentos sem a necessidade da fala ou da escrita,

utilizando a expressão corporal/facial dando oportunidades equitativas a quem não domina essas competências. “O teatro possibilita ao indivíduo expressar livremente as criações interiores, realizando-as na representação de papéis, através da produção mental de uma fantasia ou atividade corporal.” (Vasconcellos, 2013, p. 93).

O caminho a seguir é o de uma cultura de investigação inclusiva que possa cultivar o estar, o permanecer como farol.

O caminho a seguir será provavelmente uma cultura de investigação inclusiva que possa acomodar o “estar com” como núcleo da sua abordagem de investigação. Isto permitirá que as vozes das pessoas com deficiência intelectual profunda informem a investigação na criação conjunta de conhecimento intersubjetivo. (Haas et al., 2022, p.1).

O estar e escutar de forma ativa todos e cada um dos envolvidos no processo, permite uma criação conjunta de conhecimento intersubjetivo numa relação comunicativa entre todos os que participam, onde não existem individualismos e onde essa comunicação é recíproca dando significado à experiência humana que ali se partilha.

Foram contactadas duas instituições: o Teatro do Mar através do seu Serviço Educativo e a Cercisiago através da valência do Centro de Atividades e Capacitação para a Inclusão (CACI). Através do Teatro do Mar convidaram-se os jovens neurotípicos frequentadores das Oficinas de Teatro. Esta instituição também disponibilizou o espaço onde decorreram as sessões tornando-se num parceiro crucial também nas questões logísticas (assistência, registo fotográfico e vídeo). A Cercisiago foi convidada a ser parceira deste projeto e selecionou alguns dos seus utentes, pertencentes ao grupo de Expressões Arca dos Sonhos, com as características necessárias para o estudo em causa: 6 jovens/ adultos com DID que foram acompanhados por 3 monitoras nas sessões.

Desenvolveu-se assim, num contexto formativo, um processo investigativo que promoveu interações sociais entre jovens com e sem DID ao longo de 16 semanas.

Reunidas as várias oportunidades colocadas ao dispor da investigação, criou-se um laboratório de teatro inclusivo que permitiu a dinamização e recolha sistemática de informação com respetivo enquadramento na prática desenvolvida. Uma vez por semana, em sessões de 90 minutos, 13 jovens: 7 jovens neurotípicos (entre os 13 e os 18 anos) e 6

jovens/adultos com DID (entre os 18 e os 45 anos), juntaram-se para a realização e experimentação de jogos/exercícios de teatro e expressão dramática. O propósito foi promover interações sociais, com um grupo inclusivo, ao longo destas 16 sessões (de fevereiro a maio 2023) na procura de entender se estes contextos lúdico/artísticos promovem a participação, se geram ou favorecem uma maior interação e se, podem ajudar a quebrar as barreiras do preconceito e promover a inclusão entre jovens com e sem DID.

As sessões decorreram entre fevereiro e maio de 2023, uma vez por semana, das 14h às 15h30. Uma vez na sala do Serviço Educativo do Teatro do Mar em Sines, outras sessões na sala Polivalente da Cercisiago em Santiago do Cacém.

O trabalho de laboratório teve como principal intento revelar se a prática da Expressão Dramática e do Teatro contribuem para quebrar a barreira da diferença nas relações sociais do grupo em estudo. A procura de desenvolver laços e criar relações sociais através de metodologias inclusivas foi o ponto de partida.

A premissa de partida que alimentou todo o processo de trabalho foi o de refletir como a ARTE e a EDUCAÇÃO, em conjunto, podem ocupar um papel importante na sociabilização e na afirmação da diferença. Pensar na arte essencialmente como um meio, uma construção participada/participativa, e não somente num produto final apresentado aos que nela participam. Considerou-se, por isso, o teatro como um instrumento que estimula e desenvolve competências sociais, cognitivas e motoras e as práticas do teatro e da expressão dramática como ferramentas criativas que promovem o conhecimento de si e a relação com o outro. Em última instância, serão ferramentas que poderão ser aplicadas em contextos educativos inclusivos, encontrando nestes um lugar para todos e para cada um, constituindo-se como forças motrizes para a melhoria e mudança significativas nas relações sociais.

5. População e Amostra

O conjunto de participantes envolvidos no estudo enquadra-se numa amostra de conveniência, não aleatória. De entre toda a população de jovens pertencentes ao Serviço Educativo do Teatro do Mar e ao Grupo de Expressões da Cercisiago envolveram-se 13 pessoas: 7 jovens do serviço educativo do Teatro do Mar (com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos) e 6 jovens da Cercisiago com deficiência intelectual (com idades compreendidas entre os 18 e os 45 anos).

5.1 Caracterização dos participantes

A escolha da amostra ajusta-se aos objetivos do estudo: jovens neurotípicos, jovens com DID, em proximidade geográfica, com experiência na área do teatro e da expressão dramática e com disponibilidade. O procedimento na seleção da amostra de conveniência foi feita com base em critérios convenientes nomeadamente: características, idade e disponibilidade.

Os participantes neurotípicos eram alunos frequentadores das Oficinas de Teatro do SETM e os participantes com DID do grupo de Expressões Arca dos Sonhos da Cercisiago (Tabela 1).

Tabela 1

Caracterização dos participantes

Nome	Idade	Sexo/Género	Grupo/DID
A.	13	Masculino	SETM / Neurotípico
B.	44	Masculino	Cercisiago / DID e cego
C.	24	Feminino	Cercisiago / DID
G.	18	Feminino	SETM / Neurotípico
I.	26	Masculino	Cercisiago / DID
Mar.	16	Feminino	SETM / Neurotípico
Mi.	16	Masculino	SETM / Neurotípico
N.	16	Feminino	SETM / Neurotípico
P.	26	Masculino	Cercisiago / DID
R.	19	Masculino	SETM / Neurotípico
S.	16	Feminino	SETM / Neurotípico
T.	43	Feminino	Cercisiago / DID
Ti.	36	Masculino	Cercisiago / DID

Elaboração própria.

5.2 Caracterização das Instituições

Teatro do Mar – Serviço Educativo

O Teatro do Mar surgiu em Sines, Portugal, a 8 de Março de 1986. Os seus espetáculos refletem, na sua generalidade, essencialmente sobre temáticas cujo enfoque é o homem contemporâneo e a sua condição existencial face a uma ideia de progresso e a conseqüente transformação da sua identidade e das suas memórias afetivas e culturais. Numa constante reflexão e exploração de novos territórios artísticos, a Companhia desenvolve um trabalho de investigação e criação particularmente vocacionados para o espaço público (teatro de rua). Investindo numa criação dramaturgica própria – seja a partir de temáticas e/ou adaptação de obras literárias – e num trabalho multidisciplinar, cruza um teatro essencialmente físico com o circo, a dança, as formas animadas, a música original e as novas tecnologias do vídeo, na busca de um significado comum e global e da afirmação de uma linguagem de carácter universal, passível de ser entendida por qualquer tipo de públicos.

Para além de levar os seus espetáculos um pouco por todo o país e estrangeiro, a Companhia assume um importante papel de agente cultural na sua cidade e região, sobretudo através de criações artísticas com a comunidade e do seu **Serviço Educativo**.
(Teatro do Mar, sem data)

- *Serviço Educativo do Teatro do Mar*

Com uma experiência superior a uma década, o Serviço Educativo evoluiu para um conceito mais alargado de ação. Caracteriza-o a formação de carácter pontual, laboratórios de experimentação, colaborações artísticas de formação nas escolas e fora das escolas, debates e conferências; diferentes ações que promovem o encontro e a acessibilidade de e entre artistas e público. Promove a criação de espaços interdisciplinares que fomentam a criatividade, onde todas as disciplinas e práticas interagem entre si de maneira orgânica, envolvendo a comunidade com a arte de uma forma natural e quotidiana, buscando difundir conhecimento artístico, ligando-as à sua história, memória, património e cidade, são, entre outros, objetivos a prosseguir.

A intervenção sobre grupos sociais setorializados, juntamente com o tecido local, permite cimentar a sua participação enquanto agentes culturais e, contribuir para o desenvolvimento e acessibilidade de públicos divergentes.

- *Sobre as Oficinas de Teatro do Serviço Educativo do Teatro do Mar*

Existem duas pessoas responsáveis pelas Oficinas de Teatro no Teatro do Mar, uma responsável pelas Oficinas para as crianças (6-12 anos) e outra pelo grupo mais jovem (13-18 anos). Apesar de serem grupos distintos os objetivos de desenvolvimento são muito semelhantes na sua prática, pelo que as dinâmicas das sessões são preparadas em equipa. No final de cada ciclo de trabalho articulam-se e são integrados todos os alunos num projeto artístico final: uma apresentação comum, num trabalho de parceria ao nível da encenação e do processo artístico de construção.

Um dos mediadores faz parte do elenco de atores do Teatro do Mar e o outro, a investigadora, atualmente já não faz parte do elenco da companhia de teatro contudo participa em projetos pontuais.

Cercisiago – CACI

Cercisiago – Cooperativa de Educação e Reabilitação foi fundada a 22 de junho de 1978 por um grupo de pais e amigos de crianças e jovens com deficiência. Deste esta data que tem desempenhado um papel fundamental na reabilitação e na integração social. Dá resposta a todo o litoral alentejano nomeadamente ao concelho de Sines, Santiago do Cacém. Desenvolve atividades interdisciplinares que visam estimular os utentes nos âmbitos cognitivo, social e físico, auxiliando-os no desenvolvimento de projetos de vida. (Cercisiago, sem data)

- *Grupo Arca dos Sonhos – Cercisiago*

O grupo de expressões “Arca dos Sonhos” foi formado em dezembro de 2000. Uma vez por semana trabalham e desenvolvem dinâmicas ligas à Dança, ao Teatro e à Música. Estas atividades são dinamizadas pelas técnicas da Cercisiago. Contam com várias atuações em diversas escolas, centros de dia, festivais e festas de teatro e dança especial, no Centro de Artes de Sines, no Auditório António Chainho, entre outros. O grupo é composto por elementos com idades entre os 20 e 44.

6. Técnicas de recolha e tratamento de informação

6.1 Técnicas de recolha de informação

Nesta investigação desenvolveram-se sessões de expressão dramática, que eram preparadas semanalmente, tendo em conta a observação de um grupo de jovens e adultos, a observação das suas atitudes ao longo das 16 sessões, programadas com um intuito pedagógico adaptadas aos problemas, dificuldades e limitações concretos dos jovens participantes. Utilizaram-se várias técnicas e instrumentos de recolha de dados: técnicas de observação direta participante/ não participante e de observação indireta. Os dados adquiridos e produzidos ao longo da observação permitiram reformulações e ajustamentos, conforme as necessidades, de modo a orientar a pesquisa para o percurso mais ajustado. Seguiu-se a lógica de que os “dados obtidos levem a reformulações, modificações, ajustamentos e mudanças de direção, conforme as necessidades, de modo a orientar a investigação no caminho mais adequado” (Cohen e Manion, 1987 citado por Sousa, 2009, p. 96).

O recurso a técnicas de observação direta prende-se com a natureza do próprio projeto, desenvolvido em contexto formativo com a proposta de dinâmicas e jogos de expressão dramática que permitiram aos participantes descobrirem-se a si mesmos e aos seus pares, sempre tendo uma perspetiva inclusiva inerente ao projeto do estudo. Desde a prática nas dinâmicas teatrais à recolha de dados, através do Diário de Bordo, foram encontradas estratégias e instrumentos que puderam ser usados por todos os participantes e que permitiram refletir sobre o processo.

As técnicas de observação permitiram recolher informação sobre a ação dos participantes e interações entre os mesmos e o meio em que se inserem.

No âmbito deste estudo a investigadora também foi participante, tomou notas organizadas através das notas de campo, fez registos em vídeo e em fotografia.

Assim através de **observação direta** foram utilizados os seguintes instrumentos:

- a) Notas de campo do investigador em formato de diário de campo— trata-se de uma técnica muito utilizada na metodologia qualitativa.” (Moreira et al., 2014, p. 45) Foi usada com o objetivo de a investigadora registar de forma naturalista, o contexto, as características, competências e aspetos associados de cada elemento do grupo que emergiram na dinâmica de trabalho, o desenvolvimento dos trabalhos no contexto de que fizeram parte os participantes e inferências;

b) Grelha de Observação sistemática – aferida ao nível dos indicadores e formato numa avaliação feita por especialistas⁴. As categorias escolhidas tiveram em conta os valores inclusivos, desenvolvidos por Booth & Ainscow (2011). Esta grelha tinha como objetivos:

1. registar os comportamentos dos vários observados durante as sessões do Laboratório de Teatro Inclusivo (LTI);
2. auxiliar na procura de comportamentos que se estruturam, e se constroem, nas sessões do LTI;
- 3- objetivar os pontos fortes e pontos fracos progredidos no processo de construção das relações sociais;

Foram estabelecidas várias categorias, nomeadamente: Acolhimento, Escuta sensível, Cumplicidade, a Partilha de relatos da vida diária, Construção de relação empática.

c) Registo audiovisual – Conjunto de técnicas muito utilizadas pela I-A.” (Moreira et al., 2014, p. 45) Foram utilizados registos de fotografia e de vídeo que puderam documentar o desenvolvimento do projeto de investigação e foram partilhadas com os próprios participantes em alguns dos momentos de partilha/avaliação. O recurso ao registo audiovisual auxiliou a sistematização e a validação da informação na grelha de observação.

Através de **observação indireta** foram utilizados os seguintes instrumentos:

- a) Diário de Bordo dos participantes- “ Técnica narrativa que tem como propósito o registo de observações e reflexões” (Moreira et al., 2014, p. 45) dos participantes onde há espaço para revelar ideias, sensações, sentimentos e expectativas promovendo inclusivamente o desenvolvimento do pensamento crítico de quem o elabora;
- b) Tabela /Registo – Como te sentiste hoje? – tabela de registo das emoções experienciadas ao longo da sessão, em relação a si e ao outro com o objetivo de analisar o sentir de cada participante ao longo do processo;

⁴ Ver apêndice onde consta o formato de avaliação e a grelha de avaliação usada na recolha de informação.

- c) Entrevistas – aferida ao nível dos indicadores e formato numa avaliação feita por especialistas⁵. Realizadas no final do estudo aos colaboradores do projeto fazendo jus à triangulação de dados. Estas entrevistas semi diretivas tiveram como objetivo recolher informação sobre a opinião de informadores privilegiados considerados no projeto de investigação, sobre: a importância da temática para fomentar processos inclusivos; sobre a importância de promover relações sociais, com base na prática teatral, entre jovens com e sem DID; a empatia e o nível de relação criado entre participantes; os potenciais impactos para a comunidade educativa onde se desenvolver o projeto. Foram constituídas pelos seguintes blocos:
- a) Justificação da entrevista e motivação do entrevistado;
 - b) Apresentação do entrevistado;
 - c) Obter opinião acerca do impacto da prática da Expressão Dramática;
 - d) Avaliação

Foram usadas, complementarmente entrevistas realizadas à Diretora Artística do Teatro do Mar, ao ator que acompanhou todo o processo do Laboratório de Teatro Inclusivo e às técnicas da Cercisiago que também acompanharam todas as sessões. Estas entrevistas semi diretivas.

Neste sentido pode-se afirmar que recolha de informação foi feita através de várias técnicas e de vários intervenientes indiretos, sendo a resposta à questão da pesquisa feita com recurso a uma triangulação de dados. “Triangulação de fontes de dados, de analistas e de teorias – usar métodos variados e procurar garantir a consistência dos resultados encontrados”. (Amado, 2018, p. 56). A pluralidade de fontes possibilita, desta forma, assegurar uma maior fiabilidade aos dados recolhidos.

⁵ Ver apêndice 5 onde consta o guião da Entrevista.

6.2 Procedimentos de aplicação

Os procedimentos tiveram em conta a observação do grupo de jovens e de adultos, a observação das suas atitudes, ao longo das 16 sessões. Sessões essas programadas com um intuito pedagógico adaptadas aos problemas, dificuldades e limitações concretos dos jovens participantes, como foi descrito anteriormente. Tal como Sousa (2009) refere a I-A “baseia-se essencialmente na observação de comportamentos e atitudes constatadas no decorrer da ação pedagógica e lidando com os problemas concretos localizados na situação imediata.” (p. 96).

Cada sessão tinha organizado um ciclo de ações capazes de promover e desenvolver uma rotina essencial à prática. Cada sessão era organizada da seguinte forma:

a) Conversa na roda

Os alunos sentados em roda. Uma conversa descontraída, onde os temas seriam acerca das suas vidas, das suas rotinas. Convidados a partilhar algum momento ou algum acontecimento mais importante. Cria-se a oportunidade, a cada um, de falar e de partilhar o que lhe aprouver.

b) Aquecimento

Exercícios e jogos de atenção e concentração que promovam a escuta interior, acordar o corpo, tomar consciência do mesmo, explorar movimentos.

c) Exercícios de exploração teatral

De forma a desenvolver uma base comum sobre conhecimentos e regras cruciais no jogo teatral propuseram-se dinâmicas que promovem para além da criatividade e da imaginação, a estimulação do conhecimento de si e do outro. Estas interações de exploração do corpo e das suas potencialidades expressivas desenvolvem também a noção entre o espaço e o tempo, entre o eu e o meio, entre eu e o outro. Neste circuito de estimulação de competências pessoais estão intrínsecas as competências motoras, as competências sociais e cognitivas.

Nesta fase da aula os exercícios de imaginação e improvisação geram espaço para a interpretação podendo ser utilizadas linguagem verbal e/ou não verbal.

d) Relaxamento final

Neste momento da aula gerou-se espaço para brincadeira e risadas, abraços e conversas, contacto físico e descontração.

e) Registos de avaliação – Diários de Bordo e tabela “Como te sentiste hoje?”

O Diário de Bordo e o momento da sua elaboração era sempre um momento de introspeção. Espaço para refletir e exprimir o que sentimos naquele dia e naquela aula. Quem não tinha capacidade de escrita tinha à disposição lápis, canetas de cor em quantidade para poder desenhar e assim, num momento de calma, poder manifestar o seu sentir. Eram estimulados a escrever o que quisessem sobre aquela aula, sobre a relação com os outros, sobre as suas emoções.

Também circulava uma tabela onde todos tinham espaço para manifestar o seu sentimento em relação à aula. A tabela compreendia as opções Feliz, Entusiasmado, Inseguro e Solitário, e cada participante colocava a mola identificada com o nome no sentimento escolhido (Figura 3).

Figura 3

Tabela: “Como te sentiste hoje?”



Posteriormente chegava o momento de criar distanciamento da ação, uma vez que era a mesma pessoa que dinamizava as sessões, de fazer os seus registos nas notas de campo e preenchimento das grelhas de observação. Em cada sessão fizeram-se registos

num diário de bordo, onde consta a planificação das sessões e intenção de cada proposta de jogo/dinâmica, bem como os relatórios reflexivos do resultado das mesmas. Também se mencionou o interesse despertado pelos participantes, as suas reações e as observações pertinentes retiradas a cada sessão.

Os procedimentos que mais geralmente são desenvolvidos nesta estratégia metodológica constam do estabelecimento de uma planificação de ações (sessões, aulas, lições) que sucedem no tempo, contendo determinados conteúdos programáticos e uma calendarização predefinida e dividida por etapas. (Sousa, 2009, p. 96).

No final de cada sessão, e ao longo da semana, procedeu-se a uma avaliação e verificação da necessidade de aplicar ajustes ou correções às atividades planeadas dando lugar à preparação da sessão seguinte, tendo em conta esta análise. A partir da décima sessão deu-se início à construção e criação coletiva do exercício/final “Empatia”.

Esta proposta foi inserida no plano para potenciar e partilhar com as famílias e amigos o processo feito e o trabalho desenvolvido no Laboratório/Oficina de Teatro Inclusivo.

Este meu papel duplo como investigadora e mediadora nas sessões de teatro introduziu desafios únicos. Enquanto a pesquisa exige objetividade e distanciamento a mediação requer envolvimento. Estes extremos revelaram-se complicados. Reconheço abertamente os conflitos de interesse que surgiram ao tentar equilibrar a coexistência dos dois papéis. No entanto, procurei amenizar estes conflitos e desenvolvi estratégias para os superar, nomeadamente nos registos feitos nas minhas Notas de Campo, assim como o recurso aos vídeos e às imagens feitas das várias sessões ajudaram a sistematizar, e a validar, os registos feitos nas grelhas de observação. Esta triangulação de registo, e reflexão, permitiu a validação dos dados recolhidos pela observação direta.

6.3 Procedimentos no tratamento da informação

Procurou-se compreender o fenómeno em contexto real. O conteúdo foi analisado através de observação direta, notas de campo, diário de bordo dos participantes, registos fotográficos e de vídeo. “A pesquisa qualitativa usa métodos múltiplos que são interativos e humanísticos.” (Creswell, 2007, p. 186). O envolvimento de todos os participantes nesta recolha foi crucial para a veracidade, harmonia e verdadeira implementação do conceito de inclusão.

A técnica de análise de dados utilizada foi a análise de conteúdo, sendo as categorias de análise construídas tendo referencial nos documentos enquadradores que estiveram, igualmente, na base da sua construção.

Como foi descrito acima foi criada uma Grelha de Observação. Esta ferramenta foi usada para recolher, de forma sistemática, informações observadas nas sessões. Foram criadas categorias inspiradas nos valores inclusivos destacados por Booth & Ainscow (2011, p. 11). “Direitos, Igualdade, Confiança, Compaixão, Coragem, Participação, Comunidade, respeito à diversidade, sustentabilidade, não violência, honestidade, otimismo, alegria, amor e beleza”.

O encadeamento das suas ações quando relacionada com estes valores fazem acontecer e desenvolver um contexto inclusivo. “O desenvolvimento inclusivo acontece quando adultos e crianças relacionam suas ações a valores inclusivos e juntos delineiam iniciativas compatíveis.” (Booth & Ainscow, 2011, p. 13).

Relativamente aos Diários de Bordo a sua análise foi um processo de interpretação de dados, de tendências. Neles constava uma serie de informações. De forma a resumir e a organizar, de forma significativa, essas informações foram lidos todos os registos de todos os participantes. Tendo em conta os objetivos do estudo e as hipóteses foram identificadas as palavras chave, os temas recorrentes, os tópicos mais salientes e outras informações consideradas relevantes. Com base nesta análise criaram-se categorias que descrevessem os tópicos. À medida que a análise ia acontecendo tornou-se importante estruturar os dados para facilitar a sua interpretação. Este processo envolveu a organização de informações complexas em categorias específicas sobre: o sentimento pessoal, sobre os sentimentos em relação ao outro, sobre momentos de partilha, sobre as propostas e dinâmicas dos exercícios, sobre mudanças pessoais, sobre dificuldades e

constrangimentos, sobre expectativas e por fim sobre as avaliações feitas no decorrer das sessões.

Relativamente à tabela “Como te sentiste hoje?” esta foi sendo preenchida ao longo do processo e em cada sessão. No final foi elaborada uma tabela resumo com os registos de todas as emoções anteriormente decididas pelos participantes (Figura 4). Tinha como propósito permitir, de forma inclusiva, a partilha de emoções e observar a evolução das mesmas. Esta tabela desempenhou um papel indispensável na recolha de dados emocionais de forma objetiva e padronizada, permitindo a aquisição de *insights* mais confiáveis sobre as reações emocionais dos participantes nos vários contextos vividos. Por sua vez, contribuiu também para uma compreensão mais profunda da dinâmica social e psicológica de cada um e do grupo em causa.

Figura 4

Painel final da tabela “Como te sentiste hoje?”

Nome	Sessão 1	Sessão 2	Sessão 3	Sessão 4	Sessão 5	Sessão 6	Sessão 7	Sessão 8	Sessão 9	Sessão 10	Sessão 11	Sessão 12	Sessão 13	Sessão 14	Sessão 15	Sessão 16
Ana	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	F	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊
Carina	F	F	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊
Gabriela	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	F	😊	F	😊	😊	😊	😊	😊	😊
Iris	😊	😊	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F
Maria	😊	😊	😊	F	😊	😊	F	F	F	😊	F	😊	😊	😊	😊	😊
Miguel	F	😊	F	F	😊	F	😊	😊	😊	F	😊	😊	F	😊	😊	😊
Nuria	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	F	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊
João B.	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	F	😊	😊	😊	😊
D.R.	😊	😊	😊	F	😊	😊	😊	F	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊
	F	😊	F	😊	😊	😊	😊	F	F	F	F	F	F	F	F	F
	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	F	😊	😊	F	😊	😊	😊	😊
	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊
	😊	😊	😊	😊	😊	😊	F	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊
	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	F	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊	😊

III. Projeto Laboratório de Teatro Inclusivo

1. Projeto - Laboratório de Teatro Inclusivo

O projeto contruído e delineado, incluiu, como já foi descrito, 13 jovens: 7 jovens neurotípicos (entre os 13 e os 18 anos) e 6 jovens/adultos com DID (entre os 18 e os 45 anos), juntaram-se para a realização e experimentação de jogos/exercícios de teatro e expressão dramática. O trabalho com um grupo com estas características trouxe um desafio e a primeira experiência aos mediadores implicados nesta investigação.

Após alinhamento sobre os propósitos desta investigação, por mim e pelos colaboradores de ambas as instituições, deu-se início ao cronograma do plano de ação e ao esboço das sessões, no que diz respeito ao enquadramento geral sobre o modo como iriam decorrer. Todas as ações foram sendo planeadas e estruturadas semana após semana, de modo a ser possível, decorrente da avaliação e reflexão crítica ao longo dos workshops, fazer-se ajustes e criar propósitos mais adequados aos objetivos da investigação e dos contextos de ação, tendo sempre presente a finalidade de compreender como se podem promover relações sociais, com base na prática teatral, entre os jovens com e sem DID.

Partiu-se do pressuposto que sendo o objetivo geral deste estudo compreender como se, e se, se podem promover relações sociais, com base na prática teatral, entre os jovens com e sem DID, considerou-se desde logo, que todo o trabalho de ação, o decorrer da componente empírica beneficiaria do recurso a jogos dramáticos, formatos de trabalhar as noções básicas de palco, exercícios de expressão corporal de forma a criar contextos experimentais de relação entre os participantes

2. Plano de ação

O trabalho desenvolvido foi implementado no ano letivo de 2022/2023. De novembro a janeiro decorreu a fase de contactos com as instituições envolvidas e com os participantes. Depois, seguiu-se, o desenho enquadrador da intervenção e a preparação de toda a logística que envolvia a execução.

A revisão de literatura foi uma constante ao longo de todo o processo, pois a reflexão sobre cada etapa conduzia a novas descobertas, discussões e reflexões, e à necessidade de procura de mais informação.

O terceiro ciclo de investigação, que engloba as fases de execução e de avaliação, decorreu entre fevereiro e julho.

O plano de ação descreve as etapas desenvolvidas ao longo das sessões, teve sempre uma perspetiva de desenvolvimento global e integrado. Embora o caráter de desenvolvimento deste projeto seja num contexto de educação não formal, teve-se em conta o Perfil dos Alunos à saída da escolaridade obrigatória, as aprendizagens essenciais em Educação Artística – expressão dramática e teatro e os seus domínios.

O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO) é um referencial para as decisões a adotar por decisores e atores educativos constituindo-se como uma matriz comum ao nível do planeamento, na realização e avaliação. Este documento aponta para uma educação escolar com base humanista. Serve de matriz para o plano desenvolvido pois, através dele:

mobilizam valores e competências que lhes permitem intervir na vida e na história dos indivíduos e sociedades, tomar decisões livres e fundamentadas sobre questões naturais, sociais e éticas, e dispor de uma capacidade de participação cívica, ativa, consciente e responsável. (Martins et al., 2017, p.20).

Foi um documento impulsionador para a conceptualização deste projeto. A sua consulta e a seleção dos pontos essenciais a abordar contribuíram para a criação do projeto na sua globalidade. No entanto, o PASEO foi desenvolvido para ser implementado ao longo dos doze anos, ou seja, de todo o percurso escolar dos alunos nas mais variadas áreas de desenvolvimento. Para este projeto serviu de matriz conceptual e organizacional da estrutura e competências determinantes a abordar na prática pedagógica. Assim, foram selecionadas as áreas de competências, sem hierarquia na sua enumeração, abordadas na prática deste projeto, nomeadamente:

a) Consciência e domínio do corpo:

“dizem respeito à capacidade de o aluno compreender o corpo como um sistema integrado e de o utilizar de forma ajustada aos diferentes contextos.” (Martins et al., 2017, p.30).

Esta área acarreta que os alunos concretizem atividades motoras, experienciadas na relação do seu próprio corpo no espaço, ter consciência de si próprios a nível emocional, cognitivo, estético e moral de forma a estabelecer relações harmoniosas.

b) Sensibilidade estética e artística:

“dizem respeito a processos de experimentação e de fruição de diferentes realidades culturais, para o desenvolvimento da expressividade pessoal e social. Compreendem domínios de processos técnicos e performativos envolvidos na criação artística.” (Martins et al., 2017, p. 28). Esta área implica experimentar processos próprios nas diferentes formas de arte. Este projeto especificamente focou-se na área do Teatro e da Expressão Dramática.

c) Desenvolvimento Pessoal e Social:

“dizem respeito aos processos através dos quais os alunos desenvolvem confiança em si próprios (...) aprendendo a integrar o pensamento, emoção e comportamento para uma autonomia crescente.” (Martins et al., 2017, p. 26). Esta área implica estabelecer relações entre conhecimentos, emoções e comportamentos e solidificar e aprofundar as capacidades que já possuem, numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida.

d) Relacionamento Interpessoal:

“dizem respeito à interação com os outros, que ocorre em diferentes contextos sociais e emocionais. Permitem reconhecer, expressar e gerir emoções, construir relações, estabelecer objetivos e dar resposta a necessidades pessoais e sociais.” (Martins et al., 2017, p. 25). Esta área acarreta ajustar comportamentos em contextos de cooperação, partilha e colaboração. Trabalhar em equipa e interagir com tolerância e empatia.

e) Pensamento crítico e pensamento criativo:

“requerem observar, identificar, analisar e dar sentido à informação, às exigências e às ideias e argumentar a partir de diferentes premissas e variáveis.” (Martins et al., 2017, p. 24). Esta área acarreta pensar de forma ampla e em profundidade, “prever e avaliar o impacto das suas decisões; e desenvolver novas ideias e soluções, de forma imaginativa e inovadora, como resultado da interação com outros ou da reflexão pessoal, aplicando-as em diferentes contextos.” (Martins et al., 2017, p. 24).

Depois de definidas as áreas de competências foram consultadas as Aprendizagens Essenciais, que tem inerentes uma perspetiva de desenvolvimento global e integrado relativamente à área da Expressão Dramática e do Teatro. Estas aprendizagens são direcionadas para o 1º ciclo do ensino básico. No entanto, a abordagem artística do Teatro e da Expressão Dramática pode ser transversal a qualquer grupo etário, pelo que se decidiu manter o documento como linha orientadora da elaboração estrutural do projeto.

O desígnio é promover um desenvolvimento consciente e sustentado das capacidades e conhecimentos individuais e coletivos. A atenção reforçada à *zona de desenvolvimento proximal* (Vygotsky) para os jovens com DID era uma preocupação latente na planificação da ação que teria obrigatoriamente que seguir um formato inclusivo. As propostas teriam que ser desafiantes, mas exequíveis por todos. As propostas teriam que ser entendidas pelos jovens com DID e serem, simultaneamente, estimulantes para os jovens neurotípicos. Sempre com a perspetiva de oferecer a possibilidade de todos e de cada um pensar, agir e reagir às propostas que eram colocadas.

Todas as sessões foram planeadas descrevendo os exercícios e as dinâmicas desenvolvidas nas sessões, os objetivos de cada exercício e o propósito da escolha daquele exercício.

Assim, inspirada pelos organizadores das aprendizagens essenciais foram planificados 3 ciclos de trabalho com os seguintes domínios:

1º ciclo – Apropriação e reflexão (sessão 1 - 3)

“Prende-se de forma sistemática, organizada e globalizante, desenvolver as capacidades de apreensão” (DGE – Direção Geral da Educação, 2018, p. 1).

As práticas pedagógicas de ação foram delineadas à medida que se foi conhecendo o grupo, as suas capacidades, a sua interação. Nesta etapa similarmente se considerou

essencial o grupo conhecer-se entre si, apropriarem-se uns dos outros com confiança e segurança. Estas primeiras sessões serviram o propósito de se recolher informação, analisar os comportamentos, fazer os ajustes necessários⁶.

2º ciclo – Experimentação e criação (sessão 4 - 8)

“Incentiva-se (...) a apreciação estética e artística, através de processos de observação, (...) captando a especificidade na linguagem e construção dramáticas.” (DGE – Direção Geral da Educação, 2018, p. 1).

Nesta etapa procurou-se desenvolver mais exercícios de cena, com o pressuposto orientador de se identificarem, em manifestações performativas, personagens, cenários, ambientes, situações cénicas, problemas e soluções da ação dramática estimulando o trabalho de grupo e a coesão entre pares.

3º ciclo – Interpretação e comunicação (sessão 9 - 16)

“Conjugam-se a experiência pessoal, a reflexão, os conhecimentos adquiridos, através de exercícios e técnicas específicas, para a expressão de conceitos e de temáticas, procurando a criação de um sistema próprio de trabalho.” (DGE – Direção Geral da Educação, 2018, p. 1).

Neste ciclo propõe-se aos participantes a construção de um exercício/espetáculo para podermos partilhar com os mais próximos (colegas, amigos, professores, pais) o resultado artístico do nosso trabalho. Não era expectável a construção de um espetáculo, mas sim de um exercício performativo que evidenciasse o trabalho desenvolvido. Decidiu-se, em coletivo, falar sobre o caminho feito por todos e na ligação que se criou ao longo deste projeto. Na aula anterior trabalhou-se o movimento robotizado, mecânico. Surge assim o mote para o início da performance. Seriam bonecos mecânicos que se vão humanizando à medida que se aproximam uns dos outros. Tal como as relações sociais. Começam frias e distantes e aquecem à medida que as pessoas se vão ligando. Não que isso tenha acontecido literalmente, mas é espelhar o mundo lá fora, mundo de rotina, de

⁶ Toda a planificação das sessões encontra-se no apêndice 1

tempos reduzidos, de relações distantes. Querendo quebrar essa barreira decidiu-se que este seria o nosso ponto de partida.

2.1 Estratégias

Os jogos e exercícios sugeridos nesta planificação baseiam-se num trabalho de conjunto sobre as competências relacionadas com: o conhecimento do corpo, da sensível escuta do outro, no desenvolvimento do espírito coletivo de forma a serem adquiridas gradualmente. Tratou-se de estimular, através do jogo teatralizado, com o propósito dos participantes conhecerem-se a si mesmos, reconhecer-se no outro, viverem práticas sociais, conquistarem confiança em si mesmos, valorizarem as suas competências num espaço de partilha que foi ganhando uma dimensão de pertença simultaneamente individual e coletiva. Semanalmente e após momentos intercalados de reflexão, feita com base na análise da informação recolhida de forma naturalista e sistemática, era preparada a sessão seguinte tendo em conta as características do grupo, que há medida que o tempo passava, ia-se construindo, acrescentado conhecimento e resultados dos ganhos de competências e de ritmo imposto pelas capacidades de cada participante.

A partir da 9ª sessão começamos a sentir que seria muito importante, para o grupo, criar em partilha coletiva, um resultado artístico que demonstrasse o resultado do trabalho experimental, que objetivasse as sugestões e as dinâmicas propostas provenientes de todos, porque esse espaço foi sendo naturalmente criado e vivenciado, e que a mesma tivesse a possibilidade de ser partilhada com os amigos e familiares de todos os participantes. Tratou-se, do ponto de vista metodológico, como uma proposta de disseminação de resultados do trabalho de investigação e dos contextos e experiências vividos em grupo.

As conversas na roda e os estímulos gerados deram o mote para a construção do guião. O resultado foi o exercício de construção do espetáculo “Empatia”. Esta proposta, enquanto meta coletiva, trouxe ao grupo um entusiasmo e uma finalidade mais objetiva. As propostas de exercícios tornaram-se mais evidentes no seu propósito e o carácter experimental, trabalhado no passado ao longo das sessões, ganhou outro propósito para o coletivo dos participantes. À medida que o guião ia ganhando subsistência a atenção do grupo era redobrada.

Para que não houvesse esquecimentos de alguns dos detalhes, nomeadamente a ordem de colocação em cena, era tudo apontado. No entanto, verificou-se, individualmente, e

sempre de forma natural e – em formato de entreajuda - uma capacidade de memorização das marcações, das atitudes e das emoções a serem representadas. Para mim, e atrevo-me a dizer que foi sentido por todos, foi espetacular.

O lugar de cada um foi construído por si e pelos outros. No guião, foi dado destaque ao B. exatamente pelas suas características. O facto de ser invisual obrigou a que todos os exercícios e ações fossem adaptadas para que estivesse sempre a par de tudo.

No entanto, e apesar desta centralidade do corpo/preocupação em torno de B. - a individualidade de cada um foi tida em conta. Foi através dessa individualidade que se chegou ao resultado, ao todo.

2.2 Descrição das atividades no guião do exercício *Performance “Empatia”*

Música *Le moulin de Yann Tiersen*

Introdução - Cadeiras vazias.

Cada um entra à vez e ocupa um lugar vazio. Ao repararem na ausência do B. vão buscá-lo. Depois de todos os lugares ocupados...

Música *Reap de Robot Music*

Cena 1 – Bonecos mecânicos com movimentos robotizados. Despertam e iniciam os seus movimentos robotizados até ficarem sem pilhas e sem movimento. Caem.

O B. mantém-se no lugar.

Música *Transparent theme de Dustin Hlloran*

Cena 2 – Despertam com movimentos lentos e suaves, como que acabados de chegar a outro lugar. Descobrem-se a si mesmos. Movimentos lentos, amplos e leves. Erguem-se. Encontram o seu corpo no espaço e exploram-no.

Música Dispute de Yann Tiersen

Cena 3 – Erguem-se e abrem o olhar ao outro. Encontram o seu par. Aproximam-se. Jogo do espelho. Reproduzem movimentos do outro. Percebem-se iguais. Voltam a caminhar e trocam de par. Tocam-se. Abraçam-se. Abraçam-se longamente até a música terminar.

Música Up with titles de Michael Giacchino

Cena 4 – Festejam a descoberta do outro. Os corpos colam-se. Aconchegam-se uns aos outros e criam uma massa unida. Unidos somos mais felizes. O B. afasta-se do grupo. Há sempre alguém que o “alcança” e volta a reuni-lo aos restantes elementos.

Música Married life de Michael Giacchino

Cena 5 – O Ti. vai buscar o baú. Dirigem-se, em modo festa, ao baú e vestem os adereços. Em festa reclamam o que é seu por direito.

Música Luna de Tony Anderson

Cena 6 – dizem o poema:

B. - Se me deixasses ser

S. - Seja onde for

Se o filme fosse meu

Em luta contra o mal

Tudo o que te faz doer

Morria no final

Quando o escuro não passar

E te cega como uma prisão

Vou-te resgatar

Lavar o coração

Mar. - Se me fizesses crer

O sítio onde posso voltar

Para um dia entardecer

Quando a noite descansar

Na casa de permanecer

A pedra que fazemos chão

Para me rever

Lavar o coração

A. - Se me fizesses crer

	Se fosse eu a mandar
C. - Se me deixasses ser	Fazia-te ver
Mi. - Se fosse eu a mandar	
Fazia-te ver	N. - Frente ao precipício
Frente ao precipício	Juntos pela mão
Juntos pela mão	Se hoje queres saltar
Se hoje queres saltar	Eu quero ser razão
Eu quero ser razão	
	TODOS - Se hoje queres saltar
	Eu quero ser razão

Tiago Bettencourt, 2017

3. Recursos humanos e materiais

Enquanto investigadora, e mediadora, acumulei as ações de preparar as sessões, de dinamizar e, paralelamente, de observar a forma como os participantes participaram, nos vários contextos, nos contextos experimentais de prática e partilha.

Presente em todas as sessões e com expressiva colaboração ao longo do processo, contou-se com um ator do Teatro do Mar – representante do Serviço Educativo. A observar e a acompanhar os jovens DID estiveram também as 3 Técnicas da Cercisiago.

No espetáculo final “Empatia” contou-se com elementos da equipa técnica do Teatro do Mar que trataram de todas as questões técnicas, nomeadamente: a luz, o som, os objetos de cena, o guarda roupa e adereços.

Foram também contratados, pelo Teatro do Mar, serviços para o registo de vídeo e edição de imagem da apresentação do “Empatia” e do fórum. Este fórum resultou de uma conversa com todos os intervenientes. Cada um teve a oportunidade de fazer um balanço final, exprimindo e avaliando todo o percurso.

4. Formas de avaliação

A avaliação do projeto acompanhou todo o processo. Desempenhou um papel fundamental no contexto metodológico. De modo a verificar a sua eficácia e o impacto das intervenções houve avaliação de diagnóstico – o conhecimento dos membros do

grupo a avaliação das dinâmicas de construção identitária do grupo. Ao longo toda a avaliação que foi sendo feita, no registo naturalista e sistemático (os diários de bordo, as grelhas, a tabela de como se sentiram) e retorno dos participantes sobre como as sessões iam decorrendo, serviram para introduzir mudanças/adequações à proposta – o caminho foi de investigação- ação. Este feedback contínuo possibilitou as melhorias contínuas e o ajuste das estratégias adotadas para maximizar o impacto das ações.

No final do projeto e após a primeira apresentação do “Empatia” (projeto final) foram recolhidos os testemunhos dos participantes de forma a avaliar o impacto global das ações desenvolvidas incluindo as mudanças sentidas e observadas e os resultados alcançados.

No fórum final foi dada a oportunidade, a cada participante, de partilhar as suas emoções, a sua perspetiva e as dificuldades sentidas ao longo de todo o processo avaliando o percurso e o trabalho desenvolvido. Através dos seus contributos a análise dos resultados iriam ao encontro dos objetivos do estudo. Também foram feitas entrevistas aos intervenientes considerados relevantes.

5. Análise, discussão de resultados e avaliação do projeto

Primeira sessão

Dia do 1º encontro no projeto de Laboratório/Oficina de Teatro Inclusivo. Estavam todos com grande expectativa. O pensamento dos jovens adolescentes neurotípicos talvez fosse: “Como irei reagir? Serão assim tão estranhos?” Os jovens da Cercisiago não deram grande hipótese e quebraram qualquer gelo que pudesse existir com um abraço e um carinho. A espontaneidade e a entrega foram quebra gelos. Prova disso foi o testemunho dado pela S. durante o fórum *“Eu acho que as barreiras estavam mais em nós do que nos meninos da CERCI, no primeiro dia, assim que chegaram, mesmo não conhecendo nenhum de nós já estavam completamente à vontade connosco, éramos os melhores amigos, nós do teatro estávamos um bocado inseguros, vamos lá ver o que é isto, e quando eles chegam com esta energia toda...ok bora lá, é para continuar é para ser assim.”*

Para esse dia os exercícios propostos eram simples, o principal objetivo era conhecerem-se, encontrarem vínculos e ligação afetiva (Figura 5).

Afirmações como “*acho mesmo que podemos aprender coisas com eles*” (Mar) ou “*Houve momentos em que fiquei meio atrapalhada, mas com o tempo isto passará.*” (G.) revelam que apesar das dificuldades houve vontade comum de derrubar barreiras.

Figura 5

Foto de grupo tirada na 1ª sessão



Segunda sessão

Inicia com uma recepção calorosa e feliz! Estavam todos ansiosos e felizes por estarem juntos de novo. O entusiasmo esteve no rosto de cada um. Os laços e o carinho vão conquistando espaço pela alegria com que os jovens neurotípicos são recebidos pelos jovens DID. Relatos como: “*todos os sorrisos que esboçaram durante a aula foram de aquecer o coração.*” (Mi.)

Ou quando Mi. observa os outros e se manifesta com um: “*Gostei realmente de ver pessoas que pularam umas barreiras um pouco mais altas que as nossas poderem aproveitar o aconchego do teatro ao nosso lado.*” (Mi.)

Relativamente ao olhar perante o outro observa-se que vários neurotípicos relatam: *Nesta sessão senti-me mais à vontade, mais confortável.* (G.) ou “*Sinto que já estávamos mais à vontade.*” (S.) Estas observações levam-nos a considerar afirmativa a hipótese de que os contextos lúdicos/artísticos promovem a participação de jovens/adultos com DID e que estes contextos geram e favorecem uma maior interação entre jovens com e sem DID.

Para fortalecer este vínculo foi necessário olhar para o grupo e observar quais as barreiras presentes. Os exercícios foram adequados ao B. pelo facto de ser invisual, o que obrigou a uma permanente adaptação e ajustes (Figura 6). Este foi motivo de reflexão. Ao organizar a sessão seguinte teríamos que ter em conta estas adaptações e estes ajustes.

Figura 6

Jogo “O grande dragão”



Terceira Sessão

A partir da terceira sessão parecia claro que o gelo e as dúvidas davam lugar à criação de uma relação sem preconceitos (Figura 7). Evidências que permitem ilustrar esta aferição, podem ser encontradas nos seguintes testemunhos:

“sinto-me confortável perto deles.” (Mar.)

“Já somos todos muito amigos.” (S.)

“Damo-nos super bem. São super divertidos.” (S.)

O P. é demais ahahahha... são todos incríveis. (Mar.)

Foi o primeiro dia da C. que precisará de uns tempos para se adaptar ao grupo e nós a ela. Chegou com uma energia totalmente diferente. Mas introvertida, mais apática, mais reservada.

“Hoje foi a primeira vez da C. , achei-a um pouco reprimida, mas como tempo passa.” (S.)

A reflexão trouxe lugar à exigência. E, as propostas encaminharam o resultado pois essa exigência, ao nível da concentração, foi elevada.

A conversa na roda estava a tornar-se numa rotina fundamental. No entanto, não podia descambar. Não se podia perder o nível de concentração e tornar a roda e a conversa numa algazarra. O seu propósito era a roda servir para assentar ideias, para acalmar o corpo, para dar oportunidade de focar na sessão, para partilhar e para contribuir para o desenvolvimento dos trabalhos, para esquecer o mundo lá fora. Então ao fundo, o som de uma música relaxante, sugeria o ambiente calmo, sereno com a intimidade que se pretendia. Nesta terceira sessão, para além da proposta implicar o toque através da massagem, obrigou a um nível de proximidade que poderia, eventualmente, ter criado bloqueios. O efeito foi contrário. Não se observou nenhum bloqueio no ato de tocar.

Moldar os corpos imaginando que estes seriam feitos de barro serviu para o desbloquear e “entrar no espaço do outro” através do toque. A G., por exemplo, partilha que é uma coisa que a deixa desconfortável:

“O toque físico é algo que me faz sentir desconfortável em geral, mas esta sessão ajudou-me em respeito a isso.” (G.)

Aqui, e nesta dinâmica, não esteve bloqueada.

“Ter alguém que não conheço a tocar-me, alguém que não me é familiar é algo estranho para mim, porém não me fez sentir desconfortável.” (G.)

Perceber, através dos diários, que isso foi extensível a outros elementos:

“Todos estes exercícios servem para criarmos uma ligação mais profunda e não uma coisa superficial.” (Mar.)

“O meu corpo sentiu-se bem, relaxado e com boa disposição.” (B.)

“Na sessão de hoje fizemos vários exercícios de toque o que foi muito importante.” (N.)

Apesar do plano de sessões estar definido de acordo com os documentos orientadores e chegar a altura de mudar de ciclo, o final de cada sessão era momento de refletir no caminho seguir e a desenvolver. A etapa seguinte: promover a possibilidade de experimentar e desenvolver manifestações performativas.

Depois de conhecer o grupo, chegou o momento de reflexão no modo de aplicação destas experimentações. Foi ponderado: que constrangimentos foram sentidos? Que dificuldades foram detetadas? Se o foco do estudo está nas relações sociais e, nesse campo, não se estava com dificuldades. Relações estabelecidas, toque desbloqueado. Seria importante entender as competências na performance do ator, no *acting*, na ação em palco e nas capacidades cognitivas e motoras. Sempre invocando a uma consciência coletiva.

Figura 7

Exercício de aquecimento (a) e trabalho de grupo (b-c)



a)



b)



c)

Quarta Sessão

Esta sessão foi a seguir à pausa do Carnaval. Trazia consigo a saudade. Podemos verificar a C. mais à vontade e mais disponível do que na aula anterior (Figura 8).

O 1º a entrar na sala, após tirar os sapatos e calçar a meias, é sempre o Iuri. Parece sempre ansioso por contactar com os jovens adolescentes.

À medida que vão chegando vão-se sentando na roda para o momento de encontro. Fala-se dos dias, das festas, das máscaras. Este momento de partilha vai criando laços e vai permitindo que haja observação. Os jovens da Cercisiago são sempre muito espontâneos. São sempre muito transparentes. Abraçam, beijam e comunicam de forma muito afetuosa. O mais discreto, mas nem por isso menos carinhoso, é o Ti.. Sempre muito concentrado e distinto. Diz que o teatro é a sua paixão, a sua vida. Percebe-se pela sua performance que tem bastantes capacidades e talento.

O grupo revela sempre a preocupação constante de descrever os exercícios ao B.. Mantem-se a adaptação das dinâmicas para que os consiga fazer. Nesta sessão o exercício do “Movimenta-te como o Chefe” foi-lhe descrita a proposta do movimento para que ele reproduzisse.

Pode-se confirmar que a C. tem muitas competências. Entende perfeitamente o que lhe é pedido e está a interagir bem com o grupo e com o que lhe é proposto. Está com uma atitude mais ativa.

Depois das rotinas feitas, através da conversa na roda, segue-se o aquecimento passando para uma dinâmica de concentração e ação simultaneamente.

“Em massa” foi o nome dado à dinâmica desenvolvida. Através do movimento criou-se uma massa de corpos ao centro da sala, sempre bem apertadinhos uns contra os outros.

Seguiu-se com um exercício de improvisação, trabalhado em pequenos grupos de 4 elementos. Os relatos, retirados dos seus diários, destacam o facto de, pela primeira vez, terem desenvolvido um exercício de improvisação em grupos.

“Hoje a nossa aula foi espetacular, pois pela 1ª vez trabalhamos a representação e a dramatização em grupos, e estar de novo a fazer uma coisa que gosto é só incrível e é ainda mais especial fazê-lo com pessoas extraordinárias” (R.)

“Fizemos uma mini representação que foi muito importante para ficarmos mais à vontade uns com os outros.” (N.)

A certeza que as expectativas estavam altas, como este relato prova:

“Cada vez mais estas aulas semanais têm vindo a ser um grande aprendizado que tenho a plena certeza de que levo para a minha vida.” (R.)

No final de cada sessão proporciona-se a todos os participantes o espaço para a reflexão através da escrita e do desenho. O B. cada vez que escreve o seu nome fica super feliz e exterioriza essa felicidade, referindo:

“A felicidade do B. ao conseguir escrever o nome dele foi muito bonita.” (G.)

O que o B. quer escrever no diário ele relata e alguém escreve, na maioria das vezes as técnicas da Cercisiago dão-lhe esse apoio para que os outros jovens estejam concentrados nas suas reflexões.

Figura 8

Trabalho em grupo



Quinta sessão

Na sessão cinco houve uma mudança de espaço. Desta vez os participantes do SETM deslocaram-se até à Cercisiago em Santiago do Cacém.

“Foi a primeira vez que viemos à Cerci, em Santiago e o espaço é maravilhoso e tem espelho o que é ótimo.” (Mar.)

Esta mudança de espaço foi estratégica. Não faria sentido ser de outra forma. À descoberta do lugar de onde passam os dias e onde fazem as suas rotinas. Fomos recebidos entre beijos e abraços num misto imenso de alegria e amor. Durante este mês as sessões acontecerão neste lugar Encaminharam-nos para o pavilhão – sala onde fazem psicomotricidade, fisioterapia e têm as aulas de Dança.

Assim que se entrou na sala, formou-se a roda do costume e houve um momento para se por a conversa em dia. À medida que o tempo passa, e que as experiências em comum acontecem, o à vontade vai crescendo.

Esta sessão promoveu mais intensidade no toque. Começamos a aula com uma massagem 2 a 2. E, novamente não se observou nenhum constrangimento com o toque. Mantiveram-se aos pares, o corpo colado ao do parceiro e deslocar-se pela sala (Figura 9).

Pode-se observar que quando lhes é pedido para escolher o par, escolhem sempre quem não é da escola deles.

“Ao escolhermos os grupos a T. e a C., juntaram-se logo a mim e ao R., acho que já se sentem mais confortáveis ao pé de nós, e gostei que fossem elas a escolher o grupo com o qual se sentiram melhor.” (G.)

É notório que os alunos do SETM estão cada vez mais enternecidos. Começa-se a verificar que existem laços afetivos e que se procura uma relação próxima com os DID.

Depois movimentámo-nos em massa pela sala, sempre bem apertadinhos uns contra os outros. É importante sentirmos a respiração do outro, o calor do corpo, o desequilíbrio e encontrar neste coro um equilíbrio em equidade.

Por fim o exercício mais teatral, a partir de improvisação. O tema sugerido foi: uma situação do cotidiano. Era necessário definir a ação e ser claro para o público: quem são, onde estão e o que fazem. Durante a cena, teria de acontecer um percalço. Não era obrigatório usar expressão verbal.

De notar que os grupos trabalharam bem. Os jovens neurotípicos assumiram ser o canal de comunicação e os colaboradores da ação. Ouvem e estimulam os pares DID a participar, vejamos um exemplo:

“É bom partilharmos as ideias entre todos e percebermos como cada um pensa.”
(Mar.)

Mas o interessante é perceber que são escutados e que as suas propostas são materializadas.

“Fizemos uma peça sobre a reencarnação (tudo ideias do Ti.) Gostei desta aula, senti que o Ti. gostou imenso de fazer este teatro porque foi ele que criou a história toda.” (S)

Para a próxima sessão a G. e o R. sugeriram um exercício de construção de personagem com acessórios e roupas e adereços.

Figura 9

Exercício a pares



Sexta sessão

A sexta sessão arranca com a roda e muita conversa para por em dia, na semana anterior não houve sessão. Os jovens da Cercisiago tinham compromissos. Estavam em ensaios para um espetáculo. E esse foi o tema central da conversa na roda: o facto de os jovens da Cercisiago terem feito um espetáculo no auditório de Santiago. Alguns de nós tivemos a oportunidade de assistir ao Grupo de Expressões: Arca dos Sonhos. Apresentaram a peça original “Eles chegaram”. O tema do espetáculo era a escravatura.

Apresentam-nos factos históricos e vivem a pele de quem é tratado como bicho. Gostámos muito de assistir. Serviu de reflexão imaginar as complexidades encontradas durante o processo de construção. Todos consideramos que o resultado final foi incrível. Foi notória a felicidade de nos verem ali. Tivemos a oportunidade de conhecer as suas famílias e demonstrar o quão orgulhosos estávamos. Pareceu-nos importante as famílias sentirem que há quem os ame, há quem se orgulhe e aprove a existência de cada um deles. Chamemos-lhe empatia.

A importância desta roda de conversa torna-se cada vez mais essencial na rotina das sessões. No fórum final surgiu esta reflexão sobre este momento de roda:

“A nossa conversa semanal... em que contávamos coisas que se passavam durante a nossa semana, alguma coisa que nos marcasse, ou que nos deixasse mais felizes,

ou mais tristes, porque nem sempre estamos felizes, e acabávamos por nos abrirmos e percebermos um bocado também o pouco de cada um e como cada um lida com o mundo, no dia a dia, aquilo que enfrenta, e isso também serviu para nos aproximarmos mais e para nos ajudarmos uns aos outros a perceber melhor as coisas e a ultrapassar as nossas dificuldades, que neste momento deixaram de ser dificuldades e passaram a ser os nossos pontos fortes.” (Mar.)

Nestes momentos de partilha criaram-se laços.

“Eu acho que foi uma experiência que me moldou...de uma forma que não estava à espera que me moldasse, desconstruí imensos valores meus, fui crescendo como pessoa ao longo disto, e fui criando laços que não existiam. Eram pessoas que eu não conhecia, mas que encontraram o seu lugar perto do meu coração.” (Mi.)

Aqui, na procura de estabelecer relações, estes momentos de partilha, proporcionam simultaneamente intimidade.

Passámos para um exercício intimista, de toque e de confiança. A dinâmica do exercício foi: um elemento deitado de barriga para baixo recebe as mãos de todos, em simultâneo, numa massagem relaxante e estimulante. Depois do corpo relaxado, manipulado por todos, é virado para cima e erguido no ar. Quando chegou o momento de ser erguido o P. teve muito medo. É preciso confiança para se deixar levar, mas depois de uma palavrinha dita ao ouvido ele lá seguiu viagem e conseguimos ergue-lo do chão. Confiou. Um a um teve oportunidade de experienciar este momento.

Posteriormente foi colocada uma arca cheia de adereços e peças de roupa. Sugeriu-se a construção de um personagem com a utilização daqueles materiais e desenvolver uma ação dramática, estimulando o trabalho de grupo e coesão entre pares. Neste dia, as reflexões nos seus diários incidem neste exercício:

“Eu gostei muito desta sessão porque podíamos ser quem quiséssemos e sermos livres a fingir que somos quem quisermos.” (A.)

“Hoje pude ser alguém diferente, alguém que não é a Mar. de todos os dias. (...) Senti-me diferente por encarar uma personagem diferente. É bom às vezes mudar,

e é por isso que também gosto de fazer parte deste projeto, para lidar com outras pessoas e puder ser eu e até novas personagens.” (Mar.)

“Trabalhámos a criação de personagens e foi muito divertido.” (R.)

“Gostei de colocar a peruca e encarnar a personagem.” (B.)

Foi matéria de reflexão observar o entusiasmo e a forma coesa como os grupos trabalhavam para as suas apresentações. Começou a fazer sentido ponderar um projeto final, um objeto artístico, um projeto comum que pudesse unir ainda mais o grupo.

Figura 10

Exercício de improvisação



Sétima sessão

Os exercícios são permanentemente adaptados ao B. pelo facto de ser cego, como já foi descrito acima. Que estratégia utilizar para encontrar este caminho comum, este pensamento global e em comunhão? Sentir na pele a dificuldade do outro. O grupo precisava constatar a real superação do B. nas ações mais básicas. Julgou-se que era

necessário tornar essa adaptação numa causa comum. E, no sentido de encontrar a resposta em união, foi proposto o exercício do Guia do Cego. Aproximar o grupo da dificuldade sentida por um dos seus elementos pareceu-nos a estratégia certa. A união aqui era o ponto de partida para criar a empatia desejável. Então, a pares, um servia de guia e o outro colocava uma venda nos olhos deixando-se guiar pelo colega. Confiar e deixar-se levar. *“Hoje fizemos vários exercícios de confiança, senti-me segura.”* (S) O exercício tinha este propósito maior: saber estar no lugar do outro, sentir na pele o que o outro sente, é certamente o melhor para criar empatia, respeito e valorizar. As afirmações que se segue comprovam:

“Senti-me à vontade. Sinto que estes exercícios nos dão mais confiança uns nos outros.” (S.)

“Sinto que a pouco e pouco se forma cada vez mais laços, não só entre nós e os que estão na Cerci, mas sim entre todos! Cada momento que passo aqui sinto-me ligeiramente mais próximo de toda a gente. É um conforto que não tem como explicar, é um conforto que só o teatro me trás.” (Mi.)

“Trabalhámos a confiança e na minha opinião foi um tema bastante bom para se trabalhar.” (R.)

Figura 11

Exercício a pares



Oitava sessão

Na roda a conversa rolou de forma descontraída e relaxada. Éramos poucos. *“Hoje faltou muita gente. Sinto falta deles. Já somos um grupo e quando alguém falta já sentimos falta deles.”* (S.) Falou-se sobre o caminho feito. Em modo balanço cada um deu uma palavra chave resumo deste caminho: Sonho (T.), Confiança (C.), Genuínos (S.), Entreajuda (Mi.), Vida (Ti.), a boa vontade e gosto (B.), Confiança (N.).

Registou-se cada palavra. Ficou como matéria de reflexão para a criação do guião. Já havia uma semente para o arranque, mas ainda em processo.

Iniciámos os trabalhos com a proposta de um exercício expressão corporal. A qualidade do movimento e a capacidade expressiva contribui para uma organização mental que nos pareceu importante trabalhar. Movimento mecânicos, robotizados, contados e definidos pelo tempo e pelo ritmo e organizados em sequência. Explorou-se de forma individual estas competências. Pôde-se observar que os jovens com DID têm mais dificuldade na organização do movimento segmentado, por outro lado são mais rigorosos na sua repetição, tal como foi solicitado.

“Trabalhámos o corpo e transformámos em robôs. Para mim não foi fácil, mas consegui.” (C.)

“Hoje trabalhámos os movimentos de robôs, senti dificuldade ao movimentar os braços.” (B.)

No final da sessão conversámos sobre a possibilidade de construirmos um espetáculo. Propôs-se contar a nossa história e o nosso caminho. Havia 7 sessões para montar um espetáculo. Então a proposta incidia nas técnicas e nas experiências feitas até aqui. Pegar nos exercícios que já tínhamos feito e montar uma dramaturgia.

Desafio aceite. Demos início à construção da primeira cena a partir do exercício do movimento robotizado.

“Conversámos. Gostei das ideias. Sonhei novos amigos.” (I.)

O entusiasmo instalou-se:

“na reflexão de hoje a Tânia e o Luís falaram-nos na proposta de construir um projeto que aglomerasse todo o nosso trajeto e descobertas ao longo desta experiência. Na altura, um deles questionou se realmente era o grupo da Cerci que estava a quebrar barreiras, ou se na verdade éramos nós. Ouvir isto abriu-me os olhos, porque realmente é verdade. A forma como eles se entregam ao teatro e a novas experiências é surpreendente. Barreiras que nos são impostas a nós mesmos, são possivelmente inexistentes para eles. Todos interagimos, trabalhamos e criamos de formas diferentes e cada vez mais uma coesão de pensamentos como se, quando trabalhamos em grupo, nos uníssemos num todo.”
(Mi.)

“Tive muito gosto em trabalhar com o grupo.” (B.)

“Queremos fazer um projeto de teatro sobre a nossa amizade. Gostei da ideia.”
(C.)

Podemos afirmar que o contexto inclusivo é capaz de favorecer interação entre os participantes.

Figura 12

Momento de registar nos Diários de Bordo



Nona sessão

Regressámos à sala das oficinas do Teatro do Mar.

Durante a preparação da sessão considerou-se fundamental manter a estrutura nas rotinas apesar do tempo grosso da aula ser dedicado a ensaios e a criar o espetáculo. Portanto iria-se manter: Roda de conversa, Aquecimento, Ensaio.

Considerando que se deveria manter o estímulo, os exercícios propostos para o aquecimento deveriam ser de relaxamento harmonizando-se num momento capaz de unir o grupo quer fisicamente quer no nível de concentração.

Inseriu-se balões no aquecimento (Figura 13). Pela reação do B. evidenciou nunca ter sentido um balão nas mãos. Brincou-se de forma livre e espontânea. Criou-se um momento de conexão sem sequer usar uma palavra. Não foram necessárias palavras.

“O momento que se destacou foi uma simples brincadeira com balões (...) quando dei por mim haviam 4 balões espalhados pelo ar e toda a gente se perdeu no joguinho com um sorriso no rosto, como crianças. Foi impagável, todos se distraíram e se conectaram.” (Mi.)

Nesta semana sentiram-se algumas ausências, mas a intimidade que se criou permitiu outra calma, outro espaço, outra conexão. Iniciou-se a roda com a proposta da apresentação para no final do projeto. Não querendo criar pressão nem falsas expectativas o assunto era sempre abordado de forma descomprometida. Não se esperava a construção de um espetáculo, mas sim de um exercício que evidenciasse o trabalho desenvolvido. A partir do exercício trabalhado aula passada, o movimento robotizado e mecânico, surge assim o mote para o início da performance. Seremos seres mecânicos que se humanizam à medida que ganham proximidade uns dos outros. Tal como as relações que começam frias e distantes e aquecem à medida que as pessoas se vão ligando. Não que isso tenha acontecido literalmente com o grupo, pelo contrário, mas espelhando o mundo lá fora, mundo de rotina, de tempos reduzidos, de relações distantes. Pretendendo quebrar esse estigma, essa barreira decidiu-se que este seria o ponto de partida.

Referindo questões mais técnicas, percebeu-se que os jovens DID estavam com dificuldades na qualidade do movimento robotizado e na memorização da sequência.

“Senti-me bem. Tivemos que ajudá-los para eles perceberem os movimentos.”
(G.)

Crê-se até que estas dificuldades aproximam ainda mais os jovens neurotípicos dos DID:

“Sinto que o nosso dinamismo como grupo se estende para além das sessões. Fico feliz de experienciar isto.” (Mi.)

Relativamente ao trabalho em construção os jovens DID manifestam-se de forma positiva:

“Senti-me entusiasmado. Gostei do trabalho. Senti-me emocionado. Fiquei feliz por ter trabalhado. Diverti-me muito.” (B.)

“Senti-me bem antes e depois. (..) Por detrás de cada corpo há um boneco que não era eu.” (Ti.)

Figura 13

Exercício de aquecimento com balões



Décima sessão

Manteve-se a mesma lógica de preparação da sessão. Roda, aquecimento e ensaio. Daqui para a frente e até ao final previu-se que assim seria. Hoje foi na Cercisiago.

Depois do acolhimento as novidades foram partilhadas na roda. A C. falou da aula de ballet que teve esta semana, a N. corou quando lhe perguntam se já namora, a Mar. regressou depois de uma ausência de 3 semanas e conta-nos a sua aventura nos ringues de luta Muai Thay, a S. falou sobre o programa de voluntariado que participou Férias Ativas, O I. da viagem que fez nas férias da páscoa, o P. diz que se portou muito bem, a T. revela que afinal o P. fez umas fitas e não se portou assim tão bem, o Ti. conta que vai participar num casting e vai ser candidato a ator numa serie de tv, muitas histórias muitas aventuras que se reuniam nas tardes de quarta-feira. De modo a permitir observar as escolhas e opções determinou-se que a escolha dos pares seria um momento de observação importante.

Iniciou-se a sessão exatamente com a escolha do par. Cada jovem da Cercisiago escolheu, à vez, o par com quem deseja trabalhar: a T. escolheu a S., o P. o A., a C. escolheu a Mar., O Ti. a N., o I. a Rafaela (Técnica Cercisiago), o B. a Mónica (Técnica Cercisiago).

“Os nossos amigos escolheram os pares, o Ti. Escolheu-me a mim e foi engraçado porque não estava à espera.” (N.)

“Acho que a Carina gosta de mim. Fico contente em saber.” (Mar.)

“O primeiro exercício era a pares e quem me escolheu foi a T. Fiquei feliz.” (S.)

Percebe-se pelos diários que ser escolhido trás sentimentos positivos e que a felicidade na escolha une, através dos laços afetivos, ainda mais estes jovens.

Animais nas costas era a proposta de trabalho (Figura 14). Um exercício a pares, que incita a concentração e a sensibilidade ao toque. Tem uma dimensão mais abstrata porque é necessário imaginar qual é o animal nos está a andar nas costas, pelas mãos do par.

Figura 14

Exercício “Animais nas costas”



A entre ajuda foi notória e voluntária. Há uma cumplicidade e uma compreensão bonita entre os jovens.

“Estou muito feliz com isto. Sinto-me e sinto que cada vez estamos mais próximos.” (Mar.)

“Os meus colegas, os meus amigos.” (C.)

“Acho que esta parceria está a correr bem.” (B.)

“Foi bonito.” (Ti.)

Depois partiu-se para a continuação da construção do nosso exercício/espetáculo. Escolheu-se a posição de sentados para se dar início à cena (Figura 15). Começou-se, em conjunto, a criação da narrativa.

“Hoje foi muito giro porque estamos a criar um miniteatro com todos e é muito criativo e uma maneira de interagirmos.” (Mar.)

“Acho que esta parceria está a correr bem.” (B.)

A primeira cena implicava estarem todos coordenados com movimentos robotizados. Salientou-se nestes momentos as dificuldades dos jovens DID, ao nível da organização do movimento, da memorização da coreografia e dos tempos e ritmos serem desfasados.

“Fizemos a dramatização e senti que é um bocado difícil para eles coordenarem e esse tipo de coisas mas com a prática foram conseguindo.” (N.)

“(…) algumas coisas que não achei fáceis.” (B.)

Deu para intuir que a cena precisava de se transformar numa rotina, num treino. Com treino seria possível. À medida que se ia criando a sequência de movimentos ia-se explicando ao B. como fazer e os timings certos de cada um.

Em reflexão este ajuste. Era necessário adaptar à dificuldade do B.. Para os restantes o treino seria suficiente, mas para o B. seria preciso ajustar. Também ficou em processo reflexivo a escolha de um poema ou uma canção que nos servisse, que nela coubesse tudo aquilo que criámos e que queremos perpetuar.

Figura 15

Fotografia do 1º ensaio do “Empatia”



Décima primeira sessão

A sessão decorreu na sala das Oficinas do SETM. Os participantes da Cercisiago chegaram com mais de 30 minutos de atraso, um percalço com o transporte.

Com o pouco tempo efetivo de sessão nem se fez aquecimento. Deu-se logo início aos ensaios. Cada um sentado no seu lugar escutou o poema que inspira e dá lema à performance que está em preparação.

Depois inspirados pelo poema deu-se continuidade ao processo criativo coletivo.

Pôde-se observar a colaboração e a disponibilidade dos neurotípicos na ajuda aos pares. O A. sempre permanentemente a orientar o B.. A ação implica movimentos robotizados feitos em sincronia com todos os elementos que estão em cena. *“Começamos a construir o nosso exercício, no início tivemos algumas dificuldades com o B. – devido ao seu problema – mas com o tempo fomos aprimorando o exercício.”* (G.)

Mesmo com o ritmo da música a ajudar, o B. precisa de orientação verbal para executar. Ao seu lado o A. disponibiliza-se espontaneamente para lhe dar as indicações necessárias. *“Agradeço a ajuda que me deram. (...) houve partes que achei difícil.”* (B.)

Reorganizaram-se os lugares na procura da forma equilibrada, intervalando uns com outros.

Embora tivessem existido mudanças de planos e novas sugestões ao guião foi uma tarde bem rica (Figura 16).

“Continuamos no processo criativo (...) conseguimos ultrapassar as barreiras individuais como um grupo, como aconteceu com o B.” (Mi.)

“Esta sessão foi mais técnica e também adaptámos o “espetáculo” ao B..” (A.)

“Estou entusiasmada com o resultado final. Espero que consigamos.” (Mar.)

“Acho que eles ainda estão um bocadinho “perdidos”, as à medida que vamos fazendo eles vão acompanhando.” (S.)

“Foi uma aula muito interessante em que eu estava muito contente. Trabalhámos todos juntos. Foi tudo bem explicado e foi uma tarde muito boa.” (B.)

“Tornámos a nossa peça, a representação perfeita da nossa relação. Passámos de máquinas (Robôs) a pessoas (humanos).” (Mar.)

Figura 16

Momento do registo no Diário de Bordo



Décima segunda sessão

Neste dia a sessão decorreu na Cercisiago (Figura 17). Pode-se observar um à vontade, sem cerimónias. *“O conforto e a descoberta está a ser uma parte crucial para nos conhecermos uns aos outros sem precisar falar muito Sinto-me super próximo de*

toda a gente. Quase como uma família.” (Mi.) Já se sentem como que em casa, confortáveis no espaço e confortáveis uns com os outros. *“Comparando com as outras sessões estamos muito mais à vontade uns com os outros.”* (N.)

Diretos à sala de trabalho a equipa é recebida com a alegria, os beijos e abraços, novidades e mais beijos e mais abraços. *“Senti-me bem antes e depois.”* (Ti.) Hoje faltou o B., ainda assim conseguimos criar as cenas até meio guião. *“Espero que o B. venha para vermos se ele consegue fazer tudo o que temos em mente.”* (G.)

O nível de concentração, a disponibilidade, as ideias, os ajustes são sempre feitos por todos.

Estão todos muito felizes com o resultado. Parecem divertir-se e revelam prazer em estar juntos.

Figura 17

Chegada à Cercisiago



Décima terceira sessão

Neste dia acertaram-se os pormenores da apresentação: dia 7 de junho às 14h30 no auditório do Centro de Artes de Sines. Enquanto se acertavam pormenores e se organiza a logística eles conversaram. De fundo só se escutavam gargalhadas. Pode-se

observar os abraços que davam uns aos outros. Dançavam o cha cha cha com a S. e a Mar. – desafio colocado por elas porque tinham acabado de dar este conteúdo na escola na disciplina de Educação Física. A T. quis logo dançar também. O P. também quis. E foi ali um momento de partilha bem bonito. *“Hoje esta sessão animou-me. Fez-me rir e temos uma ligação maior e mais forte.”* (Mar.)

Seguimos de imediato para os ensaios. As adaptações estavam feitas e confirmadas pelo próprio:

“Todos me ajudaram no que foi possível.” (B.)

Foi notória a evolução.

“Estamos a evoluir e quase estamos a acabar este projeto.” (Mar.) ou

“Conseguimos fazer até mais longe que a última sessão.” (G.)

Partindo das observações e análise dos diários de bordo podemos verificar que a relação construída entre os jovens ganha espaço. Foi ganhando à medida que o tempo passava e que as cumplicidades criadas iam sendo construídas.

” Acho que estamos mais próximos. Sinto que já somos uma família. “(S.)

“Amigos do coração.” (C.)

“É uma parceria muito bonita em que eu e os meus colegas colaborámos uns com os outros.” (B.)

Relativamente ao “Empatia” – exercício espetáculo – acredita-se que foi uma boa aposta. Uma boa decisão de construir um objeto artístico comum que unisse ainda mais o grupo. Poder ter este momento contruído por todos e promover simultaneamente o trabalho de equipa, intrínseco nesta atividade, é a grande mais valia.

“Gostaria de fazer mais peças.” (C.)

“Estou muito entusiasmada para a apresentação final.” (N.)

Figura 18

Ensaaios “Empatia



Décima quarta sessão

Esta sessão foi na Cercisiago. Os jovens DID chegaram um pouquinho mais tarde. Tiveram uma atividade organizada pela Cercisiago e por uma escola de surf da zona. Chegaram ainda com o sal no corpo, mas cheios de vontade de estar connosco. Abraços e os sorrisos que nos acostumaram sempre que nos acolheram ou em cada reencontro. Nesta sessão experimentaram-se as roupas e os adereços para a cena final do “Empatia”. Cada jovem do SETM se voluntariou para ajudar um da Cercisiago de forma voluntária e espontânea.

Organizaram-se as ações de cena e chegou-se a acordo com a forma mais funcional para se desenrolar a cena (Figura 19). O Mi. tem o timing certo para o grupo se aproximar da ação da mala e seguir para os adereços.

Já se vai sentindo a reta final a aproximar-se e a sensação anda num misto de felicidade e tristeza. *“Cada vez mais somos amigos. Já somos uma família. (...) vou ter saudades destes meninos.”* (S.)

Neste ensaio conseguiu-se concluir a última cena e iniciámos o poema final. *“Finalmente demos um fim à nossa peça/história e podemos dizer que é da melhor forma.”* (Mar.)

A verdade é que se construiu o “Empatia” a contrarrelógio. *“Mesmo com prazo apertado, distrações ou contratempos, temos avançado com a ideia.”* (Mi.)

No final o poema:

“é uma das partes mais bonitas e emocionantes.” (S.)

“Já conseguimos chegar ao fim da nossa peça. Está a ficar muito bonita e emocionante. Quando estamos no fim a recitar o poema acho que é dos momentos mais bonitos de todo o exercício.” (G.)

Salienta-se a forma como o grupo desenvolve o trabalho, as relações criadas e o sentido de comunhão:

“eu e os meus colegas trabalhámos muito em grupo. O grupo esteve sempre unido e a aula correu muito bem.” (B.)

“Espero que possamos expandir este nosso universo cada vez mais.” (Mi.)

“Estou contente com a nossa peça e com o caminho que fizemos até aqui.” (G.)

“Vai-se formando um mundo só nosso em que podemos ser quem nós somos de verdade.” (Mi.)

Para o poema sentiu-se que seria necessário trabalhar mais a intenção, a interpretação e a projecção da voz. Matéria a ser desenvolvida na sessão seguinte.

Figura 19

Ensaios “Empatia”



Décima quinta sessão

Ensaio e o pouco tempo disponível eram o foco de todo o grupo. Ainda assim houve espaço para a conversa ser colocada em dia embora mais atropelada com a azáfama dos últimos retoques (Figura 20).

“Vai deixar saudades de não estarmos mais com os nossos amiguinhos.” (N.)

Pode observar-se que o sentimento de despedida é ambíguo. Se por um lado *“Estou contente com o trabalho que fiz.”* (B.), por outro *“Vou ter saudades destas aulas.”* (S.) e ainda se acrescenta: *“Estou ansiosa para fazermos a apresentação ao público. Para a semana vamos fazer no auditório do Centro de Artes de Sines.”* (G.).

Ou o entusiasmo: *“Estou entusiasmada com a nossa apresentação final.”* (N.)

Em modo balanço:

“Adorei esta experiência, foi ótimo a ligação criada entre todos.” (Mar.)

“Hoje acabamos o espetáculo e conseguimos definir todos os detalhes e todos se sentem muito entusiasmados.” (A.)

“Todos nós colaborámos em grupo e juntos. Ao longo destes meses temos feito um bom trabalho.” (B.)

Trabalhou-se o poema. Esse foco deixou reflexões muito importantes:

“Se fosse eu a mandar, não mudava um cabelinho que fosse. Apesar das dificuldades, é as características de cada um que nos forma e nos molda como somos. É só charme!!! Se fosse eu a mandar esta festa não acabava.” (Mi.)

“Se me deixasses ser”, a frase do poema que mais oiço nestas aulas/ensaios, e é mesmo verdade se cada um fosse o que é verdadeiramente era tudo tão mais fácil...” (S.)

Figura 20

Ensaaios "Empatia"



Décima sexta sessão

Última sessão antes da apresentação. Último ensaio.

As rotinas estavam instaladas. O grupo comportou-se de forma muito natural e muito espontânea.

Arrumaram-se os figurinos e os adereços. O último ensaio aconteceu no espaço onde foi o espetáculo – no auditório do Centro de Artes de Sines. Tudo tratado pela produção do Teatro do Mar.

Nos seus diários podemos verificar o misto de alegria e de entusiasmo, em paralelo com a tristeza desta etapa estar a chegar ao fim.

“Hoje senti-me triste e feliz ao mesmo tempo. Deixou-me super feliz fazer parte deste projeto, foi algo que me trouxe muitas emoções e me fez olhar para as pessoas de uma forma mais contente.” (Mar.)

“Vai deixar tantas saudades.” (S.)

“Hoje foi a última sessão e foi uma sensação um bocado estranha, terminamos uma “etapa”, mas vai deixar muitas saudades.” (N.)

Partilhar com quem se ama o que esteve ali a ser criado foi um sentimento muito expresso também:

“Mal posso esperar por levar este sentimento para fora do nosso espaço e mostrar a quem nos vir um pedacinho de cada um de nós intrínseco no espetáculo através da nossa atuação.” (Mi.)

A expectativa criada parecia estar à altura dos acontecimentos:

“Vai correr tudo bem... estamos preparados para o próximo desafio.” (S.)

“(...) a apresentação vai correr super bem.” (N.)

Não se tratou de uma apresentação comum. Tratou-se de levar para palco a história da ligação e das relações que ali se desenvolveram ao longo de todo o processo de trabalho. No fundo, é quase que quebrar a parede do palco e deixar a comunidade e o público entrarem neste mundo criado e neste caminho traçado.

“Foi um caminho muito bonito. Chorei hoje no fim de tudo. Acho que foi e é uma oportunidade maravilhosa, acho que aprendi muito com tudo o que fizemos. Uma das melhores experiências que já tive.” (G.)

Pode-se confirmar que foi a promoção das relações e dos laços desenvolvidos que deram o fruto e o resultado (Figura 21).

“Trabalhámos todos em grupo e todos os amigos se uniram. (...) Foi um trabalho muito bonito. (...) Partilhámos a amizade em conjunto.” (B.)

“Foi um esforço mútuo, em união. Querendo ou não esta caminhada fez-me crescer e ver as coisas de forma diferente.” (Mi.)

Na troca de missões houve aqui, neste processo transformações e modos de olhar o outro sem preconceito, sem a deficiência como repulsa, sem a diferença como moosa. Para os jovens DID a sensação de serem úteis e poderem ser construtivos na vida do outro também foi algo sentido:

“Acho que também lhes fizemos bem, vamos ficar nas memórias deles, espero eu.” (S.)

Em modo balanço:

“Conseguimos fazer tudo. (...) Vou ter muitas saudades disto.” (A.)

“Gostava de participar em mais projetos deste género.” (Mar.)

“Gosto mesmo destes meninos. Têm um espaço no meu coração.” (S.)

Figura 21

Ensaios "Empatia"



“Empatia” – apresentação do exercício/espetáculo

O projeto terminou com a apresentação do “Empatia”. Foram convidados os familiares dos jovens participantes, os colegas do Mestrado Educação Especial, os professores e os colegas dos jovens da Cercisiago.

A apresentação decorreu conforme previsto - dia 7 de junho 2023 - no auditório do Centro de Artes de Sines pelas 14h30.

Foi filmado e registado em fotografia.

No final da apresentação estava organizado com a equipa de vídeo, contratada pelo Teatro do Mar, um fórum; um momento de partilha uma conversa entre os participantes, as técnicas da Cercisiago que colaboraram e acompanharam todo o processo, a professora orientadora deste projeto.

Repetiu-se a apresentação na Mostra de Artes de Rua (MAR). Iniciativa organizada pelo Teatro do Mar com uma programação dedicada às artes de rua.

As imagens do “Empatia” que se seguem foram gentilmente cedidas pelos fotógrafos contratados para o efeito (Figura 22-25).

Figura 22

Espetáculo "Empatia" apresentado na MAR



Nota: fotografia de João Roldão, cedida pelo Teatro do Mar. Reproduzido com permissão.

Figura 23

Espetáculo "Empatia" apresentado na MAR



Nota: fotografia de João Roldão, cedida pelo Teatro do Mar. Reproduzido com permissão.

Figura 24

Espetáculo "Empatia" apresentado na MAR



Nota: fotografia de João Roldão, cedida pelo Teatro do Mar. Reproduzido com permissão.

Figura 25

Espetáculo "Empatia" apresentado na MAR



Nota: fotografia de João Roldão, cedida pelo Teatro do Mar. Reproduzido com permissão.

6. Avaliação final

Como método de coleta de dados foram utilizados, para avaliação final, as entrevistas a informadores privilegiados e um fórum que contou a participação de todos os envolvidos no processo, inclusivamente a técnica responsável pelos jovens DID, o ator do Teatro do Mar que pertence ao Serviço Educativo. As entrevistas foram conduzidas de forma a se obter informações qualitativas e opiniões individuais. Foram realizadas três entrevistas como descrito acima: à diretora artística do Teatro do Mar, Julieta Aurora Santos (JAS), ao ator representante do SETM, Luis João Mosteias (LJM) e à psicomotricista da Cercisiago responsável pelo acompanhamento dos jovens DID, Mónica Duarte (MD). As entrevistas foram estruturadas de forma a ter acesso a respostas consistentes.

O fórum final realizou-se após a apresentação pública do espetáculo “Empatia”. Todos os participantes tiveram oportunidade e espaço para partilhar a sua perspetiva, a sua experiência, fazer a avaliação e dar opinião acerca do processo de trabalho desenvolvido e o respetivo resultado. O mote para esta discussão era todo o caminho traçado, as relações desenvolvidas, as barreiras que foram ultrapassadas e o que é que elas representaram para cada um deles. Este fórum foi muito importante, foi um espaço de coleta do feedback coletivo e promoveu a colaboração entre os participantes.

Através da análise das entrevistas e do fórum podemos comprovar que os objetivos deste projeto vão ao encontro do objetivo geral do estudo. Promovemos relações sociais entre os jovens com e sem DID. E essas relações foram promovidas através da prática teatral durante o processo de investigação. Tal como a G. refere no fórum:

“não os conhecia, não conhecia os meninos da CERCI, só conhecia os outros e não sabia bem como é que eles iam reagir comigo, como é que eu ia reagir com eles, então estava assim meio insegura com tudo. Mas depois, ao longo das semanas fomos criando uma ligação muito forte, e tornou-se uma rotina.”

Ou a reflexão do Mi quando diz que:

“Eu acho que foi uma experiência que me moldou...de uma forma que não estava à espera que me moldasse, desconstruí imensos valores meus, fui crescendo como

peessoa ao longo disto, e fui criando laços que não existiam eram pessoas que eu não conhecia, mas que encontraram o seu lugar perto do meu coração.”

A diretora do Teatro do Mar afirma que:

“As práticas do teatro e da expressão dramática promovem, entre outros, uma maior capacidade de escuta e conhecimento pessoal e do outro. Daquilo que nos aproxima, enquanto semelhantes, e também no que nos diferencia positivamente. Ensina-nos a valorizar a diferença, entendendo-a como algo que acrescenta pluralidade e, por isso, valor ao mundo.”

Podemos afirmar que a prática da Expressão Dramática pode capacitar os jovens (com e sem DID) na representação de si e na construção da sua relação com o outro independentemente das dificuldades ou das limitações de cada um. O ator LJM, que acompanhou o processo em todos os momentos refere que:

“As artes desempenham um papel fundamental na inclusão de indivíduos com deficiência intelectual e de desenvolvimento. Este projeto mostrou-me que todos temos capacidades, o foco não pode ser a dificuldade, mas sim o caminho a percorrer para ultrapassar essa mesma dificuldade, as artes contribuem para o desenvolvimento cognitivo para a autoconfiança e autoestima e o respeito pela diversidade.”

Construir estratégias inclusivas na/ e com a prática teatral e estas serem aplicadas em contextos educativos (formal ou não formal). A importância da importância que se pode atribuir às artes enquanto estratégia para a inclusão de pessoas com deficiência intelectual, JAS afirma que:

“As artes são uma forma do ser humano se expressar, usando um vocabulário que vai além das palavras e da gestualidade. O universo do sensível, dos sentimentos e das emoções, é comum a todos os seres humanos, com ou sem deficiência intelectual. As artes colaboram em encontrar outras formas, outras linguagens de comunicação, sem o domínio da razão ou do intelecto. Nesse sentido, precisamente porque derruba barreiras, transpondo limites ao nível do

autoconhecimento e, respetivamente, no do outro, aproximam as pessoas da sua humanidade, independentemente das limitações que possam existir, reconhecendo valores que transcendem a capacidade racional.”

A participante S. nas suas expectativas iniciais/percepções finais também se refere às barreiras sentidas e ultrapassadas:

“Eu acho que as barreiras estavam mais em nós do que nos meninos da CERCI, no primeiro dia, assim que chegaram, mesmo não conhecendo nenhum de nós, já estavam completamente à vontade connosco, éramos os melhores amigos, nós do teatro estávamos um bocado inseguros, vamos lá ver o que é isto, e quando eles chegam com esta energia toda...ok bora lá, é para continuar é para ser assim.”

A G. também avaliou esta experiência e revelou as expectativas iniciais/percepções finais:

“Eu acho que é uma experiência que toda agente devia ter, porque, ao princípio podemos estar naquela, eles são diferentes de nós, ou somos todos muito diferentes...Não...cada um tem a sua maneira de fazer as coisas e cada um demora o seu tempo, mas, fomos todos iguais e somos todos iguais.”

O A. confirma que:

“numas semanas criamos aqui como se fosse uma família, como dizem virou uma rotina, e de uma semana para a outra já nos conhecíamos, já tínhamos muitas relações”

O R. também manifesta esta experiência com emoção. As suas expectativas iniciais/percepções finais:

“fica aqui no coração, foi uma experiência diferente, e se a gente pensar assim bem do ponto de vista, a gente chega lá, será que vai ser diferente por eles serem diferentes, mas não, é super normal, eu acho que a sociedade impõe muito... por eles serem diferentes, são diferentes, mas não, eles são iguais a nós fazem as

mesmas coisas que nós. E é isso eles são espetaculares, vou lembrar-me deles para sempre”

Podemos dizer que a amizade foi recíproca: A T. revela muito emocionada que:

“Gostei destes novos amigos.” O Ti diz que: “abriram a minha vida, o teatro mudou a minha vida, sempre sonhei ser ator, foi um grande, enorme, orgulho ser ator, e apresentar isto mais vezes, mas foram precisas, abriu o coração, e vou lutar com as minhas forças todas ser ator, artista, e com estes amigos todos quero dizer a eles que foram os melhores de tudo e obrigado do coração.”

“(…) gostei de entrar neste projeto e acho que levou o meu coração a abrir uma porta nova, a mim, e acho que esta peça fez-me o coração suspirar muito de alívio(…) obrigado a todos meus queridos amigos.” (B.)

“Agora sinto-me feliz com estes meus amigos, não os conhecia de lado nenhum mas depois comecei a conhece-los.” (C.)

Avaliando a necessidade de se desenvolver propostas inclusivas, tendo como ferramenta o teatro e a expressão dramática, LJM. refere que:

“Uma das questões com que me deparei ao longo deste processo foi a palavra “inclusão”, pois bem, se temos de usar estratégias de inclusão, propostas inclusivas e tudo o que daí advém, então é porque estamos a excluir. Vivemos numa sociedade que exclui, que vê a diferença como algo negativo. O teatro e a expressão dramática podem ser usados como um veículo de sensibilização para questões sociais, pode ajudar no desenvolvimento de habilidades interpessoais, empatia, comunicação e autoconfiança, e pode também servir para quebrar barreiras e estereótipos, ajudando a construir uma sociedade mais humanista. É por si só uma atividade que pode ser desenvolvida por e para todos.”

No que diz respeito à importância que se atribui às artes como estratégia para a inclusão de pessoas com deficiência intelectual a técnica da Cercisiago afirma que:

“As artes permitem que cada pessoa se expresse à sua maneira, sendo as artes uma ferramenta estratégica para a integração.”

Se compararmos as respostas da diretora do Teatro do Mar e do ator do SE as mesmas vão ao encontro da opinião da técnica. Julieta refere que *“As artes são uma forma*

do ser humano se expressar, usando um vocabulário que vai além das palavras e da gestualidade. O universo do sensível, dos sentimentos e das emoções, é comum a todos os seres humanos, com ou sem deficiência intelectual. As artes colaboram em encontrar outras formas, outras linguagens de comunicação, sem o domínio da razão ou do intelecto. Nesse sentido, precisamente porque derruba barreiras, transpondo limites ao nível do autoconhecimento e, respetivamente, no do outro, aproximam as pessoas da sua humanidade, independentemente das limitações que possam existir, reconhecendo valores que transcendem a capacidade racional.” E o LJM afirma que: *“As artes desempenham um papel fundamental na inclusão de indivíduos com deficiência intelectual e de desenvolvimento. Este projeto mostrou-me que todos temos capacidades, o foco não pode ser a dificuldade, mas sim o caminho a percorrer para ultrapassar essa mesma dificuldade, as artes contribuem para o desenvolvimento cognitivo para a autoconfiança e autoestima e o respeito pela diversidade.”*

Quando questionados acerca do papel que as artes poderão ter na educação e na inclusão em contextos educativos a Técnica da Cercisiago afirma que *“Através das artes performativas consegue-se a equidade.”* Luis João Mosteias acrescentam ainda que: *“No meu ponto de vista as artes são essenciais na educação e na promoção da inclusão em contextos educativos, oferecendo oportunidades de aprendizagem ricas aos alunos, bem como o desenvolvimento de habilidades e construção de um ambiente escolar mais diversificado e inclusivo.”* No que diz respeito à JAS., esta sublinha que: *“O papel de contribuir para um maior entendimento do ser humano, em toda a sua dimensão e diversidade, não centrado unicamente na capacidade intelectual, e assentando sobretudo no papel das emoções como o principal agente para promover a educação nas suas diferentes vertentes. Se é necessário incluir, é porque ainda se exclui. As artes são fundamentais para tornar o conceito de inclusão num princípio e valor intrínseco nas relações humanas, tornando-o, gradualmente, obsoleto.”*

Na opinião dos entrevistados podemos considerar que o Teatro e a Expressão Dramática promovem relações sociais entre os jovens com e sem DID. Consideram que sim e até de forma bastante positiva:

“Podemos considerar de elevada relevância ferramentas como o teatro e a expressão dramática nas relações interpessoais entre pessoas com e sem DID.

Por esta ser uma ferramenta fundamental que fomenta as relações interpessoais e a entreaajuda e coesão permitindo uma maior empatia entre o grupo. O teatro e

a expressão dramática permitem uma maior abertura pessoal assim como entrega ao outro e a si mesmo. Sendo esta uma ferramenta de trabalho fundamental, em alguns casos, na nossa instituição.”

O LJM assegura sem dúvidas que:

“Sem dúvida que sim, ao longo destas semanas de trabalho os alunos envolvidos neste projeto foram partilhando experiências, vivências e a cada semana, constatei que as relações entre eles ficavam mais fortes estavam cada vez mais unidos, passaram a ser um grupo de amigos.”

Durante o fórum todos tiveram oportunidade de se expressar. O B. espontaneamente diz que *“eu gostei de entrar neste projeto e acho que levou o meu coração a abrir uma porta nova, a mim, e acho que esta peça fez-me o coração suspirar muito de alívio, por o que tenho passado”*.

O A., durante o fórum, referiu o impacto que esta experiência teve em si e refere também algumas das dificuldades por ele observadas e sentidas durante o processo:

“Foi uma experiência diferente, tivemos alguns problemas até encaixar, por exemplo, não era bem um problema era uma barreira, o B. não conseguia ver, então tivemos que superar a barreira para ele conseguir adaptar-se ao espetáculo sendo que era uma barreira bastante difícil, então conseguimos adaptar tudo a ele”

Podemos afirmar que os parceiros de trabalho - neste caso em evidência pelo A. - tinham a preocupação constante de fazer corresponder todas as propostas a todos os elementos do grupo. Isso fê-lo sentir que:

” às vezes sentia que numas semanas criamos aqui como se fosse uma família, como dizem virou uma rotina, e de uma semana para a outra já nos conhecíamos, já tínhamos muitas relações, como por exemplo a minha alcunha mudou, a primeira vez que fizemos os pares fiquei com o P. e o P., eu disse que me chamava A. e ele começou-me a chamar de Lavadinho e ficou assim a alcunha.”

Esta sensação de grupo, de família foi extensível a outros elementos. A criação de laços emocionais e afetivos foi referido por vários:

“fomos criando uma ligação muito forte” (G.)

“Gostei destes novos amigos” (T.)

“encontraram o seu lugar perto do meu coração” (Mi.)

“claro que vou ter muitas saudades deles todos, estão no meu coração.” (S.)

“estes amigos todos quero dizer a eles que foram os melhores de tudo e obrigado do coração.” (Ti.)

“sinto-me feliz com estes meus amigos.” (C.)

“meus queridos amigos.” (B.)

“criamos aqui como se fosse uma família.” (A.)

“eles são espetaculares, vou lembrar-me deles para sempre.” (R.)

Podemos em modo balanço afirmar que se iniciou este processo com dois grupos distintos e terminou-se com um grupo coeso, de amigos e companheiros. O balanço que se pode fazer deste projeto de Teatro Inclusivo relativamente à construção de relações entre grupos, a Técnica da Cercisiago afirmou que: *“Observou-se entre os dois grupos uma grande disponibilidade física, emocional, que resultou num grupo coeso.”*

LJM confirma que:

“O relacionamento entre grupos não podia ter sido melhor, se no início do projeto havia o grupo do Teatro do Mar e o grupo da CERCI, no final do mesmo só existia um grupo, um grupo de amigos que gostavam de estar juntos.”

Na forma como cada participante se foi envolvendo no desafio temos também duas perspetivas idênticas; a MD da Cercisiago afirma que: *“Cada participante foi-se envolvendo no projeto ao seu ritmo, sendo este um desafio com um balanço bastante positivo no que diz respeito à entrega por parte de todos os envolvidos.”*. E o LJM do SETM atesta que: *“Num grupo tão diverso e com características tão especiais o*

envolvimento dos participantes foi extraordinário, todos participavam nos exercícios propostos com grande entrega e com grande disponibilidade.”

Pelos relatos, pela evolução das relações a cumplicidade criada entre os participantes ao longo do processo: *“foi-se observando uma grande capacidade de entrega e uma disponibilidade, tanto física como mental, por parte de todos, o que tornou este grupo num grupo coeso e com relações de interajuda.”*

JAS do Teatro do Mar faz um balanço bastante positivo:

“O balanço é extremamente positivo. Ao longo do processo foram criados laços e relações positivas entre os jovens e, poderei dizer, o resultado foi, acima de tudo, ainda mais enriquecedor para os jovens sem DID, reconhecendo as suas próprias limitações, e dificuldades, enquanto indivíduos, e simultaneamente, reconhecendo nos jovens com DID potencialidades e capacitação para além das limitações intelectuais.

Nos jovens com DID não se reconheceu nenhuma dificuldade ao nível do preconceito, estando totalmente abertos à convivência e trabalho com o restante grupo, sem qualquer tipo de constrangimento, revelando alegria por partilharem tempo e experiências com novas pessoas.”

Como avaliação do resultado final da implementação deste projeto em relação à sua eficácia na empatia entre participantes e audiência, na promoção da inclusão e no impacto que teve na comunidade a diretora do TM afirma que:

“A empatia gerada foi resultado de um processo criativo que teve como base a própria história deste encontro: as dúvidas e inseguranças, a desconfiança do que é novo e diferente, as ideias pré-concebidas sobre o outro. Bastaram poucas sessões, a partilha destas questões, do quotidiano de cada um, as rotinas, os gostos, as alegrias e as tristezas, para que não existissem dois grupos e passasse a ser um único, a desenhar um possível espetáculo, cada um a dar o seu contributo e a inculcar a sua identidade particular no processo e no resultado.

Tal como os jovens participantes, o público reagiu carinhosa e emotivamente. Participaram na conversa final com os intervenientes, revelando interesse pelo processo de trabalho. O impacto foi extremamente positivo, a todos os níveis.”

A MD da Cercisiago também confirma que:

“O resultado final foi bastante satisfatório, uma vez que se conseguiu passar a mensagem de que é possível criar um grupo com elementos com características tão diferentes e, através das artes, ultrapassar desafios e conseguir dar voz a este grupo.”

LJM representante do SETM refere que:

“A ligação entre o público e participantes foi estrondosa, senti que as pessoas que assistiram ao resultado final deste projeto ficaram de coração cheio, a entrega e a generosidade dos participantes comoveu e criou empatia a quem assistia.”

Na triangulação de informação, recolhida em vários momentos, estratégias e entre os diferentes contribuidores de informação e, tendo em conta, as linhas teóricas enquadradoras deste estudo, os objetivos e hipóteses de investigação, podemos concluir que a prática teatral, as dinâmicas que resultam de contextos desta natureza experiencial fomentam contextos inclusivos.

As *evidências* resultantes deste estudo revelam não apenas o impacto substancial do projeto teatral desenvolvido e igualmente demonstram que o recurso a estes formatos e estratégias permite a promoção de uma educação inclusiva e a uma democratização da cultura. Estes jovens foram envolvidos numa proposta educativa e cultural, experienciaram e fizeram parte ativa. Esta experiência capacitou e gerou agentes de mudança, moldando cidadãos mais conscientes e participativos, fundamentais para uma sociedade inclusiva e culturalmente enérgica.

Ao envolver jovens com e sem deficiência a pesquisa tornou-se numa ponte de construção de ligações e relações sociais. O envolvimento conjunto de jovens com e sem deficiência foi a componente vital do sucesso observado. A interação entre estes dois grupos enriqueceu as experiências individuais, mas também construiu pontes de compreensão e empatia rompendo barreiras e contribuindo para a construção de uma comunidade mais inclusiva.

Conclusão

A escolha do tema foi fundamental para o desenrolar de toda a pesquisa. A minha experiência profissional e a minha prática, ligada ao Teatro especificamente, foram o verdadeiro mote na escolha. Na vida nada se separa, tudo se conjuga e o meu papel de mãe está inerente em cada linha e em cada decisão. Sou mãe de um jovem DID. As dificuldades e as limitações ao longo do seu crescimento fizeram-me refletir no modo e na forma como a sociedade se organiza, como pensa no próximo e como se relaciona com a deficiência. Na procura de normalizar a deficiência sempre fui defensora do ensino regular, inclusivo e em escolas públicas. Nesse caminho deparei-me com vários obstáculos. A relação com o outro é fundamental. Fazermos parte da comunidade onde estamos inseridos é nutrimento para os dias, ser aceite, ser considerado, ter sucesso, ter valor e ter quem acredite em nós. Estas foram sérias dificuldades sentidas, enquanto mãe e encarregada de educação, no caminho escolar, na inserção ao meio, na sensibilização do outro e na conceção de empatia.

Foram essas as barreiras que me fizeram chegar aqui na procura de contribuir para uma mudança de ação e de perspetiva comunitária em relação às capacidades das pessoas com deficiência. Porque me foquei sempre na busca da solução, no encontro das capacidades e do processo considerei fazer sentido associar a prática profissional às circunstâncias que a vida nos coloca, refletir sobre o processo e encontrar caminhos que contribuem para a solução.

Neste circuito de conceção foram definidos os objetivos a alcançar, bem como o objeto e a finalidade do estudo. Depois de decidir que iria utilizar o Teatro como ferramenta, a inclusão como princípio e as relações sociais como fim, fiz um estudo exploratório e procurei dotar-me de conhecimentos sobre educação e inclusão, aprofundar conhecimentos sobre a prática do teatro e da expressão dramática, sobre cultura e arte.

Desenhei a metodologia, desenvolvi um projeto de Laboratório/Oficina de Teatro onde fosse possível observar no terreno “as pessoas, as atividades, os comportamentos, as interações, as maneiras de fazer, de estar e de dizer, observar as situações, os ritmos, os acontecimentos.” (Costa, 1986, p. 132) Foi também este o meu papel de investigadora: participar em parte do quotidiano, neste contexto com estas pessoas. Planear as sessões procurando desenvolver exercícios e dinâmicas que levassem aos participantes não só o conhecimento prático do teatro como também promovesse o conhecimento do outro sem preconceitos nem repúdios. Enquanto mediadora considero ter tido um papel fundamental

em várias dimensões, nomeadamente na facilitação da comunicação entre os jovens. Era minha responsabilidade adaptar os exercícios e pensar neles de forma adequada, sem infantilizar, criando o desafio da aproximação a quem tem mais constrangimentos e procurar desafiar quem tem mais competências. As atividades e as dinâmicas desenvolvidas durante as sessões no Laboratório de Teatro possibilitaram o fortalecimento, as habilidades de comunicação e promoveram uma maior interação entre os pares.

Tive sempre a preocupação de criar um ambiente inclusivo onde todos se sentissem confortáveis e encorajados a participar incentivando a comunicação, a colaboração de todos os presentes, incluindo a grupo técnico da Cercisiago, promovendo um trabalho de equipa conectado entre todos os intervenientes. Esta promoção da interação social foi um dos meus papéis enquanto mediadora, enquanto agente conciliador da ação e da prática. O processo foi todo ele muito fluído. Não posso dizer que tenham existido constrangimentos, mas naturalmente houve a necessidade de motivar, envolver e conciliar todas as pessoas num mesmo objetivo procurando sempre solucionar e resolver as dificuldades que foram surgindo.

O trabalho reflexivo e de preparação das sessões em partilha com o SETM foi fundamental. Por vezes o ator do TM agarrava o grupo e encaminhava as sessões para que eu conseguisse observar com mais atenção cada um dos participantes. A colaboração entre todos os envolvidos foi a chave do sucesso deste projeto. Esta cooperação garantiu o sucesso na promoção das relações sociais.

O papel de mediadora educativa foi crucial ao longo do processo contribuindo para os resultados positivos em termos de interação social e desenvolvimento pessoal de cada um dos participantes.

Observar a forma como se acolhiam, como se abraçavam e sorriam foram momentos fascinantes. Despertar a escuta sensível na observação do outro, na perceção das suas dificuldades e procura de resposta que tentassem minimizar essas mesmas dificuldades foram objetivos alcançados. A espontaneidade deu lugar à cumplicidade, à criação de um lugar de empatia, de união, de comunhão.

Promoveram-se relações sociais, capacitaram-se os jovens na representação de si e na construção da sua relação com o outro, construíram-se estratégias inclusivas na/ e com a prática teatral para serem aplicadas em contextos educativos.

Desta forma podemos concluir que o teatro e a sua prática são instrumentos promotores do processo de inclusão social de jovens e adultos com DID.

Promover a mudança na forma como se olha para a diferença foi um dos motivos pelo qual me fez sentido esta abordagem. Trazer mudança para quem viveu dentro do processo e trazer mudança para quem assistiu ao resultado do nosso trabalho artístico.

“Empatia” foi a chave de ouro para concluir esta minha/nossa Missão.

Referências bibliográficas

- Amado, J. (2018). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0879-2>
- Bento, A. (2003). *Teatro e animação - outros percursos do desenvolvimento sociocultural no Alto Alentejo*. Colibri.
- Booth, T., & Ainscow, M. (2011). *Index para a inclusão* (3.^a ed.). https://apcrsi.pt/dossiers_old/inclusao/index_para_a_inclusao.pdf
- Cercisiago. (sem data). *Cercisiago*. <https://cercisiago.org.pt/>
- Conferência de Porto Santo. (2021). *Carta de Porto Santo - a cultura e a promoção da democracia: para uma cidadania cultural europeia*. 1–14. <https://www.culturaportugal.gov.pt/pt/saber/2021/05/carta-do-porto-santo/>
- Cordeiro, M. P., Scoponi, R. de S., Ferreira, S. L., & Vieira, C. M. (2007). Deficiência e teatro: arte e conscientização. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(1), 148–155. <https://doi.org/10.1590/s1414-98932007000100012>
- Costa, A. F. da. (1986). A pesquisa de terreno em sociologia. Em *metodologia em ciências sociais* (2.^a ed., pp. 129–148). Edições Afrontamento.
- Courtney, R. (1990). *Drama and intelligence: a cognitive theory*. McGill - Queen's University Press.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa- método qualitativo, quantitativo e misto*. (2^a). Artmed Editora. <http://ir.obihiro.ac.jp/dspace/handle/10322/3933>
- D'Angelo, M. (2016). *Natureza, cultura e educação em Rousseau*. 2016, 107–123.
- DGE – Direção Geral da Educação. (2018). *Aprendizagens essenciais. 1º ciclo do ensino básico. Educação artística - expressão dramática/teatro*. DGE – Direção Geral da Educação.
- Fonseca, V. da. (2001). *Psicomotricidade - perspectivas multidisciplinares* (1^a). Âncora Editora.
- Freire, P. (2001). *Política e educação* (5^a). Cortez Editora.
- Haas, C. de, Grace, J., Hope, J., & Nind, M. (2022). *Doing research inclusively:*

understanding what it means to do research with and alongside people with profound intellectual disabilities. Social Sciences, 11(4).

<https://doi.org/10.3390/socsci11040159>

Kowalski, I. (2005). ... *e a expressão dramática* (Escola Sup). Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Politécnico de Leiria.

Landier, J.-C., & Barret, G. (1999). *Expressão dramática e teatro* (2.^a ed.). Asa Editores.

Leenhardt, P. (1997). *A criança e a expressão dramática* (4.^a edição). Editorial Estampa.

Martins, G. d'Oliveira, Gomes, C. A. S., Brocardo, J. M. L., Pedroso, J. V., Carrillo, J. L. A., Silva, L. M. U., Encarnação, M. M. G. A. da, Horta, M. J. do V. C., Calçada, M. T. C. S., Nery, R. F. V., & Rodrigues, S. M. C. V. (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Matarasso, F. (2019). *Uma arte irrequieta* (Número May). Fundação Calouste Gulbenkian.

Mégrier, D. (2005). *Jogos de expressão dramática na pré-escola - atividades de expressão teatral*. Papa Letras.

Ministério da Educação. (sem data). *Educação inclusiva*. Direção Geral Educação. <https://www.dge.mec.pt/educacao-inclusiva>

Ministério da Educação. (2004). Organização curricular e programas ensino básico - 1.^o ciclo. Em *Ministério da Educação e da Ciência* (4.^a ed.). https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Matematica/programa_matematica_basico.pdfhttp://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/pmcpeb_julho_2015.pdf<https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens>

Decreto Lei n.º 54/2018, Diário da República, 1.^a série-N.º 129-6 (2018).

<https://doi.org/10.1046/j.1365-201x.1999.00592.x>

Moreira, A., Sá, P., & Costa, A. P. (2014). *Reflexões em torno de metodologias de investigação: métodos* (Vol. 1) (1.^a, Vol. 1). Universidade de Aveiro.

https://doi.org/10.1007/978-1-4614-3185-5_11

- Oliveira, S. da S. T. (2020). Formação de formadores e suas contribuições para a educação inclusiva. *Relva, Juara/MT/Brasil*, 7(julho/dezembro), 117–130.
- Omar, A. C. da S. (2022). Teatro e deficiência: em busca de uma metodologia inclusiva. *XIII congresso internacional de tecnologia na educação*.
- Omote, S. (2003). Algumas tendências (ou modismos?) recentes em educação especial e a revista brasileira de educação especial. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 9, 25–38.
- Paiva, W. A. de. (2011). Emílio: texto e contexto. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 5–26. https://doi.org/10.14195/1647-8614_45-2_1
- Pereira, B. M. de A. (2013). *A expressão dramática / teatro no 1º ciclo do ensino básico* (Número 1). Universidade de Évora.
- Poetris (2023). Citação de Augusto Cury.
<https://www.poetris.com/frase/3yfxhi6qppr6wcf1848wan64b>
- Quivy, R., & Campenhoutd, L. Van. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais - trajetos* (5ª). Gradiva.
- Ramaldes, K., & Camargo, R. C. de. (2017). *Os jogos teatrais de Viola Spolin: uma pedagogia da experiência*. Kelps.
- Read, H. (2007). *Educação pela arte*. Edições 70.
- Ribeiro, D. P. (2015). O dramático como potencializador do desenvolvimento e da educação cultural. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 8(01), 058–062. <https://doi.org/10.17979/reipe.2015.0.0>
- Rocha, J. H. (2020). *O teatro na vida de pessoas com deficiência – Que sentidos ?* [Universidade do Porto - Faculdade Psicologia e Ciências da Educação].
<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/129692/2/426700.pdf>
- Rodrigues, D., & Nogueira, J. (2010). Educação especial e inclusiva em Portugal factos e opções. *Revista Educação Inclusiva Vol. 3, N.º1*, 97–109.
- Rolla, J. M. S. (2012). A expressão dramática em Gisèle Barret: a importância da pessoa. *Revista Europeia de Estudos Artísticos*, 3(4), 40–57.
<https://doi.org/10.37334/eras.v3i4.55>

- Sanches, I., & Teodoro, A. (2007). Procurando indicadores de educação inclusiva : as práticas dos professores de apoio educativo. *Revista Portuguesa de Educação*, 20(2), 105–149.
- Sil, V., & Lopes, J. A. (2005). Os professores face à problemática do insucesso escolar – suas atitudes, percepções e opiniões. *VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*, 2985–3000.
- Solmer, A., Assis, L., Pereirinha, A. M., Ferreira, L., Sousa, A. de, Buchinho, E., Nogueira, I., Azevedo, V., Oliveira, P., Vieira, N., & Luiz, M. (2003). *Manual de teatro* (3.^a ed.). Temas e Debates.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes da educação - drama e dança*. Instituto Piaget.
- Sousa, A. B. (2009). *Investigação em educação* (2^a). Livros Horizonte.
- Spolin, V. (1986). *Jogos teatrais na sala de aula - um manual para o professor*. Editora Perspectiva.
- Teatro do Mar. (sem data). *Teatro do Mar*. <https://teatrodomar.com/>
- Trefor-Jones, G. (2015). *Drama menu-theatre games in three courses*. Nick Hern Books.
- Trias, N., Pérez, S., & Filella, L. (2002). *Jogos de música e de expressão corporal*. Âncora Editora.
- UNESCO. (1994). *Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das necessidades educativas especiais*. http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf
- UNESCO. (2020). *Educação artística para a resiliência e a criatividade*. 7. https://pt.unesco.org/sites/default/files/2020_art-week-technote_por_final.pdf
- Vasconcellos, E. L. M. de. (2013). *O teatro do oprimido e sua contribuição na formação da criança com transtorno do déficite de atenção com hiperatividade*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Vieira, F., & Pereira, M. (2012). «*Se houvera quem me ensinara...*» *A educação de pessoas com deficiência mental*" (5.^a ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vygotsky. (2008). *Perspectiva sociocultural*. <https://psidesenvolvimento-e-desporto.webnode.es/perspectiva-socio-cultural/>

Apêndices

Apêndice 1 – Descrição das sessões

1º Ciclo - Apropriação e reflexão

- **Sessão 1 - Data:** 01/02/2023 **Local:** Sala Oficinas do Teatro do Mar

Exercício	Objetivos do jogo	Objetivo da proposta
<p>. Exercício de apresentação</p> <p>Cada um diz o nome, a idade, o que gosta de fazer e o que não gosta.</p>	<p>. Conhecer as características de cada um</p> <p>. Descoberta do outro</p> <p>. Escuta e conhecimento do outro</p>	
<p>. Ao centro</p> <p>Em roda, cada aluno diz uma coisa com a qual se identifique e quem se identificar também dá um passo em frente.</p>		
<p>. Jogo das Estátuas</p> <p>Música com ritmo. De cada vez que a música pára, os participantes imobilizam o corpo numa estátua.</p>	<p>. Aquecimento</p> <p>. Concentração</p> <p>. Escuta sensível do outro</p> <p>. Desenvolvimento do sentido de observação</p>	<p>Pretende-se que o grupo descontraia e que explore as várias possibilidades do corpo.</p>
<p>. Grupos pelo número</p> <p>Os alunos movimentam-se de forma livre pela sala. Quando o professor diz um número devem agrupar-se de acordo com a indicação dada pelo</p>	<p>. Desenvolvimento da atenção e concentração</p> <p>. Concentração coletiva</p>	<p>A ideia desta proposta é simultaneamente entender o nível de capacidades</p>

Apêndice 1 – Descrição das sessões (*continuação*)

professor. Se o professor dizer: 3 devem juntar-se em grupos de 3.	. Libertação de tensões	intelectuais dos jovens DID e procurar analisar que grupos se organizam e como se organizam.
. Exploração do espaço Andar pelo espaço e cumprimentar primeiro com aperto de mão e depois um abraço.	. Apropriação de um espaço em grupo . Exploração do espaço . Capacidade de olhar nos olhos	Estabelecer contacto visual e procurar contacto físico para derrubar barreiras de comunicação e interação.
. Espelho Dois a dois e em simultâneo, um aluno terá de imitar todos os movimentos do colega da frente, incluindo expressões faciais. Após algum tempo inverte as posições.	. Concentração . Escuta sensível do outro . Desenvolvimento do sentido de observação	Capacidade de olhar o outro independentemente das suas características.

- **Sessão 2 - Data:** 08/02/2023 **Local:** Sala Oficinas do Teatro do Mar

Exercício	Objetivos do jogo	Objetivo da proposta
. Conversa na roda Os alunos sentados em roda conversam descontraidamente acerca das suas vidas e das suas rotinas. São convidados a partilhar algum	. Desenvolvimento do sentido do coletivo . Escuta sensível do outro . Conhecimento do grupo	

Apêndice 1 – Descrição das sessões (*continuação*)

<p>momento ou algum acontecimento mais importante. Dá-se a oportunidade a cada um de falar e de partilhar o que entender.</p>	<p>. Memória</p>	
<p>Eco de nomes</p> <p>Em círculo, um aluno diz o seu nome, o aluno seguinte diz o nome do colega anterior e o dele, e assim sucessivamente.</p>		
<p>. Danças Esquisitas</p> <p>Com a turma deitada no chão de barriga para cima e os olhos fechados. O professor coloca uma música clássica à sua escolha e passo a passo pede aos alunos para dançar com diferentes partes do corpo;</p> <p>Dedos dos pés, Dedos das mãos, Língua, Testa, Bochechas, Cotovelos.</p> <p>O jogo termina com todos de pé a dançar com todas as partes ao mesmo tempo.</p>	<p>. Aquecimento corporal</p> <p>. Consciência do corpo</p> <p>. Exploração de movimentos</p> <p>. Segmentação das partes do corpo</p>	
<p>. O Grande Dragão</p> <p>“Os jogadores colocam-se em fila, uns atrás dos outros, com a mão direita sobre o ombro do companheiro que está à sua frente. Com o pandeiro, o educador conduz a marcha. O primeiro jogador da fila representa a cabeça do dragão e deve inventar um movimento corporal. Os demais repetem-no, seguindo o tempo do pandeiro, até que haja silêncio.</p>	<p>. Inventar e representar movimentos corporais diferentes num tempo limitado</p> <p>. Aceitar as propostas dos outros</p>	<p>Demonstrar ao grupo as capacidades físicas e criativas de cada um. Com esta proposta pretende-se derrubar a barreira da inibição e da vergonha revelando que todos têm capacidades e</p>

Apêndice 1 – Descrição das sessões (*continuação*)

<p>Quando a música acaba, o primeiro jogador dirige-se para a cauda do dragão para que o novo jogador invente outro movimento, que todos os outros devem imitar.” (Trias et al., 2002, p. 86)</p>	<p>. Trabalho de imitação</p>	<p>competências. Esta proposta promove também o sentido do coletivo estimulando a autoconfiança simultaneamente.</p>
<p>. Encontraremos o nosso Animal</p> <p>“Divide-se a classe em 2 grupos: A e B. O educador diz a cada jogador do grupo A que animais devem representar.</p> <p>Paralelamente, o educador dá a cada jogador do grupo B que animal tem de encontrar para, quando localizado, unir-se a ele pela mão.</p> <p>O educador põe a música e os jogadores do grupo A representam o animal que lhes foi designado.</p> <p>Quando o educador faz sinal ao grupo B, os jogadores saem à procura do seu animal, para se unirem a ele. Todos os jogadores devem encontrar o animal antes que a música termine.” (Trias et al., 2002, p. 111)</p>	<p>. Trabalhar a agilidade corporal, a imaginação e a criatividade</p>	<p>Promover a busca do semelhante e o seu acolhimento</p>

- Sessão 3 - **Data:** 15/02/2023 **Local:** Sala Oficinas do Teatro do Mar

Exercício	Objetivos do exercício	Objetivo específico da proposta
<p>. Conversa na roda</p> <p>Os alunos sentados em roda conversam descontraidamente acerca das suas vidas e das suas rotinas. São convidados a partilhar algum momento ou algum acontecimento mais</p>	<p>. Desenvolvimento do sentido do coletivo</p> <p>. Escuta sensível do outro</p>	

Apêndice 1 – Descrição das sessões (*continuação*)

<p>importante. Dá-se a oportunidade a cada um de falar e de partilhar o que entender.</p>		
<p>. Concentração coletiva</p> <p>Os alunos estão de pé em círculo de mãos dadas; o adulto faz parte do grupo. Os pés estão ligeiramente afastados, bem assentes no chão, o rosto, os ombros estão distendidos, a cabeça bem direita.</p> <p>Convidar cada criança a fechar os olhos, a sentir a mão da outra na dela; o toque deve ser agradável, as mãos não se apertam, mas roçam-se, deve fazer sentir-se um calor.</p> <p>Alguns instantes mais tarde, pedir que desprendam vagarosamente as mãos – a separação não deve ser brusca – e que abram os olhos também muito lentamente.</p>	<p>. Concentração</p> <p>. Escuta do outro</p> <p>. Escuta e cumplicidade com o outro</p>	<p>. Quebrar barreiras físicas</p> <p>. Promover o toque</p>
<p>. As mãos</p> <p>Em círculo, de mãos dadas e de olhos fechados. Primeiro o adulto proporciona-lhes descontração e serenidade ao fazê-los escutar três respirações. Depois, propõe-lhes que deem atenção à sua mão direita que transmite calor ao colega. Este calor pode também ser chamado de energia; deste modo, cada criança recebe energia na sua mão esquerda, energia que descarrega e transmite ao colega através da sua mão direita.</p>	<p>. Concentração</p> <p>. Escuta do outro</p> <p>. Escuta e cumplicidade com o outro</p>	

Apêndice 1 – Descrição das sessões (*continuação*)

<p>. Jogo das Estátuas</p> <p>Ao som da música os alunos devem dançar espalhados por toda a sala, ocupando os espaços vazios e assim que a música parar todos ficam em estátuas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> . Aquecimento corporal . Descontração coletiva . Trabalhar a mobilidade/imobilidade . Desenvolver a criatividade corporal . Apropriação espacial 	
<p>. Marionetas</p> <p>“Os jogadores estão convertidos em marionetas: pernas separadas, cotovelos dobrados, mãos muito abertas...</p> <p>Quando o educador dá um batimento de pandeiro, parte-se um fio imaginário da marioneta. Se diz: “mão direita”, todos os bonecos deixam pender a mão direita; se diz: “agora a cabeça”, relaxam a cabeça.</p> <p>O educador vai nomeando todas as partes do corpo necessárias ao relaxamento total, até que os jogadores-marionetas terminam estendidos no chão.” (Trias et al., 2002, p. 34)</p>	<ul style="list-style-type: none"> . Tomar consciência do relaxamento e da tensão corporal 	<p>Trabalho a pares na busca da relação interpessoal e desenvolver os laços entre os pares.</p>
<p>. A Estátua e o Modelador - 2 a 2</p> <p>Um é a estátua, outro o modelador.</p> <p>Pode ser sugerido um tema (O circo, A escola, O teatro, etc.)</p>	<ul style="list-style-type: none"> . Tomar consciência do relaxamento e da tensão corporal 	

Apêndice 1 – Descrição das sessões (*continuação*)

2º Ciclo – Experimentação e criação

- **Sessão 4 - Data:**01/03/2023 **Local:** Sala Oficinas do Teatro do Mar

Exercício	Objetivos do jogo	Objetivo da proposta
<p>. Conversa na roda</p> <p>Os alunos sentados em roda conversam descontraidamente acerca das suas vidas e das suas rotinas. São convidados a partilhar algum momento ou algum acontecimento mais importante. Dá-se a oportunidade a cada um de falar e de partilhar o que entender.</p>	<p>. Desenvolvimento do sentido do coletivo</p> <p>. Escuta sensível do outro</p>	
<p>. Aquecimento</p> <p>Sentados, em roda, concentração na respiração.</p> <p>Alongamento do tronco colocando o antebraço no chão do lado direito, e o outro braço por cima do corpo. Olhos fechados, respirar e alongar. Vira o rosto para cima faz 3 respirações e vira o rosto para baixo. Troca.</p>	<p>. Aquecimento</p> <p>. Concentração coletiva</p> <p>. Consciência do corpo e da respiração</p>	
<p>. Dança como eu</p> <p>Grupo em pé, em roda, vai um à vez ao centro e faz um movimento associado a um som. Todos repetem.</p>	<p>. Inventar e representar movimentos corporais diferentes num tempo limitado</p> <p>. Aceitar as propostas dos outros</p> <p>. Trabalho de imitação</p> <p>. Consciencialização de certas possibilidades do corpo</p> <p>. Aprendizagem do gesto coletivo</p> <p>. Libertação das tensões</p>	

Apêndice 1 – Descrição das sessões (*continuação*)

<p>. Movimentação em massa</p> <p>Em pezinhos de lã com passos curtos e pequenos o grupo aproxima-se uns dos outros criando uma massa comum e movimentam-se pela sala.</p>	<p>. Consciência coletiva</p> <p>. Concentração coletiva</p> <p>. Coordenação coletiva</p>	<p>Promoção de intimidade e proximidade corporal. Quando um grupo funciona em massa estão todos no mesmo status e camada, coesos como um coro, a funcionar de forma uníssona.</p>
<p>. Exercício de Improvisação</p> <p>Divididos em grupos de 3 ou 4 elementos os alunos devem escolher o local da ação, as suas personagens e a situação que estão a viver. Devem criar <i>live motive</i> para a frase:</p> <p>- Quando ponho este chapéu fico com dores de cabeça.</p> <p>- Experimenta tirá-lo.</p> <p>* apresentação dos trabalhos aos colegas</p>	<p>. Criatividade e imaginação</p> <p>. Capacidade narrativa</p> <p>. Estimular</p> <p>. Criação de cumplicidade com o outro</p> <p>. Trabalhar o Onde, o O quê, o Quem da cena e Escuta de Cena.</p>	<p>Identificar, em manifestações performativas, personagens, cenários, ambientes, situações cénicas, problemas e soluções da ação dramática estimulando o trabalho de grupo e coesão entre pares.</p>

- **Sessão 5 - Data:** 08/03/2023 **Local:** Sala Expressões Cercisiago

Exercício	Objetivos do jogo	Objetivo da proposta
<p>. Conversa na roda</p>	<p>. Desenvolvimento do sentido do coletivo</p> <p>. Escuta sensível do outro</p>	

Apêndice 1 – Descrição das sessões (*continuação*)

<p>Os alunos sentados em roda conversam descontraidamente acerca das suas vidas e das suas rotinas. São convidados a partilhar algum momento ou algum acontecimento mais importante. Dá-se a oportunidade a cada um de falar e de partilhar o que entender.</p>		
<p>. Concentração e relaxamento</p> <p>Massagem 2 a 2</p> <p>Iniciação da massagem:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Toca piano 2. Amassar o pão 3. Conchinhas 4. Sacudir a lama 	<ul style="list-style-type: none"> . Concentração . Escuta do outro . Escuta e cumplicidade com o outro 	<ul style="list-style-type: none"> . Quebrar barreiras físicas . Promover o toque
<p>. Movimenta-te de forma livre e pessoal</p> <p>Deslocação pelo espaço de várias maneiras diferentes, num espaço definido:</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Apressado b) Saltando c) Rebolando d) Rastejando e) Em picos dos pés 	<ul style="list-style-type: none"> . Aquecimento corporal . Descontração coletiva . Trabalhar a mobilidade/imobilidade . Desenvolver a criatividade corporal . Apropriação espacial 	
<p>. Movimenta-te a pares</p> <p>Escolhe um companheiro e inventa com ele, várias formas de, em conjunto, se deslocarem pela sala.</p>	<ul style="list-style-type: none"> . Concentração . Escuta do outro . Escuta e cumplicidade com o outro 	<ul style="list-style-type: none"> . Quebrar barreiras físicas . Promover o toque

Apêndice 1 – Descrição das sessões (*continuação*)

<p>a) Pegando nos pés do outro como se fosse um carrinho de mão;</p> <p>b) Saltando de mãos dadas;</p> <p>c) Com as costas juntas;</p> <p>d) Caminhando ambos;</p> <p>e) Sobre os calcanhares</p> <p>f) Se desviarem o olhar;</p> <p>Em bicos dos pés.</p>		
<p>. Improvisação - Quotidiano</p> <p>Objetivo: entender onde, o quê e quem são os personagens de cena</p> <p>Dividir em grupos de seis alunos. Propor a encenação de uma cena quotidiana:</p> <p>a) fila de autocarro ou comboio,</p> <p>b) feira,</p> <p>c) sala de espera de dentista</p> <p>*Permitir que os grupos decidam o enfoque a ser dado à situação proposta.</p>	<p>. Criatividade e imaginação</p> <p>. Capacidade narrativa</p> <p>. Estimular</p> <p>. Criação de cumplicidade com o outro</p> <p>. Trabalhar o Onde, o O quê, o Quem da cena e Escuta de Cena.</p>	<p>Identificar, em manifestações performativas, personagens, cenários, ambientes, situações cénicas, problemas e soluções da ação dramática estimulando o trabalho de grupo e coesão entre pares.</p>

- **Sessão 6 - Data:** 22/03/2023 **Local:** Sala Expressões Cercisiago

Exercício	Objetivos do jogo	Objetivo da proposta
. Conversa na roda	. Desenvolvimento do sentido do coletivo	

Apêndice 1 – Descrição das sessões (*continuação*)

<p>Os alunos sentados em roda conversam descontraidamente acerca das suas vidas e das suas rotinas. São convidados a partilhar algum momento ou algum acontecimento mais importante. Dá-se a oportunidade a cada um de falar e de partilhar o que entender.</p>	<p>. Escuta sensível do outro</p>	
<p>. Exercício de massagem e confiança</p> <p>Com o grande grupo sentado em roda sugere-se que se voluntarie um para ir ao centro. Deitado de barriga para baixo receberá as mãos de todos simultaneamente numa massagem relaxante e estimulante. Amassar a massa, tocar tambor e sacudir a lama são os motes dados aos movimentos das mãos. Depois do corpo relaxado é virado para cima e erguido no ar pelos colegas.</p>	<p>. Concentração</p> <p>. Escuta do outro</p> <p>. Escuta e cumplicidade com o outro</p>	<p>. Quebrar barreiras físicas</p> <p>. Promover o toque</p>
<p>. Exploração de Adereços</p> <p>Uma arca cheia de adereços e algumas peças de roupa (chapéus, perucas, sombrinhas, coletes, saias, casacos, gravatas e malas). Cada um escolhe a peça que quer usar e explora com o corpo a personagem que imagina. Forma de andar, a voz, as características são o que no seu conjunto constroem a personagem.</p>	<p>. Criatividade e imaginação</p> <p>. Capacidade narrativa</p> <p>. Criação de cumplicidade com o outro</p> <p>. Trabalhar o Onde, o O quê, o Quem da cena e Escuta de Cena.</p>	<p>Identificar, em manifestações performativas, personagens, cenários, ambientes, situações cénicas, problemas e soluções da ação dramática estimulando o trabalho de grupo e coesão entre pares.</p>

Apêndice 1 – Descrição das sessões (*continuação*)

--	--	--

- **Sessão 7 - Data:** 29/03/2023 **Local:** Sala Expressões Cercisiago

Exercício	Objetivos do jogo	Objetivo da proposta
<p>. Conversa na roda</p> <p>Os alunos sentados em roda conversam descontraidamente acerca das suas vidas e das suas rotinas. São convidados a partilhar algum momento ou algum acontecimento mais importante. Dá-se a oportunidade a cada um de falar e de partilhar o que entender.</p>	<p>. Desenvolvimento do sentido do coletivo</p> <p>. Escuta sensível do outro</p>	
<p>. Spaghetti</p> <p>Organizar o grupo numa grande roda e explicar que a única palavra que existe naquela roda é: Spaguetti. O professor dá a indicação de uma emoção a um aluno de cada vez. Cada um vai ao centro, diz a palavra Spaghetti associada à emoção indicada: Spaghetti zangado, Spaghetti apaixonado, Spaghetti envergonhado, Spaghetti herói, Spaghetti aborrecido, Spaghetti cool, Spaghetti rock n´roll, Spaghetti tímido. Depois de cada um passar pela experiência individual é a vez de o fazermos em conjunto de forma a encorajar os alunos a interpretar com segurança a sua ação. Exercício inspirado no autor Trefor-Jones (2015, p. 5)</p>	<p>. Criatividade e imaginação</p> <p>. Identificação de emoções</p> <p>. Interpretação e comunicação através da expressão oral</p> <p>. Movimento criativo</p> <p>. Aquecimento corporal</p> <p>. Descontração coletiva</p> <p>. Trabalhar a mobilidade/imobilidade</p> <p>. Desenvolver a criatividade corporal</p> <p>. Apropriação espacial</p>	

Apêndice 1 – Descrição das sessões (*continuação*)

<p>. Quem é o chefe</p> <p>Todos em círculo, e um dos alunos sai da sala. Escolhe-se um chefe, quando o outro colega entra na sala coloca-se no centro da roda. O chefe começa a fazer alguns movimentos, acenar com a mão, com a cabeça, mexer as pernas, levantar e baixar o braço. O chefe muda constantemente de movimento e os outros terão de o imitar rapidamente. O colega que estará no meio terá que tentar descobrir quem é o chefe.</p>	<ul style="list-style-type: none"> . Criatividade e imaginação . Movimento criativo . Aquecimento corporal . Descontração coletiva . Trabalhar a mobilidade/imobilidade . Desenvolver a criatividade corporal . Apropriação espacial 	
<p>. Guia do Cego – “O educador distribui os jogadores por pares. Um deles representa um invisual e por isso lhe tapa os olhos. O outro elemento do par faz de guia, ou seja, deve conduzir o invisual. O guia situa-se atrás do invisual e coloca-lhe as mãos nas costas. O guia conduz o seu companheiro, fazendo-lhe sinais nas costas: quando as mãos do guia não pressionam, o invisual deve andar em frente; se sente pressão no ombro direito, deve voltar-se para a direita; se a pressão é no ombro esquerdo, volta-se para a esquerda. No momento em que as 2 mãos fazem pressão, deve parar. O educador acompanha o exercício com o pandeiro e com uma música não muito rápida, para que todos sigam o mesmo ritmo, e ajuda a estabelecer ordem no grupo. Depois trocam-se papéis nos pares.” (Trias et al., 2002, p. 110)</p>	<ul style="list-style-type: none"> . Concentração . Escuta do outro . Escuta e cumplicidade com o outro . Educar os reflexos perante uma reação táctil 	<p>Aproximar o grupo da dificuldade sentida por um dos seus elementos que é invisual.</p>

Apêndice 1 – Descrição das sessões (*continuação*)

<p>. Confiança</p> <p>De olhos vendados o jogador corre em direção ao grupo até ser apanhado em segurança.</p>	<p>. Criação de cumplicidade e confiança com o outro e com o grupo.</p> <p>. Apropriação espacial</p>
---	---

- **Sessão 8 - Data:** 05/04/2023 **Local:** Sala Expressões Cercisiago

Exercício	Objetivos do jogo	Objetivo da proposta
<p>. Conversa na roda</p> <p>Os alunos sentados em roda conversam descontraidamente acerca das suas vidas e das suas rotinas. São convidados a partilhar algum momento ou algum acontecimento mais importante. Dá-se a oportunidade a cada um de falar e de partilhar o que entender.</p>	<p>. Desenvolvimento do sentido do coletivo</p> <p>. Escuta sensível do outro</p>	
<p>. Robots</p> <p>Trabalho de movimento retilíneo e segmentado.</p>	<p>. Organização do movimento</p> <p>. Estímulo à memorização do movimento</p> <p>. Desenvolver a criatividade corporal</p> <p>. Apropriação espacial</p>	

Apêndice 1 – Descrição das sessões (*continuação*)

3º Ciclo – Interpretação e comunicação

- **Sessão 9 - Data:** 12/04/2023 **Local:** Sala Oficinas do Teatro do Mar

Exercício	Objetivos do jogo	Objetivo da proposta
<p>. Balões</p> <p>Distribuídos balões pelo espaço o grupo em roda e desafia-se a experimentar:</p> <ol style="list-style-type: none">1. o máximo de toques (em grupo)2. Individualmente só tocar com uma parte do corpo (cotovelo, nariz, dedo, joelho, etc.)	<p>. Atenção e concentração</p> <p>. Equilíbrio</p> <p>. Destreza física</p> <p>. Segmentação do corpo</p> <p>. Trabalho de equipa</p>	
<p>. Conversa sobre o exercício/performance</p>	<p>. Partilha de ideias e sugestões para uma criação coletiva</p>	
<p>. Criação coletiva da cena 1</p>	<p>. Desenvolvimento do sentido do coletivo</p> <p>. Criatividade e imaginação</p>	

- **Sessão 10 - Data:** 19/04/2023 **Local:** Sala Oficinas do Teatro do Mar

Exercício	Objetivos do jogo	Objetivo da proposta
<p>. Conversa na roda</p> <p>Os alunos sentados em roda conversam descontraidamente acerca das suas vidas e das suas rotinas. São convidados a partilhar algum momento ou algum acontecimento mais</p>	<p>. Desenvolvimento do sentido do coletivo</p> <p>. Escuta sensível do outro</p>	

Apêndice 1 – Descrição das sessões (*continuação*)

importante. Dá-se a oportunidade a cada um de falar e de partilhar o que entender.	
<p>. Escolhe o teu par</p> <p>Cada jovem da Cerci foi convidado a escolher o seu par de trabalho</p>	<p>. Observar a escolha</p>
<p>. Animais nas costas</p> <p>“O educador mostra aos jogadores a maneira como se deslocam diversos animais, por exemplo, o elefante, a serpente, a formiga e muitos outros.</p> <p>Os jogadores dispõem-se livremente em pares, um à frente do outro. O de trás pressiona com as mãos nas costas do seu companheiro simulando as pegadas que deixariam os animais a deslocar-se. Por exemplo, o elefante faz-se com os punhos cerrados; a formiga com a pontinha dos dedos; a rã com movimentos descontínuos, como se saltitasse; a serpente com um movimento contínuo.” (Trias et al., 2002, p. 16)</p>	<p>. Desenvolver a concentração e atenção</p> <p>. Escuta sensível do outro</p> <p>. Responder a uma ação tátil</p>
<p>. Construção performance “Empatia”</p>	<p>. Desenvolvimento do trabalho em equipa através da criação coletiva</p>

- **Sessão 11 - Data:** 26/04/2023 **Local:** Sala Oficinas do Teatro do Mar

Exercício	Objetivos do jogo	Objetivo da proposta
<p>. Leitura do poema “Se me deixasses ser” Tiago Bettencourt</p>	<p>. Partilha do poema que será inserido na performance “Empatia”.</p>	
<p>. Construção coletiva da performance “Empatia”</p>	<p>. Desenvolvimento do trabalho em equipa através da criação coletiva</p>	

Apêndice 1 – Descrição das sessões (*continuação*)

- **Sessão 12** - **Data:** 03/05/2023 **Local:** Sala Expressões Cerci

Exercício	Objetivos do jogo	Objetivo da proposta
. Conversa na roda	. Desenvolvimento do sentido do coletivo . Escuta sensível do outro	
. Construção coletiva da performance “Empatia”	. Desenvolvimento do trabalho em equipa através da criação coletiva	

- **Sessão 13** - **Data:** 10/05/2023 **Local:** Sala Oficinas do Teatro do Mar

Exercício	Objetivos do jogo	Objetivo da proposta
. Conversa na roda	. Desenvolvimento do sentido do coletivo . Escuta sensível do outro	
. Construção coletiva da performance “Empatia”	. Desenvolvimento do trabalho em equipa através da criação coletiva	

- **Sessão 14** - **Data:** 17/05/2023 **Local:** Sala Oficinas do Teatro do Mar

Exercício	Objetivos do jogo	Objetivo da proposta
. Conversa na roda	. Desenvolvimento do sentido do coletivo . Escuta sensível do outro	
. Construção coletiva da performance “Empatia”	. Desenvolvimento do trabalho em equipa através da criação coletiva	

Apêndice 1 – Descrição das sessões (*continuação*)

- **Sessão 15** - **Data:** 24/05/2023 **Local:** Sala Oficinas do Teatro do Mar

Exercício	Objetivos do jogo	Objetivo da proposta
. Conversa na roda	. Desenvolvimento do sentido do coletivo . Escuta sensível do outro	
. Construção coletiva da performance “Empatia”	. Desenvolvimento do trabalho em equipa através da criação coletiva	

- **Sessão 16** - **Data:** 31/05/2023 **Local:** Sala Oficinas do Teatro do Mar

Exercício	Objetivos do jogo	Objetivo da proposta
. Conversa na roda	. Desenvolvimento do sentido do coletivo . Escuta sensível do outro	
. Construção coletiva da performance “Empatia”	. Desenvolvimento do trabalho em equipa através da criação coletiva	

Apêndice 2 – Grelhas de observação



Objetivos principais desta grelha de observação sistemática:

1. registar os comportamentos dos vários observados durante as sessões do Laboratório de Teatro Inclusivo (LTI);
2. auxiliar na procura de comportamentos que se estruturam, e se constroem, nas sessões do LTI;
- 3- objetivar os pontos fortes e pontos fortes progredidos no processo de construção das relações sociais.

As dimensões colocadas na grelha de observação têm como finalidade analisar os diferentes aspetos da investigação e, por isso, os indicadores que integram serão objeto de observação sistemática em todas as sessões.

O propósito para a investigação é registar o desenvolvimento da ação dos intervenientes ao longo das sessões que permitirá compreender o modo de construção das relações sociais ao longo do processo de trabalho no LTI. Estas dimensões e indicadores foram construídos com base em momentos prévios de observação naturalista (com registos em diário de campo da investigadora, momentos gravados em momentos de observação direta participante e não participante) e com base em documentos orientadores (Index para a Inclusão 2011).

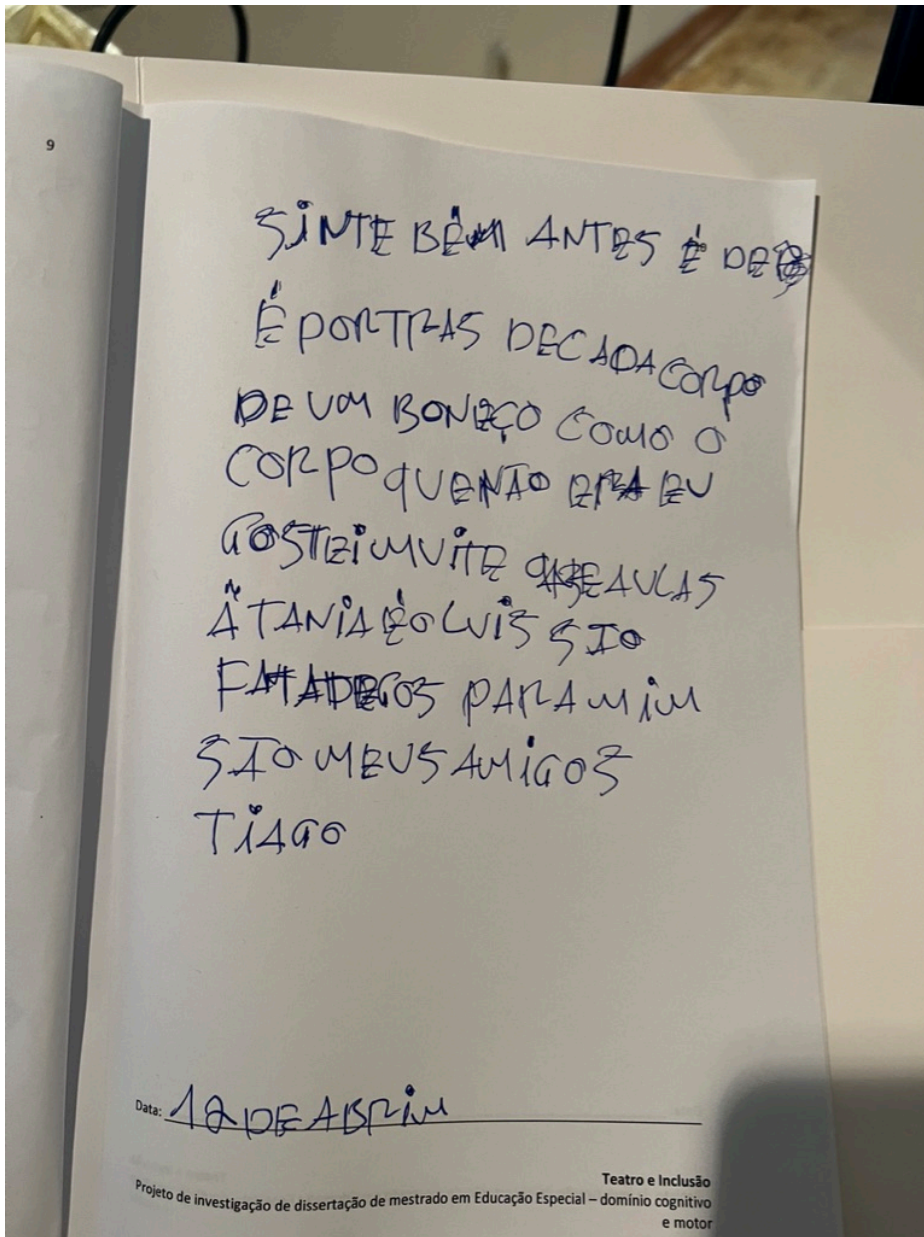
Apêndice 2 – Grelhas de observação (continuação)

Grelha de Observação do Laboratório Teatro Inclusivo

Data: _____ Sessão nº _____ Local: _____

	A.	C.	G.	I.	Mar.	C.	N.	B.	P.	R.	S.	T.	Ti.
Acolhimento a. Manifestações verbais (acolhimento) b. Abraça, estabelece contacto físico c. Fala, perguntas coisas d. Sorri e. Outro- qual													
Escuta sensível a. Ouve o outro b. Estimula o outro a falar c. Percebe as dificuldades e procura minimiza-las													
Cumplicidade a. Escolhe par do grupo A (adolescentes) b. Escolhe par grupo B (Cerci)													
Partilha relatos da vida diária a. Forma espontânea b. Precisa ser estimulado													
Construção de relação /empatia a. Mantém par * tendência ao longo das sessões b. Escolhe par novo													

Apêndice 3- Diários de Bordo (exemplos)



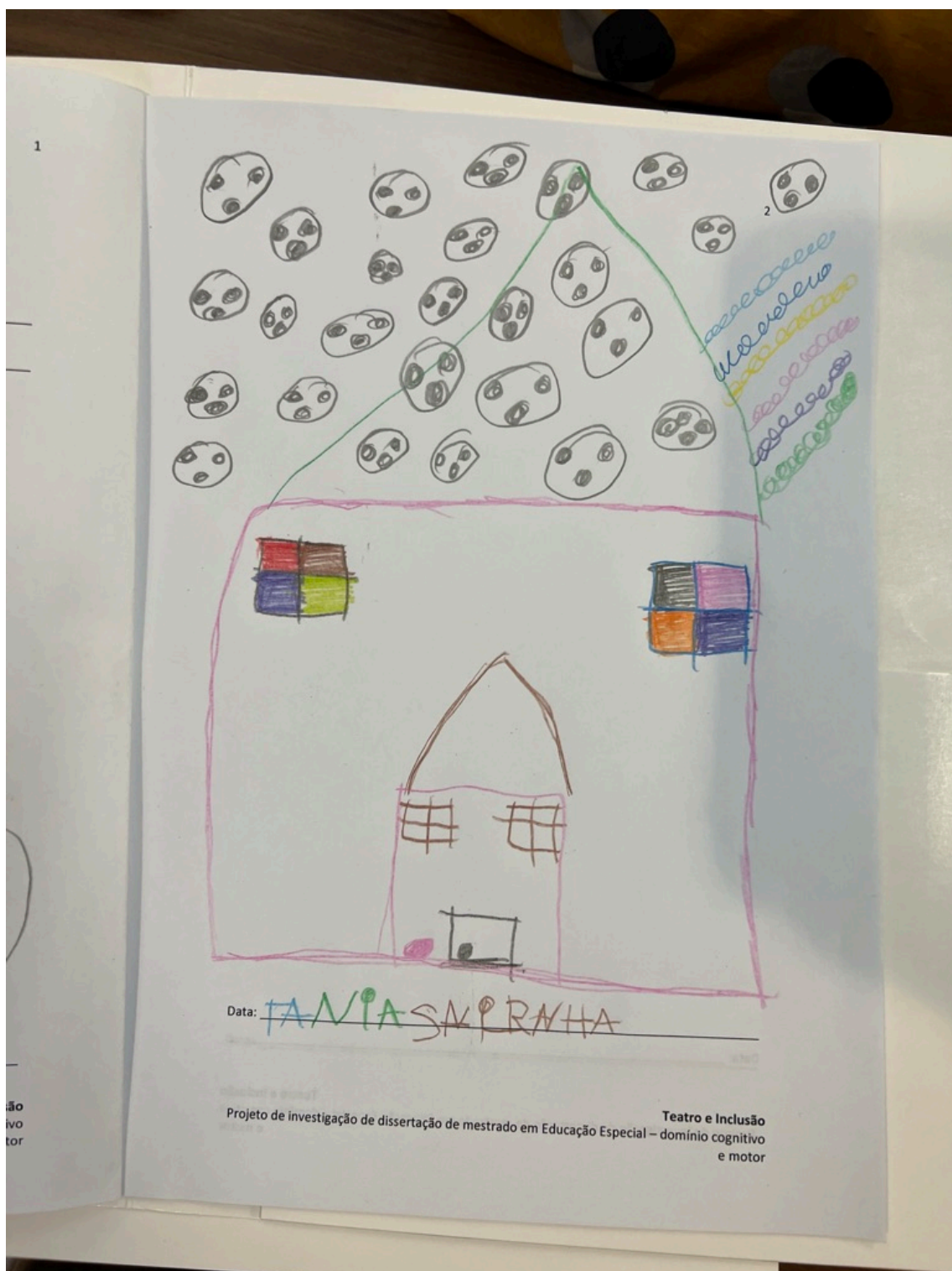
Apêndice 3- Diários de Bordo (exemplos) (continuação)

Acho que hoje não tenho uma grande re-
flexão a fazer, foi mais uma sessão incrível.
O momento que se destacou para mim, foi uma
simples brincadeira com balões antes do início, mal
tinha chegado toda a gente, começou com um balão
e quando dei por mim haviam uns 4 espalhados
pelo ar e toda a gente se perdeu no jogo com
um sorriso estampado no rosto, como crianças. Foi im-
pagável, todos se distraíram e se conectaram de certa
forma. Sinto que o mesmo dinamismo como grupo se
estende além das sessões. Fico feliz de experi-
ciar isto.



Data: 12/04/2023

Apêndice 3- Diários de Bordo (exemplos) (continuação)



Hoje já correu melhor, já nos conhecíamos e por isso foi mais fácil de fazer os exercícios.

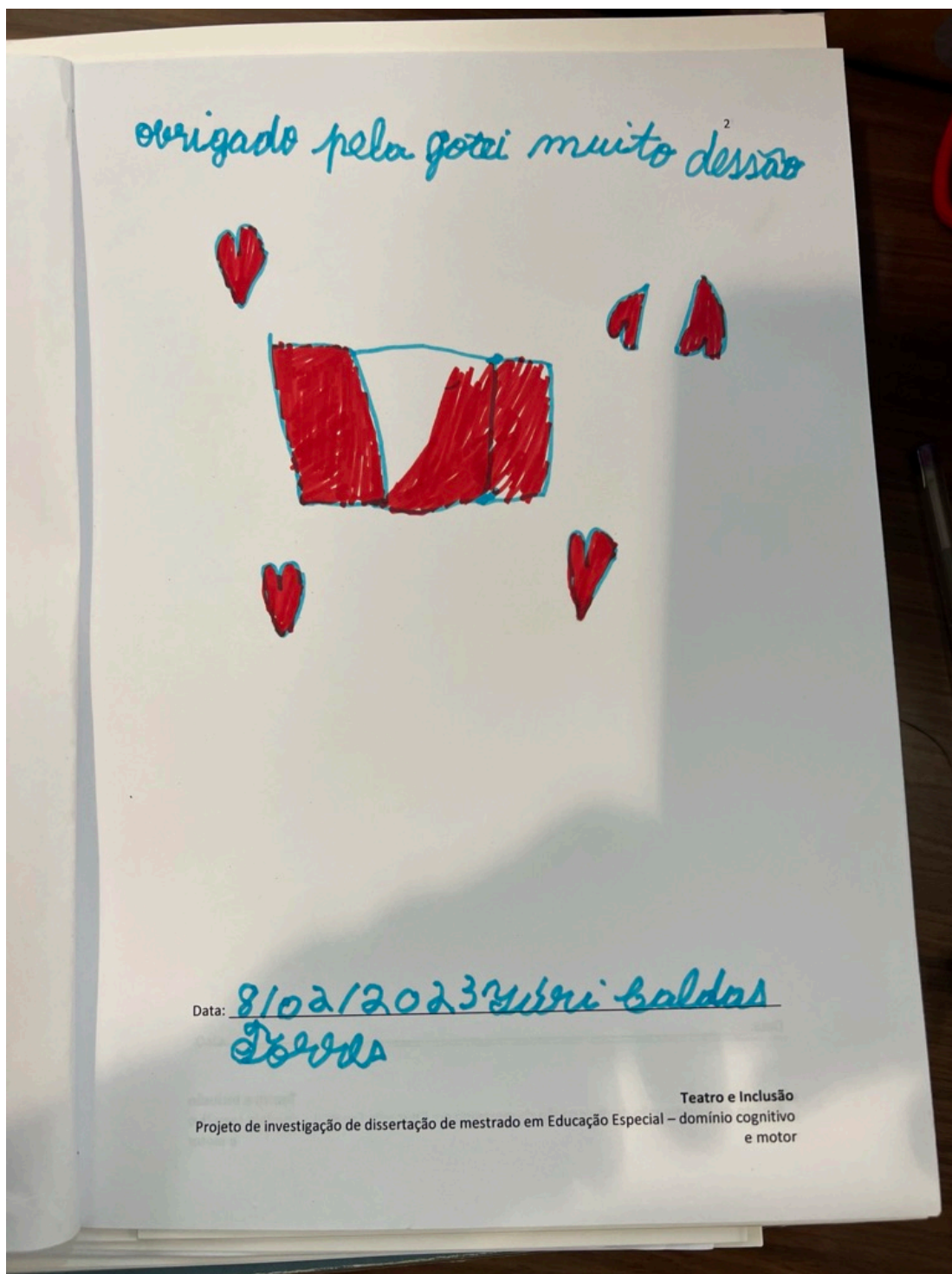
Costei, sinto que já estávamos mais à vontade uns com os outros. Fomos muito felizes ☺

Divertimos-nos MUITO.

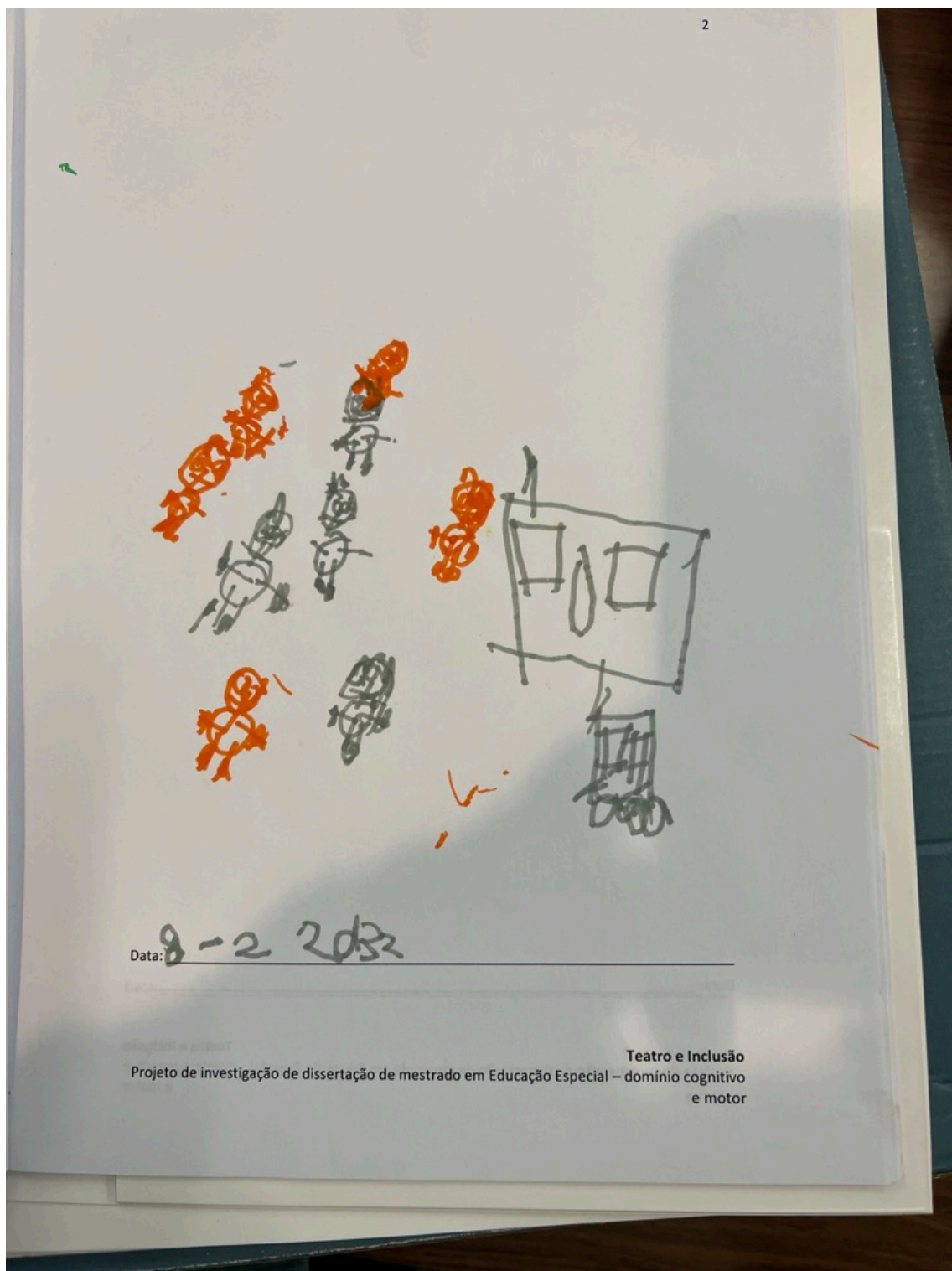


Data: 8 de fevereiro de 2023

Apêndice 3- Diários de Bordo (exemplos) (continuação)



Apêndice 3- Diários de Bordo (exemplos) (continuação)



Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo

Categorias	Sessão 1 – 1 fevereiro 2023 – sala do Serviço Educativo do Teatro do Mar
<p>O que eu senti</p> <p>Sobre mim</p>	<p>Gostei da aula, foi “diferente” (S.) senti-me também emocionada (Mar.)</p>
<p>Sobre os outros</p>	<p>são super engraçados (Mar.) acho mesmo que podemos aprender coisas com eles (Mar.) transmitiam uma energia fantástica. (Mar.) super simpáticos (Mar.) Gostei de os ver felizes. (Mar.)</p>
<p>Sobre momentos partilha</p>	<p>Gostei de vos conhecer. (B.) foi uma experiência enriquecedora (S.)</p>
<p>O que eu mudei</p>	
<p>Sobre as propostas e dinâmicas dos exercícios</p> <p>Sentimentos positivos</p>	<p>Os exercícios são bons também para convivermos e conhecermos todos. (Mar.) Gostei desta sessão. (G.) Senti-me muito feliz por fazer parte deste projeto, como por conhecer estes, que são agora amigos novos. (Mar.) Foi bastante divertido. (S.) Gostei da sessão de hoje. (I.) Senti-me bem e gostei muito. (Ti.)</p>
<p>Dificuldades/Constrangimentos</p>	<p>Houve momentos em que fiquei meio atrapalhada mas com o tempo isto passará. (G.)</p>

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

Expectativas	Espero que continue assim e que vá melhorando ao longo das sessões. (Mar.) Espero continuar mais vezes a conviver convosco neste trabalho. Espero vir para a semana. (B.)
Avaliação Valorização positiva	Acho que é um projeto incrível. (G.) Hoje correu bem. (B.) Foi um dia diferente. (Ti.)
Valorização negativa	

Categorias	Sessão 2 – 8 fevereiro 2023 – sala do Serviço Educativo do Teatro do Mar
O que eu senti Sobre mim	Fomos muito felizes. Divertimo-nos muito. (S.) E mais uma vez saio daqui feliz e contente. (Mar.) (...) todos os sorrisos que esboçaram durante a aula foram de aquecer o coração. (Mi.) Estou a gostar muito destas sessões porque é uma coisa diferente. (A.) Obrigada pela sessão. Gostei muito. (I.) Gostei de trabalhar com todos. (B.) Eu senti-me bem (Ti.) gostei muito. (Ti.) É uma aventura nova na minha vida. (A.) Senti-me diferente. (Ti.)

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

Sobre os outros	Gostei realmente de ver pessoas que pularam umas barreiras um pouco mais altas que as nossas poderem aproveitar o aconchego do teatro ao nosso lado. (Mi.)
Sobre momentos partilha	Foi uma sessão muito divertida. (N.) Obrigado a todos pela ajuda que me deram. (B.) Nesta sessão senti-me mais à vontade, mais confortável. (G.) Sinto que já estávamos mais à vontade. (S.)
O que eu mudei	
Sobre as propostas e dinâmicas dos exercícios Sentimentos positivos	Gostei dos exercícios de hoje. Foram engraçados e intuitivos à sua maneira. (Mar.) Hoje gostei destes exercícios. (B.) Foi maravilhoso (...) fazê-lo com pessoas especiais e maravilhosas. (R.) São todos tão empenhados. (Mi.) Desenrascadíssimos, grandes máquinas, eu sabia que eram capazes mas fiquei sinceramente impressionado. (Mi.) A sessão de hoje foi muito boa e correu muito bem. (B.) Já estávamos mais à vontade uns com os outros. (S.)
Dificuldades/Constrangimentos	
Expectativas	É sem dúvida uma experiência que levo comigo. (R.)
Avaliação Valorização positiva	Acho que esta sessões me estão e vão ajudar a me dar melhor com pessoas em geral. (G.) Já nos conhecíamos e por isso foi mais fácil de fazer os exercícios. (S.)
Valorização negativa	

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

Categorias	Sessão 3 – 15 fevereiro 2023 – sala do Serviço Educativo do Teatro do Mar
<p>O que eu senti</p> <p>Sobre mim</p>	<p>Senti-me bem nesta sessão, foi muito divertido. (N.)</p> <p>Eu senti-me bem depois e antes e gostei muito. (Ti.)</p>
<p>Sobre os outros</p>	<p>Acho que já temos uma ligação. (S.)</p> <p>Gosto muito deles (...) (Mar.)</p> <p>Já somos todos muito amigos. (S.)</p> <p>Foi divertido estar com os amigos. (C.)</p> <p>(...) sinto-me confortável perto deles. (Mar.)</p> <p>O P. é demais ahahaha... são todos incríveis. (Mar.)</p> <p>Damo-nos super bem. São super divertidos. (S.)</p>
<p>Sobre momentos partilha</p>	<p>Fizemos uma mini representação que foi muito importante para ficarmos mais à vontade uns com os outros. (N.)</p> <p>O meu corpo sentiu-se bem, relaxado e com boa disposição. (B.)</p>
<p>O que eu mudei</p>	<p>Ter alguém que não conheço a tocar-me, alguém que não me é familiar é algo estranho para mim, porém não me fez sentir desconfortável. (G.)</p>
<p>Sobre as propostas e dinâmicas dos exercícios</p> <p>Sentimentos positivos</p>	<p>Divertimo-nos bastante no aquecimento. (N.)</p> <p>Senti o toque em mim e gostei. (B.)</p> <p>Todos estes exercícios servem para criarmos uma ligação mais profunda e não uma coisa superficial. (Mar.)</p> <p>Eu gostei muito desta sessão. (A.)</p> <p>Hoje gostei da sessão. (I.)</p> <p>Na sessão de hoje fizemos vários exercícios de toque o que foi muito importante. (N.)</p> <p>Foi muito lindo e gostei de todas as aulas do meu coração. (Ti.)</p>
<p>Dificuldades/Constrangimentos</p>	<p>Hoje foi a primeira vez da C. , achei-a um pouco reprimida, mas como tempo passa. (S.)</p> <p>O toque físico é algo que me faz sentir desconfortável em geral, mas esta sessão ajudou-me em respeito a isso. (G.)</p>

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

Expectativas	<p>Não tinha muitas expectativas pois não sabia bem o que esperar em relação a isto, mas sinto que me está a surpreender pela positiva. (Mar.)</p> <p>É uma forma diferente de “conhecermos” as outras pessoas, muito especial <3 (N.)</p>
Avaliação Valorização positiva	<p>Gosto muito destas aulas, são diferentes, no bom sentido. (S.)</p> <p>Está a ser divertido e engraçado. (A.)</p> <p>O trabalho foi muito bom. (B.)</p> <p>Gostei de trabalhar com os colegas e com a Tânia e o Luis. (T.)</p>
Valorização negativa	

Categorias	Sessão 4 – 1 março 2023 – sala do Serviço Educativo do Teatro do Mar
O que eu senti Sobre mim	<p>Hoje senti que foi muito lindo e foi muito diferente. (Ti.)</p>
Sobre os outros	<p>Hoje a nossa aula foi espetacular, pois pela 1ª vez trabalhamos a representação e a dramatização em grupos, e estar de novo a fazer uma coisa que gosto é só incrível e é ainda mais especial fazê-lo com pessoas extraordinárias. (R.)</p> <p>Fizemos uma mini representação que foi muito importante para ficarmos mais à vontade uns com os outros. (N.)</p>
Sobre momentos partilha	<p>Adorei (G.)</p> <p>Foi muito divertido. (S.)</p> <p>Fiz amigos que são todos. (Ti.)</p>

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

O que eu mudei	
Sobre as propostas e dinâmicas dos exercícios Sentimentos positivos	A parte do exercício das palmas foi muito interessante, ver a rapidez com que alguns recebiam e devolviam as palmas (...). (G.) (...) os exercícios que fiz foram muito bons. (B.) (...) ver eles a entenderem o jogo foi maravilhoso. (G.) A felicidade do B. ao conseguir escrever o nome dele foi muito bonita. (G.) (...) pela 1ª vez fizemos um “mini teatro”, eles gostaram muito, uns estavam mais à vontade que outros, mas sinto que à medida que as aulas vão decorrendo vamos ficando cada vez mais próximos. (S.)
Dificuldades/Constrangimentos	(...) percebi que a T. tem algumas dificuldades em termos de memória, mas quando ela se conseguiu lembrar e dizer tudo, foi um momento em que senti felicidade e orgulho nela. (G.)
Expectativas	Eu acredito que desta experiência levo memórias incríveis e boas histórias para contar aos meus filhos. (R.) Quando vier outra vez queria ver os meus amigos. (C.) Que para a próxima seja ainda melhor. (B.)
Avaliação Valorização positiva	Gostei muito da sessão de hoje. (G.) Gostei muito desta aula, podemos fazer mais destes “mini teatros”. (S.) Esta sessão foi muito divertida e engraçada porque fizemos trabalhos em conjunto e eu gostei principalmente da última parte que era a dramatização. (A.) Eu gostei da sessão. (I.) Foi muito divertida a sessão de hoje, gostei muito, (N.) Hoje gostei muito de trabalhar (B.)
Valorização negativa	

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

Categorias	Sessão 5 – 8 março 2023 – sala Cercisiago
<p>O que eu senti</p> <p>Sobre mim</p>	<p>Senti-me bem na peça da reencarnação. (Ti.)</p>
<p>Sobre os outros</p>	<p>Gostei de trabalhar com os amigos. (B.)</p> <p>Foi a primeira vez que viemos ao espaço da Cerci, foi algo diferente mas acho que eles se sentiram mais em casa. (G.)</p> <p>Eu gostei muito desta sessão porque fizemos um trabalho em grupo e também porque foi a primeira sessão na Cerci. (A.)</p> <p>Foi a primeira vez que visitámos a Cerci, os nossos amiguinhos ficaram super felizes por termos conhecido o espaço deles. (N.)</p>
<p>Sobre momentos partilha</p>	<p>Foi a primeira vez que viemos à Cerci, em Santiago e o espaço é maravilhoso e tem espelho o que é ótimo. (Mar.)</p> <p>Gostei desta aula. (I.)</p> <p>Foi divertido fazer o pequeno teatro. (B.)</p> <p>A sessão correu bem. (B.)</p>
<p>O que eu mudei</p>	<p>Alguma das dificuldades que senti foi colocar as ideias que tínhamos em prática. (S.)</p>
<p>Sobre as propostas e dinâmicas dos exercícios</p> <p>Sentimentos positivos</p>	<p>Fizemos uma dramatização (...) Foi interessante e criativo. (M.)</p> <p>Estivemos a fazer uma dramatização e gostei muito de fazer uma peça de teatro. (C.)</p> <p>É bom partilharmos as ideias entre todos e percebermos como cada um pensa. (Mar.)</p> <p>Ao escolhermos os grupos a T. e a C., juntaram-se logo a mim e ao R., acho que já se sentem mais confortáveis ao pé de nós, e gostei que fossem elas a escolher o grupo com o qual se sentiram melhor. (G.)</p> <p>Fizemos uma peça sobre a reencarnação (tudo ideias do Ti.) Gostei desta aula, senti que o Ti. Gostou imenso de fazer este teatro porque foi ele que criou a história toda. (S.)</p> <p>Obrigada a estes amigos. (B.)</p>

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

	Fizemos uma dramatização sobre um imprevisto. Foi muito interessante. (N.)
Dificuldades/Constrangimentos	
Expectativas	Cada vez mais estas aulas semanais têm vindo a ser um grande aprendizado que tenho a plena certeza de que levo para a minha vida. (R.)
Avaliação	
Valorização positiva	
Valorização negativa	

Categorias	Sessão 6 – 22 março 2023 – sala Cercisiago
O que eu senti	
Sobre mim	
Sobre os outros	Depois de 15 dias de pausa, eu senti saudades destas sessões e de estar com estas pessoas. (G.) (...) tenho sentido cada vez mais vontade de continuar a vir a esta experiência, não só pelo gosto pelo teatro, mas também o facto de estar a criar laços de afeto com os alunos da Cerci. (R.) Senti-me bem hoje. Foi um dia diferente e eu gostei muito. (Ti.)
Sobre momentos partilha	Foi um dia muito bonito. (Ti.) Hoje pude ser alguém diferente, alguém que não é a M. de todos os dias. (...) Senti-me diferente por encarar uma personagem diferente. É bom às vezes mudar, e é por isso que também gosto de fazer parte deste projeto, para lidar com outras pessoas e puder ser eu e até novas personagens. (Mar.) Senti o corpo diferente. (Ti.)
O que eu mudei	

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

<p>Sobre as propostas e dinâmicas dos exercícios</p> <p>Sentimentos positivos</p>	<p>Trouxemos alguns adereços (...). Alguns não estavam à vontade mas à medida que o tempo foi passando foram melhorando. (S.)</p> <p>O mais fácil foi fazer a massagem. (B.)</p> <p>Trabalhámos a criação de personagens e foi muito divertido. (R.)</p> <p>(...) Tivemos a fazer massagens, o que ajuda no toque. (S.)</p> <p>(...) foi muito engraçada, pois mudamos de “corpos”. Inventámos personagens e foi bastante interessante. (N.)</p> <p>Gostei de colocar a peruca e encarnar a personagem. (B.)</p>
<p>Dificuldades/Constrangimentos</p>	<p>O mais difícil foi a parte de sacudir no processo da massagem. (B.)</p>
<p>Expectativas</p>	<p>Foi bom e espero continuar a ser. (Mar.)</p>
<p>Avaliação</p> <p>Valorização positiva</p>	<p>Eu gostei muito desta sessão porque podíamos ser que quiséssemos e sermos livres a fingir que somos quem quisermos. (A.)</p> <p>Gostei da aula de hoje. (I.)</p> <p>Hoje gostei muito desta aula. (C.)</p> <p>A aula de hoje foi muito divertida. (B.)</p> <p>Foi lindo. (Ti.)</p>
<p>Valorização negativa</p>	

<p>Categorias</p>	<p>Sessão 7 – 29 março 2023 – sala Cercisiago</p>
<p>O que eu senti</p> <p>Sobre mim</p>	<p>Obrigado. Só consigo agradecer. (M.)</p> <p>Gostei muito desta sessão. Foi divertida. (A.)</p> <p>Na sessão de hoje senti-me bem. (G.)</p>

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

	<p>Sinto que a pouco e pouco se forma cada vez mais laços, não só entre nós e os que estão na Cerci, mas sim entre todos! Cada momento que passo aqui sinto-me ligeiramente mais próximo de toda a gente. É um conforto que não tem como explicar, é um conforto que só o teatro me trás. (Mi.)</p> <p>Senti-me à vontade. (...) Sinto que estes exercícios nos dão mais confiança uns nos outros. (S.)</p> <p>Senti-me feliz e não tive medo. Senti-me confiante. (C.)</p>
Sobre os outros	Obrigada (...) (B.)
Sobre momentos partilha	Sinto que não há barreira alguma que possa impedir-nos de nos expressar com o nosso corpo e é de certa forma estranho mas sinceramente é incrível ver alguém que tem a sua expressão condicionada conseguir. (Mi.)
O que eu mudei	
<p>Sobre as propostas e dinâmicas dos exercícios</p> <p>Sentimentos positivos</p>	<p>Trabalhámos a confiança e na minha opinião foi um tema bastante bom para se trabalhar. (R.)</p> <p>Hoje fizemos vários exercícios de confiança, senti-me segura. (S)</p> <p>Saio daqui sempre com um sorriso na cara, porque eles são tão genuínos. (S.)</p> <p>Gostei de fazer o jogo dos cegos. (C.)</p> <p>(...) fizemos um exercício de bonecos para moldarmos e tudo mais, quebrou o gelo e foi muito engraçado. (N.)</p> <p>Gostei da atividade de moldar o boneco e de quando andei de olhos fechados e corri em direção aos colegas. (B.)</p> <p>Estou muito contente por ter trabalhado com a ajuda dos colegas. (B.)</p>
Dificuldades/Constrangimentos	<p>Hoje fizemos alguns jogos, nos quais estávamos de olhos fechados, é uma coisa que me faz muita confusão, daí não fazer o último. (G.)</p> <p>Fizemos atividades de “olhos fechados” que me transmitiu algum desconforto porque já não estava habituada a este tipo de exercícios. (N.)</p>
Expectativas	Acho que é um abre portas para se aperfeiçoar a confiança que temos uns pelos outros. (R.)
Avaliação	Gostei muito de hoje. (G.)

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

Valorização positiva	<p>Hoje tivemos mais uma aula incrível. (R.)</p> <p>A sessão de hoje foi muito importante. Trabalhámos a confiança uns com os outros que ajuda a fortalecer a “ligação” entre nós. (N.)</p> <p>Hoje foi um bom trabalho. (B.)</p>
Valorização negativa	

Categorias	Sessão 8 – 5 abril 2023 – sala Cercisiago
O que eu senti Sobre mim	Sinto muito bem. Gostei. Foi um dia diferente. (...) Senti o meu corpo a vibrar. (Ti.)
Sobre os outros	<p>Conversámos. Gostei das ideias. Sonhei novos amigos. (I.)</p> <p>Tive muito gosto em trabalhar com o grupo. (B.)</p> <p>Agradeço ao grupo. (B.)</p> <p>Hoje faltou muita gente. Sinto falta deles. Já somos um grupo e quando alguém falta já sentimos falta deles. (S.)</p>
Sobre momentos partilha	(...) a reflexão de hoje começou na viagem para a sessão quando a Tânia e o Luís nos falaram na proposta de construir um projeto que aglomerasse todo o nosso trajeto e descobertas ao longo desta experiência. Na altura, um deles questionou se realmente era o grupo da Cerci que estava a quebrar barreiras, ou se na verdade éramos nós. Ouvir isto abriu-me os olhos, porque realmente é verdade. A forma como eles se entregam ao teatro e a novas experiências é surpreendente. Barreiras que nos são impostas a nós mesmos, são possivelmente inexistentes para eles. Todos interagimos, trabalhamos e criamos de formas diferentes e cada vez mais uma coesão de pensamentos como se, quando trabalhamos em grupo, nos uníssemos num todo. (Mi.)
O que eu mudei	

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

Sobre as propostas e dinâmicas dos exercícios Sentimentos positivos	Estivemos a fazer exercícios de “personagem” éramos robôs, isto trabalha não só, mas também o corpo e a construção de personagens. Não foi das minhas aulas preferidas mas sei que é importante fazer este tipo de exercícios. (S.)
Dificuldades/Constrangimentos	Trabalhámos o corpo e transformámos em robôs. Para mim não foi fácil mas consegui. (C.) Hoje trabalhámos os movimentos de robôs, senti dificuldade ao movimentar os braços. (B.)
Expectativas	
Avaliação Valorização positiva	Gosto deste grupo e destas aulas. (S.) Queremos fazer um projeto de teatro sobre a nossa amizade. Gostei da ideia. (C.)
Valorização negativa	

Categorias	Sessão 9 – 12 abril 2023 – sala Cercisiago
O que eu senti Sobre mim	Senti-me entusiasmado. Gostei do trabalho. Senti-me emocionado. Fiquei feliz por ter trabalhado. Diverti-me muito. (B.) Senti-me bem antes e depois. (Ti.) Por detrás de cada corpo há um boneco que não era eu. (Ti.)
Sobre os outros	Senti-me bem. Tivemos que ajudá-los para eles perceberem os movimentos. (G.) Sinto que o nosso dinamismo como grupo se estende para além das sessões. Fico feliz de experienciar isto. (Mi.)
Sobre momentos partilha	
O que eu mudei	

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

<p>Sobre as propostas e dinâmicas dos exercícios</p> <p>Sentimentos positivos</p>	<p>O momento que se destacou foi uma simples brincadeira com balões (...) quando dei por mim haviam 4 balões espalhados pelo ar e toda a gente se perdeu no joguinho com um sorriso no rosto, como crianças. Foi impagável, todos se distraíram e se conectaram (...) (Mi.)</p>
<p>Dificuldades/Constrangimentos</p>	<p>(...) descobri que eles têm alguma dificuldade em coordenar movimentos, em fazer sequências nas quais os movimentos são mecânicos. (G.)</p>
<p>Expectativas</p>	
<p>Avaliação</p> <p>Valorização positiva</p>	<p>Foi mais uma sessão incrível. (Mi.)</p> <p>Eu gostei muito da sessão de hoje. (A.)</p> <p>Hoje foi o dia em que me portei melhor. (I.)</p> <p>Eu gostei muito desta aula. (C.)</p> <p>Correu tudo bem. (B.)</p> <p>Gostei muito desta aula. A Tânia e o Luis são fantásticos para mim. São meus amigos. (Ti.)</p>
<p>Valorização negativa</p>	

<p>Categorias</p>	<p>Sessão 10 – 19 abril 2023 – sala Cercisiago</p>
<p>O que eu senti</p> <p>Sobre mim</p>	
<p>Sobre os outros</p>	<p>Estou muito feliz com isto. Sinto-me e sinto que cada vez estamos mais próximos (...) (Mar.)</p> <p>Senti que estamos a entrar no bom caminho. (S.)</p> <p>Senti-me entusiasmado. (B.)</p> <p>Senti-me bem antes e depois. (Ti.)</p>

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

Sobre momentos partilha	<p>Acho que a Carina gosta de mim. Fico contente em saber. (Mar.)</p> <p>O primeiro exercício era a pares e quem me escolheu foi a T. Fiquei feliz. (S.)</p> <p>Os meus colegas, os meus amigos. (C.)</p> <p>Os nossos amigos escolheram os pares, o Ti. Escolheu-me a mim e foi engraçado porque não estava à espera. (N.)</p>
O que eu mudei	
Sobre as propostas e dinâmicas dos exercícios	
Sentimentos positivos	
Dificuldades/Constrangimentos	<p>Logo no início estávamos um bocadinho “perdidos” mas depois focamo-nos e conseguimos fazer tudo. (S.)</p> <p>Fizemos a dramatização e senti que é um bocado difícil para eles coordenarem e esse tipo de coisas mas com a prática foram conseguindo. (N.)</p> <p>(...) algumas coisas que não achei fáceis. (B.)</p>
Expectativas	
Avaliação	
Valorização positiva	<p>Hoje foi muito giro porque estamos a criar um miniteatro com todos e é muito criativo e uma maneira de interagirmos. (Mar.)</p> <p>Gostei desta sessão. (A.)</p> <p>Na aula aprendi sobre o robô e gostei muito desta aula. (C.)</p> <p>Acho que esta parceria está a correr bem. (B.)</p> <p>Foi bonito. (Ti.)</p>
Valorização negativa	

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

Categorias	Sessão 11 – 26 abril 2023 – sala Cercisiago
<p>O que eu senti</p> <p>Sobre mim</p>	<p>Continuamos no processo criativo (...) conseguimos ultrapassar as barreiras individuais como um grupo, como aconteceu com o B. (Mi.)</p> <p>Estou entusiasmada com o resultado final. Espero que consigamos. (Mar.)</p> <p>Sinto que já se está a formar algo mais sólido aos poucos. (Mi.)</p> <p>Senti-me muito bem antes e depois. (Ti.)</p>
<p>Sobre os outros</p>	
<p>Sobre momentos partilha</p>	<p>Agradeço a ajuda que me deram. (B.)</p>
<p>O que eu mudei</p>	<p>Esta sessão foi mais técnica e também adaptámos o “espetáculo” ao B.. (A.)</p>
<p>Sobre as propostas e dinâmicas dos exercícios</p> <p>Sentimentos positivos</p>	<p>Tornámos a nossa peça, a representação perfeita da nossa relação. Passámos de máquinas (Robôs) a pessoas (humanos). (Mar.)</p> <p>Fizemos de robôs e depois olhávamos para o B. (C.)</p>
<p>Dificuldades/Constrangimentos</p>	<p>Acho que eles ainda estão um bocadinho “perdidos”, as à medida que vamos fazendo eles vão acompanhando. (S.)</p> <p>Começamos a construir o nosso exercício, no início tivemos algumas dificuldades com o B. – devido ao seu problema – mas com o tempo fomos aprimorando o exercício. (G.)</p> <p>(...) houve partes que achei difícil. (B.)</p>
<p>Expectativas</p>	<p>Está-se a compor e mais próximos estamos a ficar. Novas ideias surgiram e o melhor está a ficar. (M.ar)</p>
<p>Avaliação</p> <p>Valorização positiva</p>	<p>Mais uma sessão e cada vez mais entusiasmante se torna. (Mar.)</p> <p>Estamos a ter um bom desenvolvimento. Estou a gostar do nosso produto artístico. (S.)</p> <p>Gostei da sessão do dia de hoje. (I.)</p> <p>Gostei desta aula. (C.)</p>

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

	Foi uma aula muito interessante em que eu estava muito contente. Trabalhámos todos juntos. Foi tudo bem explicado e foi uma tarde muito boa. (B.) Gostei muito. (Ti.)
Valorização negativa	

Categorias	Sessão 12 - 3 maio 2023 – sala Cercisiago
O que eu senti Sobre mim	Senti-me bem antes e depois. (Ti.)
Sobre os outros	O progresso é cada vez mais notável!!! (Mi.) O conforto e a descoberta está a ser uma parte crucial para nos conhecermos uns aos outros sem precisar falar muito Sinto-me super próximo de toda a gente. Quase como uma família. (Mi.) Estamos a conseguir ser mais produtivos. (N.)
Sobre momentos partilha	
O que eu mudei	
Sobre as propostas e dinâmicas dos exercícios Sentimentos positivos	Comparando com as outras sessões estamos muito mais à vontade uns com os outros. (N.)
Dificuldades/Constrangimentos	Sou capaz de me enganar. Olho para os nossos nas cadeiras. (I.)
Expectativas	(...) espero que o B. venha para vermos se ele consegue fazer tudo o que temos em mente. (G.)

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

	Estamos passo a passo mais perto daquilo que esperamos. Trabalhamos num todo para adaptar a peça às necessidades de TODOS. (Mi.)
Avaliação	Esta sessão correu tudo muito bem porque conseguimos fazer tudo. (A.)
Valorização positiva	Fizemos de robôs como na aula passada. Gostei muito. (C.) Gostei muito. A Tânia e o Luis dão vida. (Ti.)
Valorização negativa	

Categorias	Sessão 13 – 10 maio 2023 – sala do Serviço Educativo do Teatro do Mar
O que eu senti	Hoje esta sessão animou-me. (Mar.)
Sobre mim	
Sobre os outros	Fez-me rir e temos uma ligação maior e mais forte. (Mar.) Estamos a evoluir e quase estamos a acabar este projeto. (Mar.) Acho que estamos mais próximos. Sinto que já somos uma “família”. (S.) Amigos do coração. (C.) Todos me ajudaram no que foi possível. (B.)
Sobre momentos partilha	
O que eu mudei	
Sobre as propostas e dinâmicas dos exercícios	
Sentimentos positivos	
Dificuldades/Constrangimentos	

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

Expectativas	Gostaria de fazer mais peças. (C.) Conseguimos fazer até mais longe que a última sessão. (G.) Estou muito entusiasmada para a apresentação final. (N.)
Avaliação Valorização positiva	Adoro este projeto e tenho pena que vá acabar. (Mar.) Hoje a aula foi muito divertida. (...) Gosto mesmo destas aulinhas.”. (S.) Esta sessão passou muito rápido e conseguimos fazer tudo. (A.) Gostei do teatro. (I.) Este dia de aula foi muito divertido. (C.) Esta aula foi muito divertida, gostei bastante. (N.) Foi um trabalho muito bom. (...) É uma parceria muito bonita em que eu e os meus colegas colaborámos uns com os outros. (B.)
Valorização negativa	

Categorias	Sessão 14 –17 maio 2023 – sala cercisiago
O que eu senti Sobre mim	Estou happy <3 (Mar.) Cada vez mais somos amigos. Já somos uma família. (...) vou ter saudades destes meninos. (S.) Amigos do coração. (C.)
Sobre os outros	Agradeço a todo o grupo. (B.)
Sobre momentos partilha	Mesmo com prazo apertado, distrações ou contratempos, temos avançado com a ideia. (Mi.)
O que eu mudei	

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

<p>Sobre as propostas e dinâmicas dos exercícios</p> <p>Sentimentos positivos</p>	<p>Finalmente demos um fim à nossa peça/história e podemos dizer que é da melhor forma. (Mar.)</p> <p>(...) o poema é uma das partes mais bonitas e emocionantes. (S.)</p> <p>(...) eu e os meus colegas trabalhámos muito em grupo. (B.)</p>
<p>Dificuldades/Constrangimentos</p>	
<p>Expectativas</p>	<p>Já conseguimos chegar ao fim da nossa peça. Está a ficar muito bonita e emocionante. Quando estamos no fim a recitar o poema acho que é dos momentos mais bonitos de todo o exercício. (G.)</p> <p>Espero que possamos expandir este nosso universo cada vez mais. (Mi.)</p> <p>Acho que vai correr tudo bem. (S.)</p> <p>Estou animada com a apresentação do dia 7/06. (N.)</p>
<p>Avaliação</p> <p>Valorização positiva</p>	<p>Estou contente com a nossa peça e com o caminho que fizemos até aqui. (G.)</p> <p>Vai-se formando um mundo só nosso em que podemos ser quem nós somos de verdade. (Mi.)</p> <p>Hoje conseguimos acabar e correu tudo bem. (A.)</p> <p>Gostei do teatro quando juntámos. (I.)</p> <p>Gostei muito. (C.)</p> <p>O grupo esteve sempre unido e a aula correu muito bem. (B.)</p>
<p>Valorização negativa</p>	

<p>Categorias</p>	<p>Sessão 15 – 24 maio 2023 – sala do Serviço Educativo do Teatro do Mar</p>
<p>O que eu senti</p> <p>Sobre mim</p>	<p>Estou contente e quero mesmo ver o resultado final. (Mar.)</p>
<p>Sobre os outros</p>	<p>Gostei das atividades dos robôs e também gostei dos meus amigos. (C.)</p> <p>Vai deixar saudades de não estarmos mais com os nossos amiguinhos. (N.)</p>

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

	<p>Estou contente com o trabalho que fiz. (B.)</p> <p>(...) somos cada vez mais próximos, uma “família”. (S.)</p> <p>Acho que eles próprios estão mais à vontade connosco (...). (S.)</p>
Sobre momentos partilha	
O que eu mudei	
Sobre as propostas e dinâmicas dos exercícios	
Sentimentos positivos	
Dificuldades/Constrangimentos	
Expectativas	<p>Estou ansiosa para fazermos a apresentação ao público. Para a semana vamos fazer no auditório do Centro de Artes de Sines. (G.)</p> <p>Vou ter saudades destas aulas. (S.)</p> <p>Estou entusiasmada com a nossa apresentação final. (N.)</p>
Avaliação	
Valorização positiva	<p>Adorei esta experiência, foi ótimo a ligação criada entre todos. (Mar.)</p> <p>Se fosse eu a mandar, não mudava um cabelinho que fosse. Apesar das dificuldades, é as características de cada um que nos forma e nos molda como somos. É só charme!!! Se fosse eu a mandar esta festa não acabava. (Mi.)</p> <p>“Se me deixasses ser”, a frase do poema que mais oiço nestas aulas/ensaios, e é mesmo verdade se cada um fosse o que é verdadeiramente era tudo tão mais fácil... (S.)</p> <p>Hoje acabamos o espetáculo e conseguimos definir todos os detalhes e todos se sentem muito entusiasmados. (A.)</p> <p>Todos nós colaborámos em grupo e juntos. Ao longo destes meses temos feito um bom trabalho. (B.)</p>
Valorização negativa	

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

Categorias	Sessão 16 – 31 maio 2023 – sala auditório CAS
<p>O que eu senti</p> <p>Sobre mim</p>	<p>Hoje senti-me triste e feliz ao mesmo tempo. Deixou-me super feliz fazer parte deste projeto, foi algo que me trouxe muitas emoções e me fez olhar para as pessoas de uma forma mais contente. (Mar.)</p> <p>Vai deixar tantas saudades. (S.)</p> <p>Senti-me bem antes e depois. (Ti.)</p>
<p>Sobre os outros</p>	<p>Gosto mesmo destes meninos. Têm um espaço no meu coração. (S.)</p>
<p>Sobre momentos partilha</p>	<p>Gostei muito de estar com vocês. (C.)</p>
<p>O que eu mudei</p>	
<p>Sobre as propostas e dinâmicas dos exercícios</p> <p>Sentimentos positivos</p>	
<p>Dificuldades/Constrangimentos</p>	
<p>Expectativas</p>	<p>Gostava de participar em mais projetos deste género. (Mar.)</p> <p>Mal posso esperar por levar este sentimento para fora do nosso espaço e mostrar a quem nos vir um pedacinho de cada um de nós intrínseco no espetáculo através da nossa atuação. (Mi.)</p> <p>Vai corre tudo bem... estamos preparados para o próximo desafio. (S.)</p> <p>(...) a apresentação vai correr super bem. (N.)</p>
<p>Avaliação</p> <p>Valorização positiva</p>	<p>Foi um caminho muito bonito. Chorei hoje no fim de tudo. Acho que foi e é uma oportunidade maravilhosa, acho que aprendi muito com tudo o que fizemos. Uma das melhores experiências que já tive. (G.)</p> <p>Foi um esforço mútuo, em união. Querendo ou não esta caminhada fez-me crescer e ver as coisas de forma diferente. (Mi.)</p> <p>Acho que também lhes fizemos bem, vamos ficar nas memórias deles, espero eu. (S.)</p> <p>Conseguimos fazer tudo. (...) Vou ter muitas saudades disto. (A.)</p>

Apêndice 4 - Análise dos Diários de Bordo (*continuação*)

	Hoje foi a última sessão e foi uma sensação um bocado estranha, terminamos uma “etapa” mas vai deixar muitas saudades. (N.) Trabalhámos todos em grupo e todos os amigos se uniram. (...) Foi um trabalho muito bonito. (...) Partilhámos a amizade em conjunto. (B.)
Valorização negativa	

Apêndice 5 – Guião de entrevista

Guião da Entrevista

Projeto

Teatro e Inclusão - A importância do teatro no processo de inclusão de jovens e adultos com deficiência intelectual e de desenvolvimento que tem como objetivo geral: Promover relações sociais, com base na prática teatral, entre os jovens com e sem DID.

Objetivos da entrevista: Esta entrevista visa recolher informação sobre a opinião de informadores privilegiados considerados no projeto de investigação, sobre;

- a importância da temática para fomentar processos inclusivos;
- sobre a importância de promover relações sociais, com base na prática teatral, entre jovens com e sem DID;
- a empatia e o nível de relação criado entre participantes;
- os potenciais impactos para a comunidade educativa onde se desenvolver o projeto.

Uso da informação recolhida: estritamente para uso do estudo em causa.

Autorização para referência: confidencialidade ou possibilidade de mencionar o nome.

Entrevistados:

Julieta Aurora Santos – diretora artística do Teatro do Mar

Luis João Mosteias – Serviço Educativo Teatro do Mar, participante

Mónica Duarte – Técnica Cercisiago, observadora

1.1 Apêndice 5 – Guião de entrevista (continuação)

Blocos	Objetivos específicos	Formulário das questões
<p>A</p> <p>Justificação da entrevista</p> <p>Motivação do entrevistado</p>	<p>. Explicitar os fundamentos e objetivos da entrevista;</p> <p>. Motivar o entrevistado;</p> <p>. Garantir a confidencialidade;</p> <p>. Solicitar autorização para o registo áudio da entrevista.</p>	<p>. Dar a conhecer as linhas gerais da investigação</p> <p>. Enquadrar a importância do entrevistado para o estudo em causa</p> <p>. Assegurar o carácter confidencial das informações prestadas;</p> <p>. Pedir autorização para gravar a entrevista;</p> <p>. Agradecer a colaboração.</p>
<p>B</p> <p>Apresentação do entrevistado</p>	<p>. identificar o entrevistado</p>	<p>- Profissão/ cargo</p> <p>- Pequeno resumo do seu percurso académico</p> <p>- Pequeno resumo da prática profissional</p> <p>- Instituição que representa</p>
<p>C</p> <p>Obter opinião acerca do impacto da prática da Expressão Dramática</p>	<p>Conhecer perceções acerca da pertinência da utilização do teatro enquanto ferramenta inclusiva</p>	<p>. Como avalia a necessidade de desenvolver propostas inclusivas tendo como ferramenta o teatro e a expressão dramática?</p> <p>. Que importância atribui às artes como estratégia para a inclusão de pessoas com deficiência intelectual?</p> <p>. Que papel poderão ter as artes na educação e na inclusão em contextos educativos?</p> <p>. Podemos, ou não, na sua opinião, considerar que o Teatro e a Expressão Dramática promovem relações sociais entre os jovens com e sem DID? Justifique a sua resposta.</p>
<p>D</p> <p>Avaliação</p>	<p>Conhecer perceções acerca da avaliação do projeto e do seu impacto nos jovens e na comunidade.</p>	<p>. Que balanço faz deste projeto de Teatro Inclusivo em relação a:</p> <ol style="list-style-type: none"> Construção de relações entre grupos; Na forma como cada participante se foi envolvendo no desafio; Na cumplicidade criada entre os participantes ao longo do processo. <p>. Como avalia o resultado final da implementação deste projeto em relação a:</p> <ol style="list-style-type: none"> sua eficácia na empatia entre participantes e audiência?; na promoção da inclusão?; no impacto que teve na comunidade?

Apêndice 6 - Entrevistas

Entrevista 1 - Julieta Aurora Santos

Pergunta (P.) Qual a sua Profissão/ cargo?

Resposta (R.) Sou diretora artística de uma companhia de teatro profissional, de caráter multidisciplinar, e Presidente da Direção de uma associação de animação cultural, sem fins lucrativos.

P. Faça, por favor, um pequeno resumo do seu percurso académico.

R. Tenho uma Pós-graduação em Artes de Rua, tirado na Universidade de Lleida, Catalunha Espanha. Frequentei as licenciaturas de Comunicação Social na Universidade Nova de Lisboa e Estudos Artísticos na Universidade de Évora, não concluídas.

P. Faça, por favor, um pequeno resumo da prática profissional.

R. Dirijo artisticamente e sou encenadora e autora/dramaturga, das criações artísticas da companhia que dirijo, há 37 anos. Encenei cerca de uma centena de espetáculos, ao longo de 37 anos, muitos deles com percurso nacional e internacional. Dirijo atores, bailarinos e artistas de circo, entre inúmeros projetos com a comunidade. Nos últimos anos os objetos artísticos que crio são híbridos, no sentido da sua multidisciplinariedade, também nos elencos que os compõem.

P. Que instituição representa?

R. Represento o Teatro do Mar e a Contra-Regra – Associação de Animação Cultural, ambos com morada em Sines, Portugal.

P. Como avalia a necessidade de desenvolver propostas inclusivas tendo como ferramenta o teatro e a expressão dramática?

Apêndice 6 – Entrevistas (*continuação*)

R. As práticas do teatro e da expressão dramática promovem, entre outros, uma maior capacidade de escuta e conhecimento pessoal e do outro. Daquilo que nos aproxima, enquanto semelhantes, e também no que nos diferencia positivamente. Ensina-nos a valorizar a diferença, entendendo-a como algo que acrescenta pluralidade e, por isso, valor ao mundo.

P. Que importância atribui às artes como estratégia para a inclusão de pessoas com deficiência intelectual?

R. As artes são uma forma do ser humano se expressar, usando um vocabulário que vai além das palavras e da gestualidade. O universo do sensível, dos sentimentos e das emoções, é comum a todos os seres humanos, com ou sem deficiência intelectual. As artes colaboram em encontrar outras formas, outras linguagens de comunicação, sem o domínio da razão ou do intelecto. Nesse sentido, precisamente porque derruba barreiras, transpondo limites ao nível do autoconhecimento e, respetivamente, no do outro, aproximam as pessoas da sua humanidade, independentemente das limitações que possam existir, reconhecendo valores que transcendem a capacidade racional.

P. Que papel poderão ter as artes na educação e na inclusão em contextos educativos?

R. O papel de contribuir para um maior entendimento do ser humano, em toda a sua dimensão e diversidade, não centrado unicamente na capacidade intelectual, e assentando sobretudo no papel das emoções como o principal agente para promover a educação nas suas diferentes vertentes. Se é necessário incluir, é porque ainda se exclui. As artes são fundamentais para tornar o conceito de inclusão num princípio e valor intrínseco nas relações humanas, tornando-o, gradualmente, obsoleto.

P. Podemos, ou não, na sua opinião, considerar que o Teatro e a Expressão Dramática promovem relações sociais entre os jovens com e sem DID? Justifique a sua resposta.

R. Por todas as razões apresentadas, absolutamente sim.

Apêndice 6 – Entrevistas (continuação)

P. Que balanço faz deste projeto de Teatro Inclusivo em relação a:

- a) Construção de relações entre grupos;
- b) Na forma como cada participante se foi envolvendo no desafio;
- c) Na cumplicidade criada entre os participantes ao longo do processo.

R: O balanço é extremamente positivo. Ao longo do processo foram criados laços e relações positivas entre os jovens e, poderei dizer, o resultado foi, acima de tudo, ainda mais enriquecedor para os jovens sem DID, reconhecendo as suas próprias limitações, e dificuldades, enquanto indivíduos, e simultaneamente, reconhecendo nos jovens com DID potencialidades e capacitação para além das limitações intelectuais.

Nos jovens com DID não se reconheceu nenhuma dificuldade ao nível do preconceito, estando totalmente abertos à convivência e trabalho com o restante grupo, sem qualquer tipo de constrangimento, revelando alegria por partilharem tempo e experiências com novas pessoas.

P. Como avalia a forma como o resultado final decorreu em relação a:

- a) sua eficácia na empatia entre participantes e audiência;
- b) na promoção da inclusão?
- c) no impacto que teve na comunidade?

R: A empatia gerada foi resultado de um processo criativo que teve como base a própria história deste encontro: as dúvidas e inseguranças, a desconfiança do que é novo e diferente, as ideias pré-concebidas sobre o outro. Bastaram poucas sessões, a partilha destas questões, do quotidiano de cada um, as rotinas, os gostos, as alegrias e as tristezas, para que não existissem dois grupos e passasse a ser um único, a desenhar um possível espetáculo, cada um a dar o seu contributo e a incutir a sua identidade particular no processo e no resultado.

Tal como os jovens participantes, o público reagiu carinhosa e emotivamente. Participaram na conversa final com os intervenientes, revelando interesse pelo processo de trabalho. O impacto foi extremamente positivo, a todos os níveis.

Apêndice 6 – Entrevistas (*continuação*)

Entrevista 2 - Luis João Mosteias

Pergunta (P.) Qual a sua Profissão/ cargo?

Resposta (R.) Actor, Diretor técnico e formador nas oficinas de teatro.

P. Faça, por favor, um pequeno resumo do seu percurso académico.

R. 12º ano

P. Faça, por favor, um pequeno resumo da prática profissional.

R. Ator e diretor técnico na companhia Teatro do mar desde 2001 e formador nas oficinas do Teatro do Mar desde 2010

P. Que instituição representa?

R. Contra-Regra Associação de Animação Cultural - Teatro do Mar

P. Como avalia a necessidade de desenvolver propostas inclusivas tendo como ferramenta o teatro e a expressão dramática?

R. Uma das questões com que me deparei ao longo deste processo foi a palavra “inclusão”, pois bem, se temos de usar estratégias de inclusão, propostas inclusivas e tudo o que daí advém, então é porque estamos a excluir, vivemos numa sociedade que exclui, que vê a diferença como algo negativo.

O teatro e a expressão dramática podem ser usados como um veículo de sensibilização para questões sociais, pode ajudar no desenvolvimento de habilidades interpessoais empatia, comunicação e autoconfiança, e pode também servir para quebrar barreiras e estereótipos, ajudando a construir uma sociedade mais humanista. É por si só uma atividade que pode ser desenvolvida por e para todos.

Apêndice 6 – Entrevistas (continuação)

P. Que importância atribui às artes como estratégia para a inclusão de pessoas com deficiência intelectual?

R. As artes desempenham um papel fundamental na inclusão de indivíduos com deficiência intelectual e de desenvolvimento, este projeto mostrou-me que todos temos capacidades, o foco não pode ser a dificuldade, mas sim o caminho a percorrer para ultrapassar essa mesma dificuldade, as artes contribuem para o desenvolvimento cognitivo para a autoconfiança e autoestima e o respeito pela diversidade.

P. Que papel poderão ter as artes na educação e na inclusão em contextos educativos?

R. No meu ponto de vista as artes são essenciais na educação e na promoção da inclusão em contextos educativos, oferecendo oportunidades de aprendizagem ricas aos alunos, bem como o desenvolvimento de habilidades e construção de um ambiente escolar mais diversificado e inclusivo.

Podemos, ou não, na sua opinião, considerar que o Teatro e a Expressão Dramática promovem relações sociais entre os jovens com e sem DID?

Sem dúvida que sim, ao longo destas semanas de trabalho os alunos envolvidos neste projeto foram partilhando experiências, vivências e a cada semana, constatei que as relações entre eles ficavam mais fortes estavam cada vez mais unidos, passaram a ser um grupo de amigos.

P. Que balanço faz deste projeto de Teatro Inclusivo em relação a:

a) Construção de relações entre grupos;

R. O relacionamento entre grupos não podia ter sido melhor, se no início do projeto havia o grupo do Teatro do mar e o grupo da CERCI, no final do mesmo só existia um grupo, um grupo de amigos que gostavam de estar juntos.

b) Na forma como cada participante se foi envolvendo no desafio;

Apêndice 6 – Entrevistas (continuação)

R. Num grupo tão diverso e com características tão especiais o envolvimento dos participantes foi extraordinário, todos participavam nos exercícios propostos com grande entrega e com grande disponibilidade.

c) Na cumplicidade criada entre os participantes ao longo do processo.

R. Ao longo deste projeto os alunos criaram entre si cumplicidades, foi notório que já havia um grande conhecimento entre si, vários alunos tinham relações de amizade mais próxima, alguns escolhiam sempre o mesmo par para realizar os exercícios, ajudando-se mutuamente.

P. Como avalia a forma como o resultado final decorreu em relação a:

a) sua eficácia na empatia entre participantes e audiência?

R. A ligação entre o público e participantes foi estrondosa, senti que as pessoas que assistiram ao resultado final deste projeto ficaram de coração cheio, a entrega e a generosidade dos participantes comoveu e criou empatia a quem assistia.

b) na promoção da inclusão?

R. Sem dúvida que ações deste género promovem a inclusão, e dou como exemplo o próprio Teatro do Mar, nunca a companhia ou o seu serviço educativo tinham tido a experiência de trabalhar ou partilhar experiências com jovens com necessidades educativas especiais. Possivelmente poucas pessoas na plateia já tinham assistido a um espetáculo como o que assistimos.

É fundamental que ações deste tipo sejam dadas a conhecer ao público em geral, que a diferença existe e precisamos aprender com as diferenças.

c) no impacto que teve na comunidade?

R. Na minha perspetiva o impacto foi enorme, o facto de estar no auditório da cidade um espetáculo onde alguns dos intérpretes tem necessidades educativas especiais já é uma conquista. Neste momento avalia-se, no seio do Teatro do Mar, dar continuidade deste projeto

Entrevista 3 - Mónica Duarte

Pergunta (P.) Qual a sua Profissão/ cargo?

Resposta (R.) Psicomotricista na Cercisiago.

P. Faça, por favor, um pequeno resumo do seu percurso académico.

R. Licenciatura em motricidade humana vertente educação especial e reabilitação.

P. Faça, por favor, um pequeno resumo da prática profissional.

R. Psicomotricista na Cercisiago desenvolvendo práticas multidisciplinares a nível cognitivo e motor. Participação em diversas formações no âmbito da reabilitação, música e expressão dramática. Membro da direção da Cercisiago durante 2 anos. Participação em várias residências artísticas e formações de teatro dinamizadas pelo ator Marco Paiva. Instrutora Fitness International com especialização em aulas de grupo. Instrutora na cadeia Kalorias.

P. Que instituição representa?

R. Cercisiago.

P. Como avalia a necessidade de desenvolver propostas inclusivas tendo como ferramenta o teatro e a expressão dramática?

R. Consideramos o Teatro e a Expressão Dramática uma ferramenta com profunda importância e pertinência em alguns casos.

P. Que importância atribui às artes como estratégia para a inclusão de pessoas com deficiência intelectual?

R. As artes permitem que cada pessoa se expresse à sua maneira, sendo as artes uma ferramenta estratégica para a integração.

Apêndice 6 – Entrevistas (continuação)

P. Que papel poderão ter as artes na educação e na inclusão em contextos educativos?

R. Através das artes performativas consegue-se a equidade.

P. Podemos, ou não, na sua opinião, considerar que o Teatro e a Expressão Dramática promovem relações sociais entre os jovens com e sem DID?

Justifique a sua resposta.

R. Podemos considerar de elevada relevância ferramentas como o teatro e a expressão dramática nas relações interpessoais entre pessoas com e sem DID.

Por esta ser uma ferramenta fundamental que fomenta as relações interpessoais e a entreajuda e coesão permitindo uma maior empatia entre o grupo. O teatro e a expressão dramática permitem uma maior abertura pessoal assim como entrega ao outro e a si mesmo. Sendo esta uma ferramenta de trabalho fundamental, em alguns casos, na nossa instituição.

P. Que balanço faz deste projeto de Teatro Inclusivo em relação a:

a) Construção de relações entre grupos;

Observou-se entre os dois grupos uma grande disponibilidade física, emocional, que resultou num grupo coeso.

b) Na forma como cada participante se foi envolvendo no desafio;

Cada participante foi-se envolvendo no projeto ao seu ritmo, sendo este um desafio com um balanço bastante positivo no que diz respeito à entrega por parte de todos os envolvidos.

c) Na cumplicidade criada entre os participantes ao longo do processo.

Apêndice 6 – Entrevistas (*continuação*)

Ao longo do projeto, foi-se observando uma grande capacidade de entrega e uma disponibilidade, tanto física como mental, por parte de todos, o que tornou este grupo num grupo coeso e com relações de interajuda.

P. Como avalia a forma como o resultado final decorreu em relação a:

a) sua eficácia na empatia entre participantes e audiência?

O resultado final foi bastante positivo, tendo-se observado uma grande entrega por parte da audiência. Foi notória a sensibilidade e a capacidade empática entre todos os envolvidos.

b) na promoção da inclusão?

O resultado final foi bastante satisfatório, uma vez que se conseguiu passar a mensagem de que é possível criar um grupo com elementos com características tão diferentes e, através das artes, ultrapassar desafios e conseguir dar voz a este grupo.

c) no impacto que teve na comunidade?

O impacto foi bastante positivo, pois foi notória uma sensibilidade por parte do público e, conseqüentemente, uma capacidade empática. O feedback por parte do público superou todas as expectativas, tendo-se baseado em manifestações de agrado, de reconhecimento e de empatia.

Apêndice 7 – Folha de sala do espetáculo “Empatia”



Projeto de Investigação no âmbito do Mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo e Motor
pela Escola Superior de Educação de Beja

7 JUNHO 23 // 14:30H
Auditório Centro de Artes de Sines

com Aladino Vieira // Carina Marques // Gabriela Miranda // Iuri Torres // Maria Raposo // Miguel Catrapona // Núria Tavares
Paulo Bochinha // Paulo Romão // Salomé Mosteias // Tânia Saldanha // Tiago Santos

agradecimentos Cercisiago // Escola Superior de Educação de Beja // Centro de Artes de Sines

apoios



Apêndice 7 – Folha de sala do espetáculo “Empatia” (continuação)

Ponto de partida...

"EMPATIA" é um espetáculo que resultou de um processo de investigação-ação no âmbito do mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo e Motor, desenvolvido pela mestranda Tânia de Brito. O trabalho de investigação tem como objetivo compreender a relação entre Teatro e Inclusão e a importância do teatro no processo de inclusão de jovens e adultos com deficiência intelectual e de desenvolvimento (DID).

Neste projeto, desenvolvido ao longo de 16 semanas, trabalhamos com jovens/jovens adultos associados a duas instituições: a Companhia Teatro do Mar e a Cercisiago. Convidámos alguns jovens adolescentes sem deficiência intelectual (Oficinas de Teatro do Serviço Educativo do Teatro do Mar) e jovens e adultos com deficiência intelectual, (Cercisiago), para participar num processo de Teatro e Expressão Dramática. Foi este o desafio: uma experiência, e uma viagem, que procurou entender se, através da prática teatral, se podem construir contextos inclusivos.

A premissa de partida que alimentou este processo de trabalho foi o de refletir como a ARTE e a EDUCAÇÃO, em conjunto, podem ocupar um papel importante na sociabilização e na afirmação da diferença. Pensamos na arte essencialmente como um meio, uma construção participada/participativa, e não somente num produto final apresentado aos que nela participam. Considerou-se, por isso, o teatro como um instrumento que estimula e desenvolve competências sociais, cognitivas e motoras e as práticas do teatro e da expressão dramática como ferramentas criativas que promovem o conhecimento de si e a relação com o outro. Em última instância, serão ferramentas que poderão ser aplicadas em contextos educativos inclusivos, encontrando nestes um lugar para todos e para cada um, constituindo-se como forças motrizes para a melhoria e mudança significativas nas relações sociais.

Ponto de chegada...

EMPATIA é um lugar de encontro. Lugar de direito. Lugar de amor. Ocupar espaços vazios, perder os movimentos mecânicos incutidos pela rotina dos dias, abrir a caixa e descobrir outros caminhos, outros diferentes, que afinal são tão os mesmos. Amar quem se encontra. Descobrir quem se vê. Partilhar vida. Respeito. Empatia. Amor. Falamos de amor o tempo todo. De amor, de coração e de casa. Ah... se me deixasses ser...

Tânia de Brito

De Sines, integra em 1997, o Curso de formação de atores do CENDREV (Évora); Desde os 1991 e até 2003 fez parte do elenco de atores da Companhia de teatro itinerante Teatro do Mar, tendo coordenado o Serviço Educativo do Teatro do Mar – Oficinas de Teatro (2010 – 2021); Em 2005 assume funções no departamento de Educação do Município de Sines, como professora de Expressão Dramática nas escolas do 1º ciclo, sendo hoje, Técnica Superior. Concluiu a Licenciatura em Animação Sociocultural -Escola Superior de Educação de Beja em 2011.

Quem Somos?

Intérpretes: Aladino Vieira / Carina Marques / Gabriela Miranda / Iuri Torres / Maria Raposo / Miguel Catrapona / Núria Tavares / Paulo Bochinha / Paulo Romão / Salomé Mosteias / Tânia Saldanha / Tiago Santos

Técnicas Cerci: Maria Helena Santos / Mónica Duarte / Rafaela Pinela

SE Teatro do Mar: Luís João Mosteias

Mestranda/Responsável pelo projeto: Tânia de Brito